



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

DULCINÉIA VIEIRA DA ASSUNÇÃO GOMES

**IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES INFORMACIONAIS SOBRE A
MATURIDADE PARA MULHERES QUE VIVENCIAM ESTA FASE DA VIDA.**

Salvador
2024

DULCINÉIA VIEIRA DA ASSUNÇÃO GOMES

**IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES INFORMACIONAIS SOBRE A
MATURIDADE PARA MULHERES QUE VIVENCIAM ESTA FASE DA VIDA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para conclusão do curso de mestrado em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ana Paula de Oliveira Villalobos

Salvador
2024

G633

Gomes, Dulcinéia Vieira de Assunção

Identificação das necessidades informacionais sobre a maturidade para
mulheres que vivenciam esta fase da vida. / Dulcinéia Vieira de Assunção Gomes

– Salvador, 2024.

120fls.

Orientadora: Prof^a Dra. Ana Paula de Oliveira Villalobos

Dissertação - Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal da
Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2024.

1 Informação de mulheres na maturidade 2 Mulheres na maturidade

3 Identificação na maturidade I Universidade Federal da Bahia, Instituto de

Ciência da Informação ii Título

CDU: 025.5

DULCINÉIA VIEIRA DE ASSUNÇÃO GOMES

**NECESSIDADES INFORMACIONAIS SOBRE A MATURIDADE PARA
MULHERES QUE VIVENCIAM ESTA FASE DA VIDA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27/06/2024

Banca Examinadora

Ana Paula de Oliveira Villalobos

Prof.^a Dra. Ana Paula de Oliveira Villalobos - Orientadora – UFBA

Cláudia Silva Marinho

Prof.^a Dra. Cláudia Silva Marinho - Membro Externo Titular - UFBA

Alzira Tude de Sá

Prof.^a Dra. Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá - Membro Interno Titular – UFBA

*Esta dissertação foi iniciada no período da
pandemia e é dedicada a todas as vidas
ceifadas pela covid-19, em especial às
mulheres.*

AGRADECIMENTOS

Nunca sabemos quando será a última vez...

Dou graças a **Deus**. Sem a sua bênção e proteção eu não estaria vivendo este momento.

Ao meu **Pai**, Alfredo Vieira de Assunção... Tenho orgulho dos seus 93 anos de lucidez e inteligência. Um sertanejo humilde, de pouco estudo, que saiu da roça para a cidade e nela se estabeleceu como um homem de coragem e trabalhador, e sem medo do desconhecido, aceitou desafios ousados, enfrentou dias difíceis e superou tudo fazendo prevalecer a sua honestidade. Painho, obrigada pelos ensinamentos, pelo apoio nos estudos e pelo seu amor.

À minha **Mãe**, Edith Vieira de Assunção, minha princesa! Uma mulher fortalecida na fé e na humildade. Com amor, doou a sua vida a cuidar da família abdicando, muitas vezes, das oportunidades de vivê-la. Tenho certeza que hoje, aos 87 anos, se não fossem as limitações cognitivas da demência, estaria feliz e orgulhosa por mais essa vitória em minha vida. Mãe, gratidão por tudo! Obrigada por todo amor dedicado a mim enquanto pôde.

Agradecimento especial ao meu **esposo**, Wagner Miranda Gomes. Ele o meu grande incentivador. Foi ele quem descobriu em mim as potencialidades que nem eu mesma sabia ter, e nelas investiu com todo apoio. Por ele eu cultivo amor e admiração, além de respeito a sua inteligência e a sua capacidade de se dedicar aos propósitos de vida. O seu amor e a sua compreensão foram fundamentais nesta e em muitas outras conquistadas da minha vida. Sou grata por tê-lo ao meu lado e por tudo.

Gratidão a minha **orientadora**, Prof.^a Dr.^a Ana Paula Villalobos, pelos direcionamentos e pela sua capacidade singular de acolhimento. Uma educadora exemplar, amável e bondosa. Obrigada, Professora!

Obrigada a todos que, de alguma maneira, contribuíram para o meu sucesso nesta jornada.

RESUMO

A necessidade informacional é inerente à vida e ao processo de busca por conhecimento. A identificação das lacunas informacionais sobre a maturidade por mulheres que vivenciam esta etapa e o comportamento informacional adotado por elas são assuntos relevantes para a Ciência da Informação. A presente pesquisa trata sobre a identificação das necessidades informacionais relacionadas à maturidade para mulheres que vivenciam esta fase da vida. O estudo teve como objetivo identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres servidoras UFBA lotadas no Hospital Universitário, que passam por este período, e como objetivos específicos: a) caracterizar as mulheres, entre 35 a 59 anos, servidoras da UFBA lotadas no hospital universitário; b) apresentar os conteúdos informacionais sobre a maturidade informados por elas, e c) descrever informação, a busca informacional e as fontes utilizadas pelas mulheres. Trata-se de uma pesquisa descritiva, que teve como instrumento de coleta de dados um questionário encaminhado para o endereço eletrônico. O campo investigado foi o Hospital Universitário vinculado a UFBA. O universo foi composto por 219 servidoras, que se enquadraram no perfil delimitado. A amostra investigada foi composta de 21 mulheres respondentes, servidoras lotadas nessa instituição hospitalar. Sob a aplicação da técnica de Análise de Conteúdo de *Bardin*, os dados coletados foram organizados em três categorias: perfil das mulheres, conteúdos informacionais sobre a maturidade, e informação, busca informacional e fontes acessadas. Os resultados evidenciaram que a maioria das mulheres tem entre 46 e 54 anos, é casada, tem filhos, possui nível superior com ocupação na área da saúde, é parda, de religião católica, pratica atividade física, possui alguma doença crônica e tem renda familiar superior a quatro salários mínimos. A maioria reconhece a maturidade como um período de mudanças e transformações com impactos na saúde física e mental, tendo o climatério e a menopausa como sinalizadores dessa transição na vida da mulher. A maioria delas define informação como dados e todas buscam informação, principalmente, sobre saúde. As fontes mais acessadas são internet e jornal, e atendem as necessidades informacionais das servidoras. Dos resultados, conclui-se que há lacunas informacionais sobre a maturidade relacionadas não apenas a esta fase da vida como, também, sobre muitos outros assuntos pertinentes ao momento vivenciado.

Palavras-chave: Identificação da informação. Necessidades Informacionais. Informação e Maturidade. Mulheres na Maturidade.

ABSTRACT

The informational need is inherent to life and the process of searching for knowledge. The identification of information gaps about maturity by women who experience this stage and the information behavior adopted by them are relevant issues for Information Science. This research deals with the identification of informational needs related to maturity for women who experience this phase of life. The study aimed to identify the informational needs about maturity for women UFBA employees working at the University Hospital, who go through this period, and as specific objectives: a) characterize women, between 35 and 59 years old, UFBA employees working at the hospital university; b) present the informational content about maturity reported by them, and c) describe information, the information search and the sources used by women. This is a descriptive research, which used a questionnaire sent to the electronic address as a data collection instrument. The field investigated was the University Hospital linked to UFBA. The universe was made up of 219 servers, who fit the defined profile. The sample investigated was made up of 21 female respondents, employees working at this hospital institution. Using Bardin's Content Analysis technique, the collected data was organized into three categories: women's profile, informational content about maturity, and information, informational search and sources accessed. The results showed that the majority of women are between 46 and 54 years old, are married, have children, have a higher education degree with an occupation in the health sector, are mixed-race, Catholic, practice physical activity, have a chronic illness and have a family income. higher than four minimum wages. Most recognize maturity as a period of changes and transformations with impacts on physical and mental health, with the climacteric and menopause as signs of this transition in a woman's life. Most of them define information as data and they all seek information, mainly about health. The most accessed sources are the internet and newspapers, and they meet the informational needs of servers. From the results, it is concluded that there are information gaps about maturity related not only to this phase of life but also to many other issues pertinent to the moment experienced.

Keywords: Information identification. Informational Needs. Information and Maturity. Women in Maturity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Modelo de comportamento informacional.....	28
Figura 2 O contexto da procura por informação	28
Figura 3 Necessidades e procura por informação	32
Figura 4 Metáfora da teoria do Sense-Making (construção dos sentidos).....	38
Figura 5 Comparação dos esquemas de D. Ellis (1989) e de C.Kuhlthau (1991) sob a perspectiva de Wilson.	45
Figura 6 Modelo comportamental de busca de informação proposto por Ellis (1989)	46
Figura 7 Modelo de Peter Ingwersen.....	49
Figura 8 Renda familiar	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Processo de busca da informação.....	41
Quadro 2	Perfil das mulheres	71
Quadro 3	Conteúdos informacionais sobre a maturidade	86
Quadro 4	Informação, busca informacional e fontes acessadas	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Estado civil e perfil familiar	74
Gráfico 2	Grau de escolaridade.....	75
Gráfico 3	Ocupação	77
Gráfico 4	Cor de pele	80
Gráfico 5	Religião.....	81
Gráfico 6	Atividade física.....	82
Gráfico 7	Doença crônica, tratamento e uso de medicação contínua	84
Gráfico 8	Conceito de informação	96
Gráfico 9	Busca informacional.....	101
Gráfico 10	Fontes acessadas.....	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, COMPORTAMENTO E NECESSIDADE INFORMACIONAL	17
2.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	18
2.2 COMPORTAMENTO E NECESSIDADE INFORMACIONAL	24
2.3 MODELOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	26
2.3.1 Modelos de Thomas Wilson	27
2.3.2 Modelo de Brenda Dervin	36
2.3.3 Modelo de Carol Kuhlthau	40
2.3.4 Modelo de David Ellis - Comportamento de busca informacional	45
2.3.5 Modelo de Peter Emil Rerup Ingwersen - Recuperação cognitiva da informação	48
3 INFORMAÇÃO E MATURIDADE	51
3.1 INFORMAÇÃO E O PROCESSO DA MATURIDADE FEMININA	52
3.2 REFLEXOS DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL NA SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA	57
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	59
4.1 MÉTODO DE ABORDAGEM	60
4.2 MÉTODO DE PROCEDIMENTO	61
4.3 NÍVEL, OBJETIVOS E PROBLEMA DA PESQUISA	62
4.4 UNIVERSO E AMOSTRA	63
4.5 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	66
4.6 TRATAMENTO DOS DADOS	67
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
5.1 PERFIL DAS MULHERES	70
5.2 CONTEÚDOS INFORMACIONAIS SOBRE A MATURIDADE	85
5.3 INFORMAÇÃO, BUSCA INFORMACIONAL E FONTES ACESSADAS	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE	118
ANEXOS	123

1 INTRODUÇÃO

Araújo (2010) trata a informação, entre outras definições, como o estado de conhecimento (o que se conhece, o que se sabe): a informação não é apenas a sua manifestação física, o registro material do conhecimento – é preciso ver, também, o que está na mente dos usuários.

Segundo Capurro (2003), a informação não é o produto de uma mente única, vista isoladamente, mas construída pela intervenção e interação de vários sujeitos, e pelo campo de interações resultante de suas diversas práticas e percepções. Afirma, ainda, que é uma construção (algo é informativo num momento, em outro já não é mais; tem relevância para um grupo, mas não para outro; e assim sucessivamente). E acrescenta: é uma construção conjunta, coletiva. Assim, é possível inferir que a informação é um fenômeno social.

Inexoravelmente, informação e conhecimento sempre estiveram ligados às atividades do processo de desenvolvimento humano. É algo que não foge dos direitos de uma sociedade democrática. No Brasil, ter acesso à informação é um direito reconhecido e garantido pela Constituição da República de 1988, que tem como princípio fundamental o desenvolvimento da sociedade. Freire (2006) ressalta que a informação é muito relevante para os processos de desenvolvimento individual e coletivo e, atualmente, apresenta diversos contornos proporcionados pelo conhecimento amplo e as tecnologias. Ademais, os aspectos relevantes que estão relacionados à transversalidade nos vários setores da sociedade, tangenciam a ampliação do saber cotidianamente, inclusive, no campo científico e, sobretudo, nas necessidades preponderantes das atividades ligadas aos procedimentos de evolução individual e coletiva, e de qualidade de vida do ser humano. Nesse contexto, inserem-se o aumento dos integrantes sociais, das diversidades dentro das sociedades e o envelhecimento populacional.

Os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, no Brasil, trazem dados sobre o desenvolvimento e crescimento da população, destacando que na pirâmide populacional 51,1% se declaram mulheres e 48,9% homens. Além disso, a partir dos 30 anos o percentual de mulheres é superior ao dos homens em todos os grupos etários, sendo a proporção de 26,6% e 29,5% de homens e mulheres, respectivamente.

Nessa perspectiva, nota-se o desenvolvimento do envelhecimento humano com predominância de um gênero em relação ao outro do envelhecer populacional. Segundo Freitas (2002), envelhecer é um processo de percepção, de comportamento relativo ao acesso à informação e de conhecimento, sendo um processo em constante construção. Nesse sentido, Capurro (2003) corrobora e vai além, pois afirma que o indivíduo é construtor da própria velhice, que é influenciada pelo ambiente sociocultural onde se constrói a informação.

Envelhecer é um processo dinâmico e progressivo, no qual ocorrem mudanças inerentes que determinam, mesmo que de forma e intensidade diferentes em cada pessoa, a diminuição da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio e a maior vulnerabilidade aos processos patológicos. Em mulheres, segundo Freitas *et al.* (2002), esse processo é manifestado de forma peculiar à natureza feminina, pois as mudanças estão relacionadas à sua condição biológica, fisiológica, psicológica e sociocultural.

Assim, fundamentados nessas informações, este trabalho buscou identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para as mulheres que vivenciam esta fase da vida intensificada de mudanças e, assim, compreender como este período é percebido e informado por elas.

O despertar para o respectivo estudo surgiu a partir dos resultados alcançados no trabalho de conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde Coletiva da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde os resultados apontaram para o entendimento de que o processo de envelhecimento feminino está relacionado a algo patológico, fóbico e causador de inúmeras dependências. Com base nesses achados e na perspectiva de refutar esse entendimento, surgiu a inquietação em perguntar quais são as necessidades informacionais sobre maturidade para mulheres que vivenciam este período da vida?

Entendeu-se, portanto, que existe a necessidade de desenvolver pesquisas mais aprofundadas no que diz respeito ao conhecimento acerca da maturidade para as mulheres que estão vivenciando este período que antecede a velhice, como identificar o conhecimento que elas têm acerca desse processo e como ele é informado.

A abordagem dessa temática é relevante sob muitas perspectivas, com o embasamento do entendimento que as mulheres na maturidade têm sobre esta fase da vida, da identificação das mudanças que as acometem e da identificação das

informações que elas detêm acerca desse período e das suas lacunas informacionais relacionadas pois possibilitará trazer contribuições em nível multidisciplinar. Ademais, norteará as melhorias para a qualidade de vida das mulheres maduras, inclusive nos aspectos relacionados às suas atividades organizacionais.

Além disso, a identificação das necessidades informacionais sobre a maturidade na perspectiva da mulher poderá impulsionar a criação de políticas públicas voltadas para a propagação de informação, orientação e conhecimento sobre esse processo. Poderá contribuir, também, para a adoção de medidas alternativas que irão influenciar e favorecer a promoção da saúde física e mental durante a vivência da meia idade no âmbito pessoal, social e profissional da mulher.

Não é de hoje que as organizações se mobilizam e se preocupam com a saúde e a qualidade de vida no trabalho. Diversas iniciativas voltadas para essa temática são adotadas tanto na rede pública como no meio privado. É fácil perceber a relação muito próxima do que esta pesquisa pretende e os seus impactos no desempenho profissional relativo ao bem-estar e a qualidade de vida no trabalho, e os aspectos relacionados às políticas, ações e iniciativas direcionadas a esse tema.

Nesse sentido, é necessário desenvolver estudos e pesquisas sobre o perfil informacional manifestado por mulheres na maturidade. Como esses aspectos poderão trazer entendimentos e contribuições para a Ciência da Informação, ratificando os aspectos cognitivos, socioculturais e intersubjetivos que estão envolvidos na construção da informação e do conhecimento, o presente estudo procurou, através do objetivo geral: identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres, servidoras UFBA lotadas em um Hospital Universitário, que passam por este período da vida. E, para isso, foram estabelecidos os objetivos específicos: a) caracterizar as mulheres, entre 35 a 59 anos, servidoras da UFBA lotadas no hospital universitário; b) apresentar os conteúdos informacionais sobre a maturidade informados por elas, e c) descrever informação, a busca informacional e as fontes utilizadas pelas mulheres.

Nesta pesquisa, para maior entendimento sobre o tema, foram realizados estudos sobre informação, necessidades informacionais, busca e recuperação da informação. Ademais, permitiu aprofundar os estudos sobre o processo da maturidade pelo qual passam as mulheres, a partir de delimitadores cronológicos e determinantes fisiológicos.

Quanto à metodologia tratou-se de uma pesquisa descritiva, que teve como campo de investigação o Hospital Universitário vinculado a UFBA. O instrumento de coleta de dados foi um questionário enviado por meio de endereço eletrônico para cerca de 219 servidoras, que se enquadraram no perfil delimitado e a amostra foi composta por 21 respondentes. Os dados coletados foram organizados em categorias, tratados e analisados sob a aplicação da Análise de Conteúdo de Bardin.

Nos resultados foi constatada a existência de necessidades informacionais sobre a maturidade nas mulheres, o que levou ao entendimento de que é importante ampliar as possibilidades de informação sobre essa fase da vida e suas implicações não somente às mulheres, mas à sociedade, desmistificando as dúvidas e esclarecendo sobre esse processo natural da vida.

O estudo apresentou limitações no tempo e espaço, sendo as principais: a realização da pesquisa no período de pandemia, tendo que conciliar com a ocupação profissional na linha de frente, tempo prolongado de validação pela Comissão de Ética em Pesquisa do Hospital e dificuldade em obter as respostas ao questionário.

No entanto, essas limitações podem ser origem de novos estudos que aprofundem e ampliem os conhecimentos sobre o tema, contribuindo para a Ciência da Informação e para o desenvolvimento de estratégias organizacionais relativas às necessidades informacionais sobre a maturidade na mulher.

Na sequência desta introdução será apresentada a revisão de literatura, a metodologia adotada, resultados encontrados e as considerações trazidas a partir das reflexões da autora e das referências literárias que embasaram o desenvolvimento das evidências do conhecimento neste estudo.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO, COMPORTAMENTO E NECESSIDADE INFORMACIONAL

A *Association of College and Research Libraries* (2015) entende competência em informação como um conjunto de práticas integradas que abrangem a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso na criação de novos conhecimentos e na participação de forma ética em comunidades de aprendizagem. O indivíduo desenvolve a competência em informação quando usa os meios informacionais para adquirir habilidades que o permitam interpretar suas próprias necessidades e, assim, desenvolver conhecimentos que, atrelado aos seus valores, possibilitem atender às demandas informacionais e, conseqüentemente, implementar mudanças comportamentais e sociais.

Pettigrew, Fidel e Bruce (2001) compreendem o comportamento informacional como atividades que envolvem as necessidades dos usuários e de como buscam, usam e transferem a informação. É a conduta que o usuário manifesta em relação ao uso de fontes e canais de informação, incluindo a busca informacional. É a ação de buscar informação conforme a necessidade existente de satisfazer um desejo ou um objetivo (GASQUE E COSTA, 2010). Nesse sentido, infere-se que o comportamento informacional é o procedimento adotado pelo usuário para incorporar e envolver novas informações aos conhecimentos pré-existentes satisfazendo, assim, a necessidade de informação estabelecida quando da consciência de sua existência.

A necessidade informacional não é um entendimento único, absoluto, independente ou algo isolado. Envolve processos cognitivos individuais e comportamentais que, influenciados por diversos contextos, resulta na inquietação acerca de determinado assunto. Segundo Crawford (1978) citado por Paim (1998), é difícil conceituar, isolar e mensurar a necessidade de informação. Ela envolve o processo cognitivo e opera em diferentes níveis de consciência humana. Bettiol (1990) afirma que ela é tratada como algo subjetivo que pode ocorrer de forma individual e sob circunstâncias específicas.

O presente capítulo abordará a competência em informação, o comportamento e a necessidade informacional em sub tópicos, assim divididos: 2.1 Competência em informação e 2.2 Comportamento e necessidades informacionais.

Os estudos acerca desses temas possibilitarão ao autor e aos leitores desta dissertação compreender sob o ponto de vista cognitivo, social, cultural e biológico, os impactos do entendimento da relação existente entre a consciência da necessidade de informação, o comportamento do usuário na busca pela informação e conhecimento e, como ele usa isso para prover qualidade de vida, desenvolvimento e a replicação do saber, tanto no âmbito individual como coletivo.

2.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

As revoluções sociais, econômicas e políticas ocorridas, particularmente nos Estados Unidos permitiram o estabelecimento de um novo domínio da informação que sequencialmente levou ao surgimento de políticas sobre a competência em informação. Nesse sentido, Dudziak (2016) descreve em um capítulo intitulado “Políticas de Competência em Informação” sobre o percurso histórico, ainda que não exaustivo e construído por meio de documentos publicados em torno do tema em seus primórdios, a descrição da sucessão de acontecimentos que antecederam o notável “Relatório do Comitê Presidencial da Competência em Informação” da *American Library Associati*, ocorrida em 1989.

Para melhor compreender os aspectos relativos à competência em informação é imprescindível o conhecimento da trajetória e do contexto histórico sobre o qual ela emergiu, bem como os conceitos e características da temática. Assim, esta seção tem o objetivo de abordar o tema, tratar dos antecedentes históricos, sociais, econômicos e políticos da competência da informação a partir da informação, apresentar conceitos, estudos, aplicabilidade e características a respeito do tema.

O cenário informacional na primeira metade do século XX era intrincado diante da quantidade e da complexidade das informações existentes, pois havia deficiência na coordenação e organização dos serviços de informação. Embora o então presidente dos EUA Roosevelt tenha assinado e formalizado, em 1942, um modo de coleta de informações e atos oficiais na forma da Lei Federal de Relatórios, não foi possível perceber significativas mudanças no panorama da gestão e organização da informação (DUDZIAK, 2016).

Concomitantemente, com o advento da primeira guerra mundial e seus consequentes impactos, as grandes turbulências econômicas afetaram as funções do governo americano. E, sob essas circunstâncias, foram criadas as agências governamentais no intuito de controlar, identificar, mensurar e promover a coleta de informações pelos cidadãos, empresas e indústrias.

Entre as décadas de 30 e 40, a educação de adultos ganhou valorização e expansão nos estados americanos. Diante do novo cenário próspero, com melhorias econômicas, educacionais e informacionais, especialmente pela expansão das bibliotecas e de seus acervos, fez-se necessário o desenvolvimento de técnicas de tratamento da informação, culminando com a extensa reformulação da ALA no final dos anos 50 e com ela o advento da evolução informacional nos anos 60 e 70 (DUDZIAK, 2016).

A evolução do tratamento informacional e dos investimentos educacionais ganhava força, assim como a ideia de que a informação era um recurso organizacional e, como tal, deveria ser planejado, gerenciado e controlado como qualquer outro recurso. Sob essa perspectiva, Horton Jr observou que havia o desenvolvimento de duas situações paralelas acontecendo ao mesmo tempo: uma seria o conceito de gestão de recursos da informação e a outra a indisposição do público em geral em não querer dispor de recursos para bens e serviços de informação, pois não sabiam como pesquisar, organizar e utilizar informações de forma eficiente e eficaz e, tampouco entendia por que a informação deveria ser considerada como um bem valorizado (DUDZIAK, 2016).

Ainda de acordo com as ideias da autora acima referenciada, as mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas ao longo da primeira guerra mundial e após o advento da guerra fria delimitaram o cenário de forma que a promoção da gestão da informação e dos recursos informacionais tornou-se necessária, valorizada e relevante, pois a era da informação estava instalada e era emergente, o que gerava interesses governamentais, pois a informação era entendida como sinônimo de poder. Assim, em 1966 foi publicada a lei federal norte-americana que permitia o acesso à informação por meio do *Freedom of Information Act* (Lei de liberação da informação).

Nesse contexto de acontecimentos históricos, a evolução nas formas de gerir e tratar a informação permitiu o desenvolvimento de técnicas e habilidades que culminaram com o aperfeiçoamento da busca pelo saber, pelo querer aprender. E,

diante dessa evolução na gestão da informação, Pellegrini e Vitorino (2016) concluíram que a competência em informação surgiu nos Estados Unidos na década de 70 sob a denominação de *Information Literacy*.

As reflexões acerca da competência da informação no cenário brasileiro foram abordadas nos grupos de pesquisa da área de Ciência da Informação, no século XXI, e seu desenvolvimento foi acontecendo sob diversas perspectivas. Conforme Furtado, Belluzzo e Pazin (2016) os estudos iniciais sobre competência em informação estiveram relacionados à educação de usuários, onde os pesquisadores analisaram as possibilidades de desenvolver habilidades pertinentes à informação em bibliotecas. Esses estudos resultaram em processo de valorização da informação e na ampliação do uso de técnicas como ferramenta de acesso para os usuários, momento em que o desenvolvimento de habilidades que permitam o acesso físico e intelectual aos recursos informacionais tornou-se necessário.

Os estudos envolvendo a competência em informação estão em evidência atualmente e sua aplicação pode se dar em muitas áreas do conhecimento multidisciplinar, pois têm aplicabilidade nas questões individuais e coletivas, nas questões que envolvem a cidadania, a educação e, mais recentemente, o ambiente organizacional.

Um dos momentos relevantes da história recente sobre a temática competência em informação talvez seja a constituição do *Presidential Committee on Information Literacy* em meados de 1987 (DUDZIAK, 2016). O Comitê foi composto por pesquisadores de grande reconhecimento internacional em educação e biblioteconomia, como Carol Kuhlthau, Patricia Senn Breivik, Gordon M. Ambach, Joseph Mika, dentre outros.

Expoentes nesse Comitê, Patricia Senn Breivik e Carol Collier Kuhlthau destacam-se pela constante e histórica defesa da aprendizagem centrada no indivíduo e suas percepções, por meio do desenvolvimento da competência em informação (*information literacy*). (DUDZIAK, 2016, p. 39).

O comitê tinha como objetivos básicos estabelecer a definição do termo competência em informação (*information literacy*) dentre as competências mais relevantes e sua devida importância para o desempenho dos estudantes para a aprendizagem ao longo da vida, proporcionando uma cidadania ativa; propor modelos para o desenvolvimento das habilidades em informação adequadas aos

ambientes formais e informais de aprendizagem ao longo do tempo de vida do indivíduo e determinar as implicações para a educação continuada e desenvolvimento das pessoas (DUDZIAK, 2016).

O Relatório Final do comitê foi publicado em janeiro de 1989, o documento teve repercussão mundial e serviu como elemento para a difusão da competência em informação e suas bases como um movimento social nos aspectos relativos ao uso da informação pelo indivíduo. Afinal,

Uma análise mais aprofundada revela uma intenção social, de inclusão pelo acesso e uso crítico da informação, visando ao aprendizado ao longo da vida e atuação cidadã. Também é claro o vínculo estabelecido entre a aprendizagem, uso consciente da informação e qualidade de vida. (DUDZIAK, 2016, p. 39).

Em sua pesquisa Dudziak (2016) destaca algumas passagens do Relatório Final do Comitê. Para ter competência em informação a pessoa deve ter a capacidade de reconhecer quando a informação é necessária e importante, deve saber localizar, avaliar e utilizar eficazmente a informação necessária e aprender a aprender. As pessoas que têm competência em informação sabem aprender porque sabem como o conhecimento é organizado, como buscar e usar a informação, possibilitando, inclusive, que outras pessoas possam aprender com elas. Em resumo, são pessoas preparadas para a aprendizagem ao longo da vida, pois em geral podem encontrar as informações necessárias e importantes para desempenhar qualquer atividade ou tomar decisão.

Para a *Association of College and Research Libraries* (2015), a competência em informação é o conjunto de habilidades integradas que abrangem a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada, o uso da informação na criação de novos conhecimentos e a participação de forma ética em comunidades de aprendizagem. Afinal, segundo Pellegrini e Vitorino (2016), a competência em informação refere-se às habilidades, atitudes, conjunto de significados, valores e conhecimentos sobre o universo informacional.

Para Belluzzo, Kobayashi e Feres (2009), a competência em informação é conceituada como um conjunto de comportamentos, habilidades e ações que envolvem o acesso e uso da informação de forma inteligente, tendo em vista a necessidade da construção do conhecimento e a intervenção na realidade social. Infere-se, portanto, que o indivíduo desenvolve a competência em informação

quando ele transforma o conteúdo informacional e a tecnologia acessíveis em práticas que permitem a interpretação das suas próprias necessidades que possibilitam a assimilação do conhecimento, levando-o a promover mudanças individuais, sociais e coletivas.

Na pesquisa realizada por Furtado, Belluzzo e Pazin (2016) que visou identificar a situação da competência em informação no universo teórico/científico da Arquivologia, referente à formação e atuação profissional, os autores procuraram estabelecer a aplicação da competência em informação que auxilie o desenvolvimento e a aplicação dessa competência no âmbito da arquivística. O trabalho identificou, também, a inserção da temática Competência em informação nos periódicos brasileiros da Arquivologia. Os resultados apontaram para uma baixa produção científica, mas que é bastante relevante, inclusive, em outras áreas. Isso possibilita um elevado potencial de pesquisa, permitindo novos conhecimentos e aprendizado relativo à temática competência em informacional.

Como ressaltado competência em informação está relacionado ao termo “aprender a aprender”, ao pensamento crítico e ao conjunto de conhecimentos para interpretar e saber identificar a informação necessária, que possa ser usada no processo de solução de problemas e tomada de decisão. Para Horton Jr. (2008), a competência em informação permite às pessoas articular os mecanismos, eficientemente, de identificação, busca e uso da informação relevante, facilitando o processo de aquisição, recuperação, interpretação, distribuição e uso da informação, contribuindo para o desenvolvimento da construção coletiva do conhecimento.

Ao longo da vida, os indivíduos desenvolvem inúmeros processos de construção do conhecimento relacionados à competência em informação. Nessa perspectiva, o desenvolvimento das habilidades que permeiam a busca e o uso da informação possibilitam o saber e a sua utilização prática acerca da percepção e vivência das fases da vida.

Nesse sentido Dudziak (2003) afirma que o foco está no indivíduo, em seus processos de compreensão da informação e seu uso em situações particulares. Para outros autores, a competência em informação está relacionada com o aprendizado, considerando que a informação deveria englobar, além de uma série de habilidades e conhecimentos, a noção de valores ligados à dimensão sociocultural e situacional.

A relação existente entre competência em informação e o aprendizado possibilita interferir na condução dos processos inerentes às diversas fases da vida humana e, conseqüentemente, na forma de vivenciá-las. Conforme a *Association of College and Research Libraries* (2000), ser competente em informação melhora a qualidade de vida, pois as pessoas tomam decisões com base em informações corretas. Assim, a competência informacional é a base de organizações bem-sucedidas e de uma sólida democracia.

A autora acima destaca ainda que a competência em informação é algo dinâmico baseado no aprender a aprender, sendo o requisito fundamental para o aprendizado ao longo da vida. Ademais, os elementos para uma vida produtiva, satisfatória e saudável são dinâmicos e mutáveis e a maneira para se adaptar e responder de forma eficiente a essa realidade em constante mutação é desenvolver pessoas competentes em informação tanto para a vida pessoal como organizacional.

Nessa perspectiva da competência em informação no ambiente organizacional, Coelho (2010) traz o estudo cujo objetivo foi investigar a percepção do profissional da informação que atua em órgãos públicos acerca da temática e verificar o seu papel na implementação de treinamento para tal competência. Os resultados revelaram que os profissionais já conheciam sobre o tema, mas as tentativas de conceituá-lo foram difusas apontando para habilidades a serem adquiridas, considerando necessário conscientizá-los sobre a importância da competência em informação nas organizações e a consciência de que era deles o desafio de assumirem esse papel, desde que adequadamente treinados e preparados para desenvolver essa competência.

A implantação e o desenvolvimento da competência em informação no ambiente organizacional supõem que,

Pessoas treinadas na aplicação dos recursos de informação para o seu trabalho podem ser chamados de competentes em informação (information literates). Aprenderam técnicas e possuem habilidades para utilizar a ampla gama de ferramentas e fontes primárias de informação para moldar soluções de informação para os seus problemas. (DUDZIAK, 2010, p.32)

Dudziak (2010), ao abordar estudos que estão voltados para os sujeitos, afirma que é possível trabalhar essa temática, pois é um assunto que está relacionado ao processo de aprendizado, investigação, criação, resolução de problemas e tomada de decisão, que perpassa por qualquer fronteira da multidisciplinaridade.

Infere-se que competência em informação tem aplicabilidade nas estruturas de produtividade informacional no ambiente organizacional e, principalmente, pode promover, com base nas aquisições informacionais ao longo da vida e das experiências individuais e coletivas, a qualidade de vida nas organizações.

2.2 COMPORTAMENTO E NECESSIDADE INFORMACIONAL

Analisando os estudos sobre comportamento informacional é possível observar que houve uma evolução abrangente, tanto nos aspectos que envolvem as necessidades informacionais como nos estudos do usuário da informação. Alguns estudos relacionam o comportamento informacional do usuário, caracterizado pela busca da informação a partir das necessidades identificadas com competência em informação, que têm suas características direcionadas para a qualificação dos processos de busca e uso da informação. Paralelamente, algumas investigações nesse sentido trazem abordagens associando o comportamento informacional às necessidades informacionais dentro da perspectiva de estudos de usuários da informação.

Wilson (1999) ampliou o conceito de comportamento informacional a partir do entendimento de que ele pode ser compreendido de maneira irrestrita sendo inserido no estudo do comportamento humano e estando relacionado ao ato de busca, uso e transferência da informação, a partir do momento em que são identificadas as necessidades de informação. Logo, tanto Wilson (2000) como Pettigrew, Fidel e Bruce (2001) afirmam que o comportamento informacional é uma área de conhecimento que emergiu das limitações dos estudos no campo de usuários da informação. Essas limitações advindas da abordagem tradicional nesse campo de estudos levaram, segundo Wilson (2017), a significativa renovação conceitual que aconteceu na década de 1980, trazendo uma abordagem cognitiva, também conhecida como abordagem alternativa ou estudo de comportamento informacional, para o estudo de usuários da informação.

Assim, o presente capítulo trata do comportamento informacional humano, compreendendo os indivíduos interessados em buscar informações e as suas necessidades informacionais, sob a perspectiva cognitivista, social e fisiológica, considerando os diversos fatores que podem influenciar nesse processo de entendimento e percepção da necessidade e a procura pela informação.

No estudo publicado em 2000, o mesmo autor definiu o comportamento informacional enquanto,

A totalidade do comportamento humano em relação ao uso de fontes e canais de informação, incluindo a busca da informação; a atividade ou ação de buscar informação em consequência da necessidade de atingir um objetivo; o nível micro do comportamento, em que o indivíduo interage com sistemas de informação de todos os tipos; constitui o conjunto dos atos físicos e mentais e envolve a incorporação da nova informação aos conhecimentos prévios do indivíduo (GASQUE e COSTA, 2010, p.22)

Segundo Bettiol (1990), necessidade se define como algo abstrato, "uma" ou "alguma" combinação das seguintes necessidades: necessidades expressas pelo indivíduo, aquelas que o usuário não pode expressar, aquelas necessidades presentes, expressas ou não, e as necessidades futuras e potenciais.

A necessidade não é uma noção única, absoluta, independente ou algo isolado. Ela envolve uma informação e conhecimento prévios, influenciados por um contexto para ter um significado prático e, assim, pode ser expressa ou não. Muitas vezes tem-se a consciência das necessidades, mas nem sempre elas são exteriorizadas como algo necessário para mudar uma realidade.

A consciência da necessidade informacional apresentada e/ou manifestada pelo indivíduo é o resultado da compreensão cognitiva e das interações de conteúdos com pessoas, situações e organizações num processo de formação dos significados, segundo Santos (2016). Alguns estudos não consideram a importância dos processos cognitivos dos usuários na busca pela informação. Assim, infere-se que pode haver perdas das referências subjetivas e pessoais dos indivíduos no processo de identificação das suas necessidades informacionais.

Ademais, Bettiol (1990) afirma que a necessidade pode ser sentida, mas também pode não ser expressa, por causa da inércia, ou porque não tem detalhes específicos suficientes sobre a necessidade para traduzi-la em demanda, ou pode

ter uma necessidade não sentida. Ela pode, também, não ser especificada claramente porque não está disponível ou simplesmente porque o indivíduo não tem consciência desta necessidade e talvez não seja capaz de exteriorizá-la.

A dificuldade em definir, isolar e mensurar o conceito de necessidade foi reconhecida por Crawford (1978), por envolver diferentes níveis de consciência nem sempre objetivos para o usuário. Ao contrário, a informação como um propósito revelado como algo específico e para uso em um âmbito particular pode ser definida mais facilmente, embora os objetivos podem não ser imediatamente identificados e nem sempre é possível ter a certeza da comunicação.

A necessidade de informação, normalmente, é tratada como algo subjetivo que pode ocorrer de forma individual e sob circunstâncias específicas. Considerações têm sido encontradas a respeito do tema, usos de diferentes palavras para descreverem o mesmo conceito, assim como o uso de termos idênticos para significarem coisas diferentes (BETTIOL, 1990).

Nesse contexto, embora autores defendam a dificuldade de definir necessidade de informação em virtude de ser um processo subjetivo e limitado à consciência, outros estudiosos defendem que as necessidades informacionais do usuário comprovam a existência do 'vazio' cognitivo enquanto carência do conhecimento. Dessa forma, infere-se que a necessidade de informação advém da consciência cognitiva da lacuna informacional sob influência de fatores pessoais, educacionais, sociais, culturais e comportamentais necessitando, neste sentido, de mediação externa no processo de busca e recuperação da informação.

Assim, a abordagem sequencial desse estudo tratará dos modelos de comportamento informacional como forma de representar e atingir as características essenciais para o presente estudo e identificar dimensões e conceitos de modelos que melhor se aplicarão às necessidades informacionais de mulheres na maturidade como o processo de busca informacional acerca dessa fase da vida.

2.3 MODELOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

No campo das pesquisas sobre estudo de usuários, das necessidades informacionais, uso da informação e comportamento informacional há diferentes abordagens de elementos fundamentais denominados de modelos que, conforme

definição são conceitos que possibilitam melhor compreensão da realidade; são instrumentos úteis em inúmeras áreas de investigação. (CUNHA, AMARAL e DANTAS, 2015).

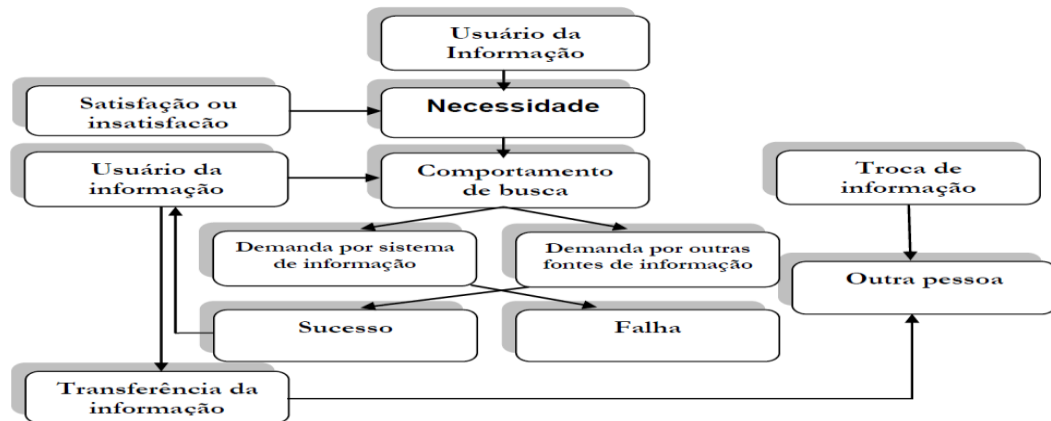
Nesse sentido, o presente capítulo aprofunda as argumentações nas subseções a seguir abordando autores e os seus concernentes modelos de comportamento informacional de usuários que colaboram com o desenvolvimento das pesquisas em Ciências da Informação, tais como: o modelo de Thomas D. Wilson, modelo de Brenda Dervin, modelo de Carol Kuhlthau, modelo de David Ellis e o modelo de Peter Emil Rerup Ingwersen. Com base no estudo dos modelos supracitados, o presente capítulo pode prenciar características de modelos que convergem sobre o tema: necessidades informacionais de mulheres maduras acerca da maturidade feminina, objeto deste estudo.

2.3.1 Modelos de Thomas Wilson

O comportamento informacional, segundo o modelo de Thomas Wilson (1981), é o resultado do reconhecimento da existência das necessidades informacionais pelo indivíduo. A percepção dessa lacuna informacional é envolvida num contexto subjetivo e ambiental, possibilitando que ela seja manifestada de muitas formas.

Na sua proposta desse modelo, conforme representado na figura 1, Wilson (1981) direciona a atenção para a inter-relação entre os conceitos utilizados nesse tipo de estudo, pois o comportamento informacional resulta do reconhecimento de alguma necessidade percebida pelo indivíduo, sob a influência de vários aspectos cognitivos, sociais e culturais e, também, das mudanças ocasionadas pelas fases da vida. Além disso, o modelo defende que o processo de busca pela informação deve estar relacionado com a estrutura organizacional em que o sujeito está inserido e com o entendimento de como tudo isso afeta o seu comportamento na busca por informação.

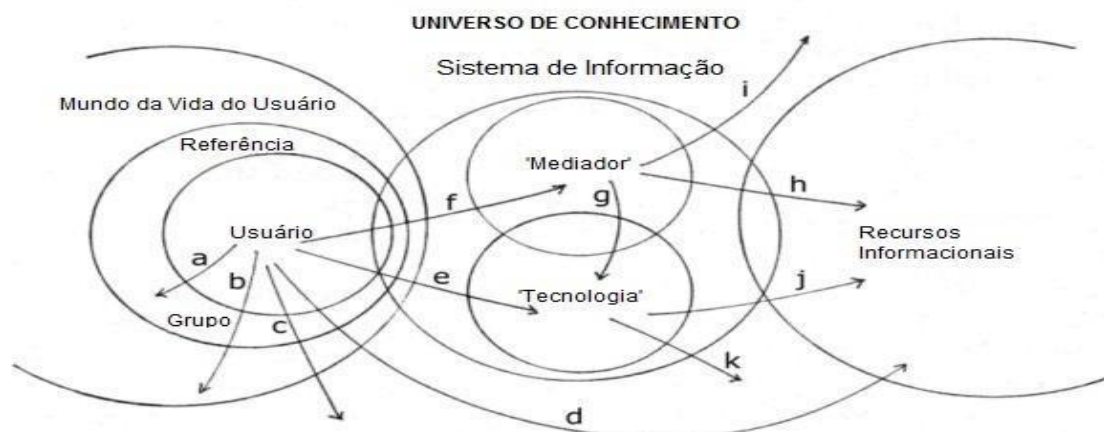
Figura 1 – Modelo de comportamento informacional



Fonte: Wilson (1981)

Wilson (1981) percebe que o comportamento informacional tem seus resultados a partir do reconhecimento das necessidades informacionais que são percebidas pelo indivíduo em determinado contexto ou ambiente, possibilitando ser expresso de várias maneiras. E, necessidades informacionais, conforme Santos (2016), correspondem a particularidades subjetivas dos sujeitos, como as percepções e expressões anunciadas a partir das suas estruturas cognitivas.

Figura 2 – O contexto da procura por informação



Fonte: Wilson (1981)

O comportamento informacional em um modelo alternativo também defendido por Wilson (1981), representado na figura acima, demonstra que o usuário pode procurar a informação consultando outros indivíduos e não os sistemas caracterizando, assim, uma ação de troca de informações entre os sujeitos. E, segundo Cunha, Amaral e Dantas (2015), a palavra troca, utilizada nesse sentido, pretende chamar a atenção para existência da componente reciprocidade, reconhecido como um aspecto fundamental na relação e interação entre as pessoas sendo, inclusive, defendida por psicólogos e sociólogos. A ideia de reciprocidade relacionada ao comportamento informacional, ainda segundo os autores, pode ser relativamente falha, em alguns casos, pois as diferenças hierárquicas existentes dentro do ambiente organizacional, por exemplo, podem gerar constrangimentos relacionados ao cognitivo e ao comportamento no processo de busca de informação.

Embora o comportamento informacional na perspectiva desse modelo proposto por Wilson (1981) enfatize os sistemas como meio de recuperação da informação para suprir as demandas das necessidades informacionais, também é possível considerar a sua provável aplicabilidade entre sujeitos, pois segundo o próprio autor, o sistema de informação pode ser materializado em documentos ou pessoas. Concomitantemente,

O paradigma cognitivo considera o sujeito (o usuário) como o protagonista do processo de recuperação de informações. Envolvido no processo de recuperação de conteúdo, registrados em sistemas computacionais, o sujeito imprime as suas representações intrapsíquicas para superar determinadas lacunas informacionais, como o estado anômalo do conhecimento. Assim, a procura de informação realiza-se nas necessidades (*need*) oriundas do estado cognitivo anômalo para resolução de problemas humanos de natureza variada. (SANTOS, 2016, p.69)

Wilson (1981) procurou representar melhor o entendimento dos inter-relacionamentos, da satisfação das necessidades e procura da informação considerando o seu modelo de comportamento informacional, evidenciando os múltiplos procedimentos existentes no processo de busca informacional. Além disso, ele divide o sistema da informação em dois subsistemas existentes no contexto do conhecimento: o mediador, que seria um subsistema vivo, e a tecnologia, que é o subsistema das técnicas, ferramentas e máquinas utilizadas como recursos

informacionais no processo de acessibilidade à informação. (CUNHA, AMARAL e DANTAS, 2015).

Ainda conforme os autores supracitados e análise da figura 2 que representa o contexto de procura da informação é possível entender que a troca de informação pode estar na busca de sugestões, dos fatos, ou opiniões e pode acontecer por escrito ou oralmente. A própria informação pode ser um fato, uma opinião ou um conselho repassado oralmente, ou por meio de um documento escrito, quando a troca de informação se dá por transferência. A pessoa pode preferir estudar as ideias ou fatos, as opiniões e os aconselhamentos. Porém, de modo geral, nem sempre é feita a distinção entre a troca de informação, a transferência de informação e o comportamento de procura por informação como aspectos distintos e específicos do comportamento informacional, nos estudos representados no modelo de Wilson de 1981.

O conhecimento, conforme Wilson (1981) *apud* Santos (2016), é definido por um conceito abstrato que agrega aspectos pertinentes aos objetos, eventos e fenômenos que interagem com o mundo real. Concomitantemente, as interações apresentam um caráter complexo de análise e implica um diagrama com múltiplas dimensões improváveis para serem expressas em gráfico. O indivíduo contará, também, com uma diversidade de sistemas de informação contendo o mediador e a tecnologia, representada a partir de combinações de técnicas, ferramentas e máquinas que orientam a busca de informação. E, apesar de simplificado, o diagrama expressa um resumo do processo de procura da informação que envolve mediador, usuário e sistemas complexos de informação.

Um estudo publicado por Oliveira, Almeida e Talim (2012) abordou as questões relacionadas às buscas informacionais e às várias acepções referentes ao processo de avaliação da qualidade da informação na área médica. Retratou a relevância das fontes de informação em ciências da saúde, descrevendo alguns recursos importantes que permitem elucidar as características funcionais destas fontes. Além disso, fez referência às várias acepções referentes ao processo de avaliação da qualidade da informação na área médica, ressaltando a importância para a Ciência da Informação no fornecimento de subsídios para que as unidades de informação vinculadas à área médica possam colaborar com maior eficiência no processo da procura, acesso à informação e construção do conhecimento.

Para Cunha, Amaral e Dantas (2015) o sistema de informação deve ter acesso às diversas formas de expressão do conhecimento que podem ser materializadas em documentos ou pessoas. No processo de procura informacional são muitas as alternativas que permitem direcionar o caminho para o encontro com a informação, embora nem todas sejam compreensíveis, entretanto são relevantes.

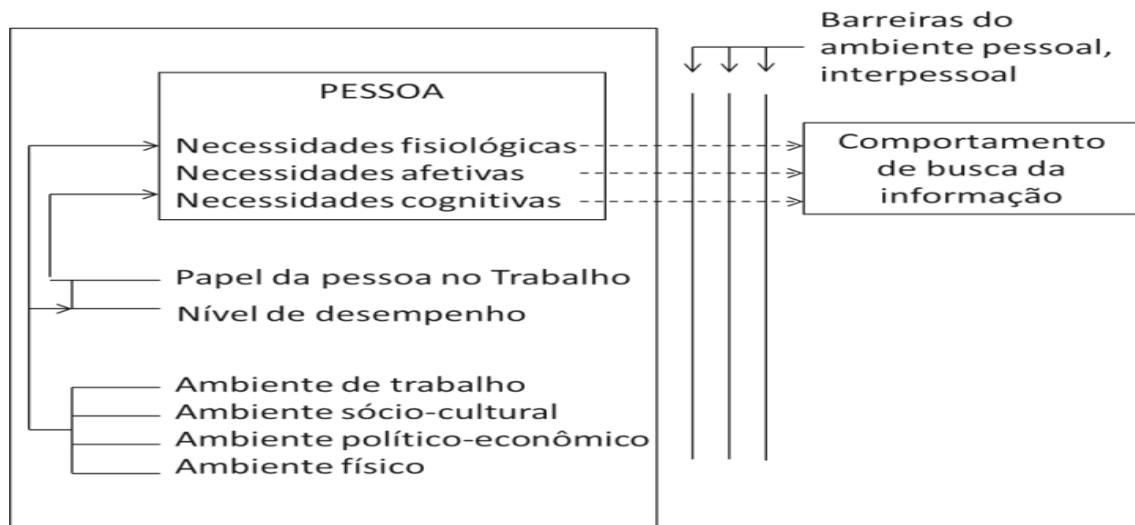
No universo do conhecimento, Wilson (1981) representou os caminhos de busca informacional utilizando letras do alfabeto, onde as letras: “a”, “b”, “c” e “d” representam o direcionamento tomado pelo usuário no processo de procura independente do sistema utilizado; as letras “e” e “f” sinalizam envolvimento do mediador e da tecnologia no sistema de procura por informação; as letras “g”, “h” e “i” são os caminhos onde um mediador utiliza estratégias de procura informacional para satisfazer a necessidade informacional do usuário; “j” e “k” são caminhos que, ainda segundo o autor, há o uso de tecnologias sofisticadas para satisfazer tanto mediador quanto o usuário.

O estudo dos processos de procura por informação permite fazer inferências sobre a necessidade informacional do usuário ou descobrir situações relacionadas às outras variáveis referentes ao desenvolvimento ou adaptação dos caminhos na busca por informação. Esses caminhos escolhidos na ação de procurar informação podem demonstrar, notadamente, uma arguição do comportamento informacional do usuário em detrimento da sua necessidade de informação (CUNHA, AMARAL e DANTAS, 2015).

As mulheres, por meio dos inter-relacionamentos, podem adotar diferentes comportamentos para atender às suas necessidades cognitivas e afetivas relacionadas às lacunas informacionais sobre a maturidade feminina na ação de procurar informações sobre este assunto, resultando na satisfação das suas necessidades informacionais. Inclusive, Wilson (1981) defende que a ‘satisfação das necessidades’ é a nomenclatura técnica a ser utilizada em substituição à expressão necessidades de informação.

No próximo tópico, conforme o artigo publicado no *Journal of Documentation* em 1981, será rediscutido o inter-relacionamento para melhor entendimento da representatividade das necessidades e da procura por informação, conforme modelo de comportamento informacional proposto por Wilson (1981).

Figura 3 – Necessidades e procura por informação



Fonte: Wilson (1981)

Ainda sobre o inter-relacionamento anteriormente mencionado, Wilson (1981) propõe o modelo atualmente representado para um melhor entendimento das necessidades informacionais e procura por informação em seu modelo de comportamento informacional.

Para os autores Cunha, Amaral e Dantas (2015), a identificação da necessidade, seja ela afetiva ou cognitiva, não dispara, de modo instantâneo, o comportamento de procurar por informação como resolução, pois são muitas as variáveis existentes no processo que se inter-relacionam e que interferem na busca informacional, tais como: a importância da satisfação da necessidade, a sanção advinda da ação na ausência da informação completa, a disponibilidade de fontes informacionais e os custos envolvidos no uso dessas ferramentas.

O termo '*necessidade*' revela a estudiosos e pesquisadores nuances etimológicas que poderão conduzir a equívocos conceituais e discursivos, principalmente no domínio da subjetividade dos indivíduos. A necessidade, como uma dimensão multifacetada, corresponde a particularidades dos sujeitos, como as percepções e expressões linguísticas anunciadas nas estruturas cognitivas. O mediador competente procurará, diante destes desafios, objetivar as lacunas enunciadas pelos usuários para, *a posteriori*, sistematizar as demandas. As necessidades dos usuários (re) configuram-se, com constância, porque a instabilidade e a inconstância das estruturas cognitivas dos sujeitos são a tônica da mente humana (SANTOS, 2016, p.74)

As barreiras pessoais, interpessoais e ambientais interferem na percepção da necessidade e na procura por informação, conforme evidenciado no modelo de Wilson (1981) representado na figura acima. A ação envolvida no processo de busca da informação, conforme Cunha, Amaral e Dantas (2015), pode ser prejudicada no sentido de ser retardada pelo tempo transcorrido entre a identificação da necessidade e o ato de procurá-la, ou ela pode simplesmente não ocorrer. Ademais, a necessidade e a sua satisfação podem ser reconhecidas pelo sujeito. As necessidades cognitivas para obter informação em curto espaço de tempo podem ser satisfeitas pela prorrogação desse prazo.

Além disso, a necessidade de informação pode ser representada através de experiências objetivas e subjetivas e pode também não ser percebida pelo usuário. A necessidade de informação identificada pelo usuário pode ser externada e materializada, ao passo que a experiência subjetiva da necessidade informacional tem sua existência no interior do indivíduo e, devido à impossibilidade de alcançá-la diretamente, é importante a mediação externa a fim de deduzi-la ou materializá-la. As necessidades informacionais também podem ser influenciadas pelas questões relacionadas às mudanças fisiológicas experimentadas ao longo do tempo, por aspectos cognitivos, sociais e organizacionais.

Um estudo realizado por Cavalcante e Valentin (2010) visou analisar o comportamento informacional dos indivíduos voltado às tecnologias de informação e comunicação aplicadas aos ambientes empresariais, onde os resultados permitiram identificar as representações mentais e cognitivas que os profissionais possuem acerca do comportamento informacional relativizadas pelo ambiente organizacional.

Tomando-se por base as análises mais antigas do modo como a palavra informação é usada, verificamos que os diferentes sentidos são mais ou menos relacionados às necessidades apontadas. Assim, os dados factuais, ou o conteúdo de um documento podem satisfazer necessidades cognitivas, e é esse o sentido mais usual em que se pensa a respeito do uso da informação (CUNHA, AMARAL e DANTAS, 2015).

Ainda, segundo os autores, as diversas definições de informação preocupam a Ciência da Informação, uma vez que estudos mostram a convergência para o entendimento de que informação está relacionada a aspectos cognitivos. Para alguns autores, a exemplo de Belkin (1978) e Wersig (1971), o conceito de informação, tanto no sentido da sua ausência como na identificação da sua incerteza

em situações de problemas, conota a estreita relação com o cognitivo. Porém, Wilson (1981) evoca afirmações feitas por Hollnagel (1980) onde ele defende que a preocupação da Ciência da Informação está voltada para a forma como o indivíduo busca, organiza e usa a informação.

Complementando as ideias defendidas pelos autores acima, a preocupação da CI quanto ao entendimento do que é informação é pertinente, uma vez que a informação pode contemplar diversas formas de necessidades informacionais do indivíduo. A necessidade cognitiva da informação pode ser mais prevalente no contexto das necessidades. Entretanto, a informação pode satisfazer as necessidades advindas de fatores fisiológicos, psicológicos, sociais e culturais, afetivos, comportamentais, organizacionais e entre tantas outras formas de necessidade, apropriação e uso da informação para a satisfação do usuário.

A procura por informação pode ser entendida como uma parte integrante do modelo de comportamento informacional inicialmente estudado. Para Cunha, Amaral e Dantas (2015) é difícil reproduzir a complexidade do mundo real e dos elementos abstratos em qualquer diagrama bidimensional e o universo do conhecimento, por exemplo, é um conceito abstrato que abarca todos os eventos, objetos e fenômenos relacionados ao conhecimento e, como tal, interagem claramente com o universo físico e social, bem como o contexto no tempo e espaço.

Entretanto, mostrar as complexas interações existentes no mundo físico e abstrato envolveria uma representação multidimensional que seria extremamente difícil, ou talvez impossível de ser materializada a nível do entendimento. Sabendo da existência dessa dificuldade, o modo de vida das pessoas é determinado conforme as experiências trazidas em seus submundos e contextos em que se encontram, enquanto usuárias da informação.

A busca por informação está condicionada ao reconhecimento de que há, conscientemente ou não, a necessidade informacional para satisfazer uma demanda de reconhecimento, autoexpressão ou autorrealização do usuário e o caminho escolhido para procurar a informação pode estar inter-relacionado com os aspectos cognitivos, afetivos, fisiológicos, sociais, culturais e organizacionais. O autor Wilson (1981) afirma que,

Caso seja levada em consideração a plenitude dos seres humanos, as necessidades pessoais estariam na raiz da motivação no sentido do comportamento da procura por informação. Porém, devemos

também reconhecer que essas necessidades podem surgir dos papéis que um indivíduo protagoniza na vida social. Do mesmo modo que os sistemas de informação, devemos nos preocupar com a qualidade da informação especializada, levando em consideração a relevância dessa informação para o desempenho no ambiente do trabalho, ou seja, o conjunto de atividades, responsabilidades etc. de um indivíduo, no ambiente organizacional em que trabalha, na perseguição de ganhos e outras satisfações (CUNHA, AMARAL e DANTAS, 2015, p.97).

A necessidade informacional é particular e indissociável do sujeito resultando no comportamento de procura pela informação para satisfação da inquietude, sob influência de fatores intrínsecos e extrínsecos, acrescido de outros determinantes. Em consonância, Cunha, Amaral e Dantas (2015) confirmam que a busca por fatores determinantes relacionados às necessidades e ao comportamento na procura por informação deve ser ampliada para incluir aspectos fisiológicos e do meio ambiente no qual o usuário está inserido, pois, segundo esses autores, o ambiente sociocultural também terá algum impacto em situações particulares no processo de satisfação informacional.

Como ainda evidenciam os autores, é possível notar na alternativa de modelo proposto por Wilson (1981), conforme mostra a Figura 3, os prováveis inter-relacionamentos entre as necessidades pessoais e demais fatores, pois o propósito é sinalizar que quando o assunto se refere às necessidades de informação das pessoas, não se deve considerar apenas a concepção de necessidade de informação fundamental, inata, cognitiva ou emocional, mas uma concepção de informação relativa a dados, conselhos, fatos e opiniões, como um caminho escolhido pelos usuários para satisfazer tais necessidades.

A forma como as pessoas encontravam a informação, segundo pesquisas realizadas no passado, era o centro das atenções nos estudos de usuários. Paradoxalmente, a finalidade e a satisfação do comportamento de procurar pela informação não eram consideradas e nem tão pouco estudadas. Nesse contexto, emergiram as pesquisas relativas aos estudos das necessidades informacionais.

No processo de viver diariamente e de se adequar às mudanças inerentes às adaptações, sejam elas biológicas, fisiológicas, sociais, culturais e/ou organizacionais, pode resultar em necessidades informacionais, o que caracteriza a falta de conhecimento suficiente sobre determinado assunto ou tema. A necessidade

de informação, quando detectada pelo demandante, pode ser expressa ou articulada a fim de saná-la. Por outro lado, é possível que haja a sua identificação e não necessariamente seja externada por alguma razão. Também pode acontecer a não identificação da existência da necessidade informacional e, desta forma, ela não ser manifestada. Outra possibilidade dentro das variáveis é a existência da necessidade subentendida, da qual o usuário não tem ciência, mas um mediador de informação pode despertá-lo para a existência de tal necessidade.

Para alguns autores, como Cunha, Amaral e Dantas (2015), as necessidades de informação são afetadas e influenciadas por uma variedade de fatores. Necessitar de informação tem relação com o meio sociocultural ao qual o usuário está inserido, com o ambiente organizacional em que desempenha suas atividades laborais, com o nível de instrução cognitiva, com os impactos que a falta do conhecimento pode gerar na vida do ponto de vista fisiológico, social, econômico e organizacional, entre outros.

Além disso, ainda de acordo com os autores, a forma como a informação é buscada depende de questões como a disponibilidade das fontes e da sua acessibilidade, a motivação, a orientação e das características individuais do usuário como, também, das influências legais, políticas e sociais que o envolvem as consequências do uso e da apropriação da informação.

Portanto, identificar a existência da necessidade informacional acerca da maturidade pode ser um processo complexo para mulheres que vivenciam esta fase. Fatores tais como: o meio sociocultural no qual elas estão inseridas, o ambiente organizacional em que desempenha suas atividades laborais, o nível de instrução e a capacidade cognitiva que interferem na forma como elas procuram, assimilam e processam a informação para transformá-la em conhecimento, atrelado à motivação para percorrer esse caminho de busca informacional e as características individuais e peculiares das mulheres que estão passando por mudanças fisiológicas, psíquicas e sociais podem fazer com que uma mesma informação seja entendida de forma diferente entre as mulheres e não necessariamente pode estar em conformidade com o que elas necessitam. Nesse sentido, Santos (2016, p.71) afirma que os problemas informacionais constituem dimensões complexas e envolvem uma variedade de nuances teóricas e paradigmáticas, perpassando pela subjetividade, transitoriedade das necessidades e conhecimento humanos.

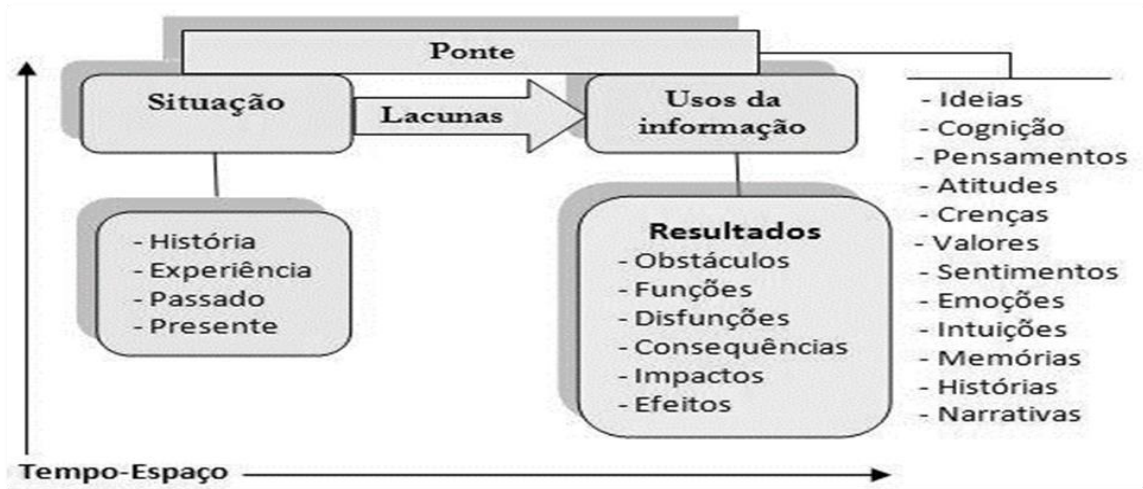
2.3.2 Modelo de Brenda Dervin

A partir do final de década de 40, os estudos realizados demonstraram o entendimento de como o sujeito se comporta para obter e usar a informação. Foram estudos que se concentraram em aspectos de como usar a informação através das fontes e sistemas. Compreender o comportamento do indivíduo quanto à necessidade, busca e uso da informação sempre foi uma inquietação recorrente da Ciência da Informação (CI) desde seus primórdios, o que culminou na proposição de uma série de modelos e abordagens (ARAÚJO e PAULA, 2017), a exemplo dos modelos de Wilson (1981) que foi discutido anteriormente e de Brenda Dervin (1983), que será estudado nesta sessão.

Brenda Dervin é mestre e doutora pela *Michigan State University* e possui bacharelado em jornalismo pela *Cornell University*. Tem doutorado honorário pela *University of Helsinki*, na Finlândia. Atualmente, é professora da *School of Communication* da *Ohio State University*, nos Estados Unidos, desde 1986. Seus trabalhos científicos tiveram origem na comunicação social. Aproximou-se da Ciência da Informação a partir do desenvolvimento da chamada metodologia *Sense-Making* e ganhou destaque no Brasil com estudos sobre diversos temas relacionados à CI. Essa interpelação trata a informação como uma construção feita pelo sujeito com base em suas experiências pessoais, culturais, sociais, econômicas e políticas. Nesse caso, a informação é subjetiva e somente ganha significado sob as circunstâncias na qual se insere.

Ao entender o sujeito, do ponto de vista cognitivo, como um ser em constante desenvolvimento e aprendizado, que passa por muitas experiências no processo de construção do conhecimento, dos sentidos e significados e, que em determinadas situações é contido pela falta de informação, Brenda Dervin (1983, p. 36) discutiu a *sense-making*, construção de sentido, como proposta de modelo para estudar o comportamento informacional dos usuários (CUNHA, AMARAL e DANTAS, 2015).

Figura 4 – Metáfora da teoria do sense-making (construção dos sentidos)



Fonte: Adaptada do modelo de Dervin (1983) por Santos (2016, p.91).

Como representado acima, o modelo de Brenda Dervin (1983) foi desenvolvido sob um tripé relevante: a situação – as circunstâncias na qual o usuário se encontra, considerando a sua história e o conhecimento construído ao longo de sua vida; a lacuna - é a necessidade informacional existente no indivíduo sobre determinado tema ou assunto; a ponte – é o meio utilizado pelo sujeito para resolver suas necessidades informacionais (problemas), levando em consideração seus valores, como é feita a busca por informação e o que é feito dela (ARAÚJO e PAULA, 2017).

Na perspectiva de fazer um estudo do comportamento informacional do indivíduo, avaliando como eles percebem e compreendem as interações que existem nos processos de evolução e desenvolvimento humano, desde interações biológicas, sociais, organizacionais e situacionais, o modelo mostra-se eficiente e abrangente no estudo de como o usuário se comporta na procura por informação. O *Sense-making theory* desenvolvido por Brenda Dervin, em 1983, pressupõe

que a busca de informação é orientada por um *gap* (entendido como uma falta ou falha na estrutura de conhecimento do usuário) e que, para se compreender esse comportamento, é necessário inserir na situação de “análise da lacuna” os contextos físicos, sociais e psicológicos. Uma característica interessante deste modelo é que Dervin (1983) analisa essas questões numa perspectiva temporal, pois considera que a realidade “evolui”, o que implica a necessidade de se atentar para a mudança na construção de sentido que os indivíduos fazem do mundo (ARAÚJO e PAULA, 2017, p.48).

Concordando com as afirmações anteriores, Cunha, Amaral e Dantas (2015) acreditam que o estudo da construção de sentido de Brenda Dervin contém diversas proposições teóricas e metodológicas que conduzem as pesquisas com os usuários de informação a partir da percepção e compreensão de como eles interagem com a sociedade quando usam a informação para satisfazer suas necessidades. Além disso, a autora afirma que a realidade não é completa, pois existem lacunas permeando seu contexto a procura e o uso da informação são uma construção constante, a informação fornece somente uma descrição parcial da realidade, o ato de observar é resultante da informação e toda e qualquer informação é composta de subjetividade.

O modelo de Brenda Dervin (1983) está relacionado com situações do usuário e o uso da informação. A expressão *sense making* utilizada pela autora faz referências a duas situações:

Ao processo empírico por meio do qual os usuários de informação atribuem sentido às situações em que se encontram (às lacunas cognitivas, às necessidades de informação sentidas, ao engajamento no processo de busca da informação) e, também, às informações que encontram, que utilizam e das quais se apropriam. Mas *sense making* também se refere à forma de estudar o comportamento informacional dos usuários, isto é, ao tipo de metodologia preparada para analisar os processos pelos quais os usuários atribuem sentido às situações em que se encontram e às informações que utilizam. Essa metodologia relaciona-se diretamente com o estabelecimento de categorias ou tipos ideais de situações, de parada de situação, de busca de informação e de uso da informação no contexto das discontinuidades do real encontradas pelos usuários no contexto de suas vivências e atuações. (ARAÚJO, PEREIRA e FERNANDES, 2009, p. 60)

No contexto do modelo de construção do sentido proposto de Brenda Dervin (1983) evidenciam-se questões individuais e particulares do sujeito que permitem defender a informação como uma construção e que tem sentido ao observar, interpretar e compreender a realidade a partir dos significados exteriorizados.

Para alguns autores, a exemplo de González-Teruel (2005), quando se considera a teoria do *sense-making* de Dervin (1983), o conceito de necessidade da informação surge da ideia de descontinuidade, segundo a qual o ser humano atribuiu sentido de modo diferente, conforme as suas histórias e experiências. Logo, a necessidade de informação surge a partir de componentes intrínsecos e

extrínsecos ao indivíduo e este, por sua vez, apresenta aspectos cognitivos que serão preenchidos a partir do sentido ou significado provenientes da informação.

O *sense-making* proposto no modelo de Brenda Dervin foi tratado em publicação científica de Araújo, Pereira e Fernandes (2009), intitulada A contribuição de Brenda Dervin para a Ciência da Informação no Brasil. O estudo evidenciou a relevância da autora na produção científica para a CI. A publicação tratou de um estudo feito em periódicos nacionais entre 2003 e 2007, buscando conhecer os impactos dos trabalhos científicos no campo da Ciência da Informação através da contribuição da autora. O resultado da pesquisa indicou a significativa contribuição de Dervin nos estudos de usuários da informação.

Nesse sentido, conforme esse modelo proposto, a construção do conhecimento acerca da maturidade humana feita por mulheres que vivenciam a maturidade advém da necessidade informacional identificada por elas como resultado da busca por informação associado à sua experiência, às mudanças biológicas, psíquicas, culturais e sociais pelas quais ela passa durante esse processo.

As circunstâncias na qual a mulher se encontra, considerando a sua história de vida e o conhecimento construído ao longo do tempo, conduzem e direcionam o processo que resulta na solução das suas demandas informacionais. Na perspectiva de analisar o comportamento informacional da mulher na maturidade sobre esta fase da vida, avaliando como ela percebe e compreende as interações que existem nos processos de evolução e desenvolvimento humanos, desde interações fisiológicas, psíquicas, sociais, organizacionais e situacionais, esse modelo se mostra eficiente e abrangente para este estudo no sentido de analisar como elas se comportam na identificação da existência da necessidade informacional e na procura por informação sobre a fase de transição entre a fase adulta e a velhice, conhecida como maturidade.

2.3.3 Modelo de Carol Kuhlthau

Esta sessão trata do modelo de comportamento informacional do usuário no processo de busca e uso da informação intitulado por *Information Search Process (ISP)*, desenvolvido por Carol Collier Kuhlthau (1991). Esse modelo é focalizado no

indivíduo, enquanto pessoa carregada de histórias, sentimentos, pensamentos, expressões e ações que motivam a busca e a recuperação da informação.

Carol Kuhlthau, pesquisadora norte-americana, é professora emérita de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Rutgers – EUA, onde dirigiu o programa de Pós-graduação em Biblioteconomia. Presidiu o Departamento de Biblioteconomia e Informação e foi a diretora fundadora do Centro para a Bolsa Internacional de Bibliotecas Escolares (CISSL). Ela é conhecida internacionalmente por sua pesquisa pioneira sobre o processo de busca de informação e para o modelo *ISP* dos aspectos afetivos, cognitivos e físicos em estágios de busca e o uso das informações.

Kuhlthau (1991) concedeu grande importância ao usuário quando descreveu o processo de busca da informação (*Information Search Process - ISP*) como estágios estruturados pelos indivíduos no sentido de ampliar o conhecimento e, assim, chegar à solução de problemas. Ela destaca o papel fundamental na busca e recuperação de informações, um processo que envolve uma construção considerando a experiência, sentimentos, pensamentos e ações do usuário que, segundo Santos (2016), são informações pertinentes às influências de tempo-espço e sugere a incerteza e a ansiedade como aspectos essenciais às atividades de busca e recuperação da informação, dando ênfase às emoções, confusões e a hesitação como sentimentos que estão associados ao processo de procura e recuperação da informação.

Quadro 1 – Processo de busca da informação

Estágios no ISP	Sentimentos a cada estágio	Pensamentos a cada estágio	Ações a cada estágio	Tarefas apropriadas
1. Iniciação	Incerteza	Geral/Vago	Busca de informações preexistentes	Reconhecimento
2. Seleção	Otimismo	-----	-----	Identificação
3. Exploração	Confusão/ Frustração/ Dúvida	-----	Busca de Informação relevante	Investigação
4. Formulação	Clareza	Direcionado/ Claro	-----	Formulação
5. Coleta	Senso de direção/ confiança	Aumento de interesse	Busca de Informação focada ou relevante	Conexão
6. Apresentação	Alívio/ Satisfação ou desapontamento	Claro ou focado	-----	Complementação

Fonte: Kuhlthau (1991, p. 367)

Cunha, Amaral e Dantas (2015) apresentam um estudo feito por Rolim e Cendró (2013) sobre o modelo de Kuhlthau (1991), onde elas relacionam as necessidades cognitivas com as reações emocionais durante o processo de busca da informação, sinalizado como o princípio de incerteza, Kuhlthau considera que o nível da não certeza é flutuante e pode ser descrito em seis etapas envolvidas por experiência emocional, física e cognitiva. Esses processos, de acordo com Costa e Pires (2014), influenciam diretamente as estratégias para a recuperação da informação, pois promovem aspectos cognitivos que são explorados com o objetivo de construir o conhecimento e, conseqüentemente, é grande a probabilidade de produzir conteúdo de qualidade.

Na iniciação o usuário faz o reconhecimento da necessidade de informação pela ausência de conhecimento ou entendimento em solucionar ou vivenciar determinadas situações. Nesse estágio, o sentimento de incerteza e apreensão são despertados frente à superação dos obstáculos ocasionados pelas lacunas informacionais. O pensamento é genérico, pois está envolvido por experiências de vida acrescidas de sentimentos diversos e nesse início de busca em que há o reconhecimento da necessidade informacional o usuário aventura-se de forma generalizada a procurar pelas informações.

A identificação e a seleção dos tópicos que serão investigados ou localizados para que possam, de alguma forma, serem obtidos, permitem ao indivíduo superar a indecisão que foi apresentada no processo de iniciar a busca por informação. Para Santos (2016, p.95) é possível observar que a consulta aos pares, ou a especialistas que compreendem a temática proposta, representa um critério plausível na etapa da seleção.

Entretanto, no estágio de exploração dos documentos relacionados ao assunto, o usuário busca informações relevantes a respeito e experimenta sensações de confusão, de incerteza e de dúvida, que frequentemente aumentam durante o decorrer deste período. Logo, pesquisar pode ser um caminho permeado de estratégias que permitem a estruturação do novo conhecimento.

Na etapa de formulação, ocorre o estabelecimento do foco ou perspectiva do problema, dando ao usuário um direcionamento para o seu estudo. Para o *Information Search Process* este é um momento considerado decisivo, pois diminui o sentimento de incerteza e aumenta a confiança do pesquisador. É nessa fase que a identificação e a seleção de conteúdo, a partir das informações descobertas,

perpassam pela compreensão dos termos utilizados, haja vista que há um melhor entendimento dos conceitos.

No estágio de coleta ocorre a interação do usuário com sistemas e serviços de informação para a reunião de informações. Nesse momento o usuário já possui um senso de direção bem definido, sabendo o caminho que irá percorrer e, por isto, expressa mais confiança na direção a ser tomada. Para Santos (2016) o sentimento de confiança do usuário amplia à medida que ele consegue, de forma objetiva, perceber as necessidades informacionais existentes em seu cognitivo.

Por fim o usuário chega ao estágio de apresentação, considerado o final da busca e resolução do problema inicialmente identificado. É a fase conclusiva, pois encerra o processo de busca e recuperação da informação e são comuns, nesta parte do ISP, os sentimentos de contentamento, alívio ou aborrecimento, caso o usuário não obtenha o resultado desejado. A conclusão é preenchida pela pesquisa que foi realizada durante o processo de busca, análise e seleção dos conteúdos relevantes, após eliminação das redundâncias.

Carol Kuhlthau (1991) defende o envolvimento de diferentes estágios no processo de busca por informações até atingir a concretização do conhecimento, envolvido por uma grandeza de sentimentos durante todo caminho percorrido na construção do saber, transformado pela diminuição da incerteza à medida que aumenta a compreensão e o entendimento, incorporando ao intelectual as experiências afetivas comuns no exercício da procura e utilização da informação. Alguns autores, a exemplo de Costa e Pires (2014), consideram esse modelo com uma melhor perspectiva de abrangência no que diz respeito à busca de informação com qualidade e com um melhor aproveitamento possível. Concomitantemente, as autoras defendem que ele pode ser aplicado em qualquer ambiente de pesquisa porque percorre etapas que vão fazer com que o pesquisador encontre soluções para resolver os seus problemas informacionais e, assim, possa recuperar o que considera fundamental para o desenvolvimento da pesquisa de forma exitosa e satisfatória.

Para exemplificar a aplicabilidade do modelo de Carol Kuhlthau (1991) no mundo da pesquisa científica, Pires (2012) publicou um estudo na Revista ACB: Biblioteconomia, em Santa Catarina, onde abordou o comportamento informacional e o processo de busca da informação enquanto bases fundamentais para a pesquisa científica. Sob uma perspectiva interdisciplinar fez uma abordagem das relações

entre o comportamento informacional juntamente com o procedimento de busca da informação e como resultado, para fundamentar o corpo textual, mostrou que essas duas vertentes são importantes na conjectura do conhecimento, entendendo o comportamento de busca da informação e as tecnologias da informação e comunicação como componentes essenciais na formação do bibliotecário, sobretudo num contexto de produção e de reprodução de informações textuais em ambientes digitais, o que aponta para a construção de novos hábitos de leitura fundamentados no uso dos recursos tecnológicos disponíveis.

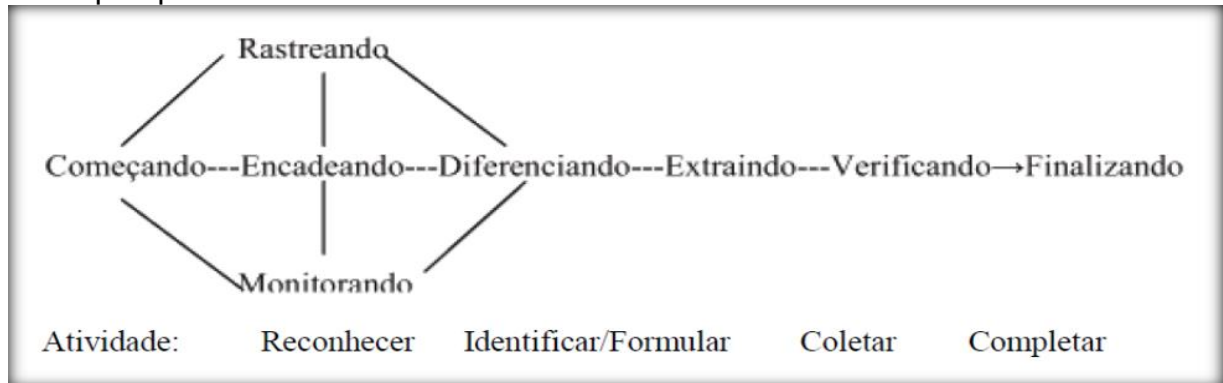
O processo de busca de informação proposto no modelo de Kuhlthau (1991) identifica a necessidade de informação com o estado de incerteza que comumente causa ansiedade e desconfiança. Para a pesquisadora, a incerteza é um estado natural, principalmente nas etapas iniciais do processo de procura da informação (GONZÁLEZ-TERUEL, 2005). Além disso, as etapas envolvidas nesse processo são dinâmicas, uma vez que por meio delas há construção de significados e, conseqüentemente, de conhecimentos.

O dinamismo do processo de busca da informação também pode estar envolvido pela indefinição do foco de interesse para a aquisição informacional e pode, inclusive, não haver o reconhecimento e a interpretação das informações pré-existentes que foram adquiridas ao longo da vida, das experiências vivenciadas e do contexto em que o usuário está inserido. Então, é possível compreender que a atitude do usuário influencia o resultado da busca pela informação, pois é um processo que têm implicações em escolhas particulares, que é influenciado pelo conhecimento adquirido ao longo da vida e que pode aumentar ou não o interesse pela procura da informação à medida que o direcionamento é estabelecido.

A agregação de sentimentos diversos, pensamentos, experiências e ações permitiu a Wilson (1999) fazer uma comparação entre o modelo de Carol Kuhlthau e o modelo de David Ellis. Tal comparação foi devido à forte semelhança entre eles. Entretanto, ainda segundo Kuhlthau, há uma distinção nas formas de exploração ou investigação, o que demonstra a existência de diferenças entre os dois modelos. Ao mesmo tempo, ela insiste na ausência das características do processo de busca como estágios, e, sim, como elementos do comportamento que podem ocorrer em diferentes seqüências com diferentes pessoas, ou com a mesma pessoa em diferentes ocasiões. Esse fato, para Kuhlthau, reforça a oposição entre os dois modelos, pois ela posiciona os estágios na base da análise do comportamento e,

Ellis sugere que a continuação das características do comportamento pode ser variável.

Figura 5 – Comparação dos esquemas de D. Ellis (1989) e de Carol Kuhlthau (1991) sob a perspectiva de Wilson



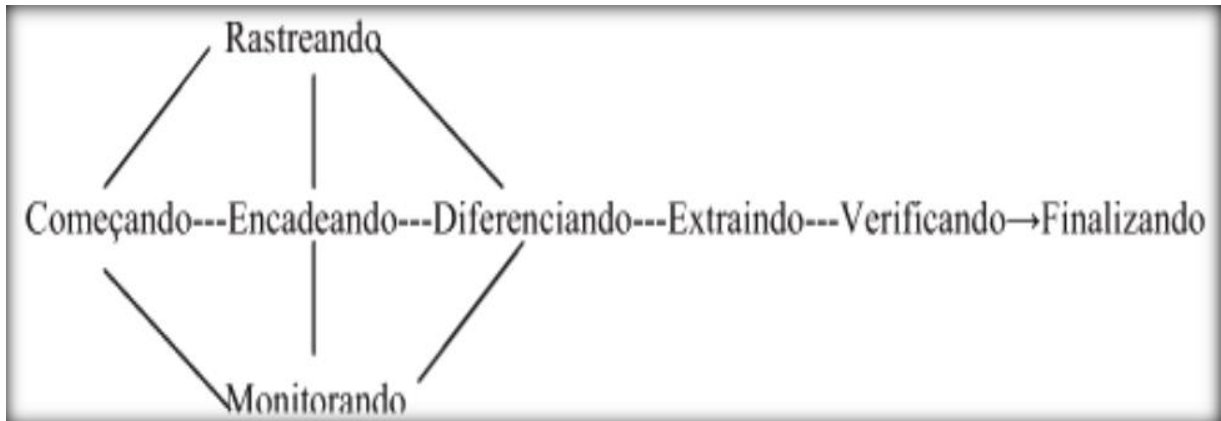
Fonte: Wilson (1999, p. 256).

No processo de busca por informação sobre a fase da maturidade, as mulheres maduras podem vivenciar as etapas defendidas pelo modelo de Kuhlthau, que perpassa pelo reconhecimento da existência da necessidade de informação, pelo caminho que elas percorrem por estratégias na busca informacional, com a seleção e coleta dos conteúdos informacionais que irão satisfazer às suas lacunas informacionais sobre o assunto-problema, possibilitando a construção de significados e, conseqüentemente, de conhecimentos.

2.3.4 Modelo de David Ellis - Comportamento de busca informacional

Desenvolvido por David Ellis em 1989, o modelo de comportamento de busca de informação tem como base a sua tese de doutorado sobre *The derivation of a behavioural model for information retrieval system na University of Sheffield*, na Inglaterra, em 1987, é centrado nos aspectos cognitivos de busca por informação e baseado no estudo do comportamento de diferentes grupos de cientistas sociais de departamentos da Universidade de Sheffield, quando identificou os padrões de comportamento na busca de informação por cientistas sociais e, assim, foi desenvolvido com o propósito de sugerir recomendações para uma configuração de sistemas de recuperação da informação.

Figura 6 – Modelo comportamental de busca de informação proposto por Ellis (1989)



Fonte: Wilson (1999, p. 255).

Ellis estruturou o modelo definindo-o por características que considerou imprescindíveis para o processo comportamental de busca da informação, sendo elas: iniciar, encadear, navegar (browsing), diferenciar, monitorar e extrair. A *Iniciação* da busca pela informação é o ato definidor desse processo que permite identificar as fontes a serem pesquisadas, dando uma visão generalizada do foco a ser estudado e descobrindo, assim, as informações pertinentes ao assunto que podem embasar uma posterior ampliação da busca. Também podem ser consideradas atividades iniciais uma conversa informal com amigos, colegas, uma consulta a catálogos *on-line*, uma revisão de literatura em livros e revistas, pesquisa a índices e *abstracts*. Alguns indivíduos, assim como alguns pesquisadores na visão de Ellis (1989), já têm suas referências iniciais quando fazem uso de recursos de informação para terem o comportamento informacional de busca e isto está relacionado ao fato da existência prévia da experiência e do conhecimento que possuem sobre o que será estudado e pesquisado. O *encadeamento* das fontes e dos documentos para encontrar os materiais, segue uma direção entre as citações que podem levar a outros materiais relevantes e, assim, realizar conexão entre o que foi pesquisado e as novas informações. Na *diferenciação* acontece, então, a utilização das fontes de informação para selecionar o material relevante no processo de procura da informação, que tiveram sua *extração* sistemática e seletiva das bases e bancos de dados. Ao utilizar o recurso de *verificação*, identifica-se a veracidade e a autenticidade do material recuperado como fonte de informação no processo de busca informacional. Ao finalizar o processo de pesquisa é realizada

uma relação dos documentos que irão compor o elenco de material que permitirá a superação das lacunas cognitivas e culminando com o resultado da busca realizada.

Rastreamento ou busca sem dirigidas ou semiestruturadas de pesquisas realizadas com o objetivo de recuperar materiais e documentos permite não apenas sondar a consciência, mas constitui-se num mecanismo imprescindível para confirmar a procedência e a legitimidade das fontes mais relevantes que atendam aos interesses informacionais.

Para Ellis (1989), essas características constituem uma estrutura universal que serve como modelo dos diferentes padrões individuais que podem proporcionar juntos um modelo de comportamento flexível para a configuração do sistema de recuperação da informação. Além disso, ela considerou essas características disponíveis nos sistemas pesquisados e nos requisitos para aprimorar a estrutura em outros sistemas experimentais. A autora observou, também, que há uma relação intrínseca entre os padrões individuais de quem procura por informação e suas características únicas enquanto pessoa com suas atividades, experiências de vida e inserida num ambiente particular no tempo.

Para exemplificar a aplicabilidade do modelo de comportamento de busca da informação de Ellis (1989), Tabosa e Pinto (2016) publicaram um estudo que tratou de caracterizar o comportamento de busca e uso de informação na área da saúde, como um modelo aplicado ao estudo do comportamento informacional de pacientes, cujo objetivo foi analisar o comportamento informacional de pessoas leigas na área da saúde por meio do modelo ampliado de busca e uso de informação de Ellis (1989), considerando a ampliação proposta posteriormente por outros autores. O estudo baseou-se na fenomenologia sociológica, que comprova o modelo ampliado de Ellis como uma ferramenta capaz de identificar regularidades quanto ao comportamento de busca e uso de informação de usuários não especializados na área da saúde, sendo também passível sua aplicação em estudos de outros públicos. A conclusão do estudo foi que nem todos os aspectos, fases e etapas do comportamento informacional dos sujeitos da pesquisa foram representados no modelo ampliado, no entanto o modelo se apresenta bastante genérico e capaz de subsidiar estudos e pesquisas de outros grupos sociais.

O modelo de comportamento de busca de informação defendido por Ellis (1989) possibilita às mulheres embasamento no processo de operacionalizar a busca e a recuperação de conteúdos orientados às suas necessidades

informacionais sobre a maturidade, a partir dos aspectos cognitivos de procura por informação e do comportamento que implementam para chegar a satisfação das lacunas informacionais. E, nesse contexto, elas estruturam características imprescindíveis para o processo comportamental de busca da informação que são influenciadas pelas experiências vividas e pelos conceitos pré-formados.

Além disso, a forma como cada mulher busca satisfazer sua necessidade de informação sobre determinado assunto tem relação direta e intrínseca com os seus padrões individuais e com suas características particulares enquanto mulher que desempenha diversas atividades relacionadas à vida pessoal, profissional e organizacional.

Esse processo de busca informacional pode acontecer a partir do entendimento de onde e como fazê-lo, associando-o ao saber pré-existente, estabelecendo, assim, uma conexão direta com o conhecimento adquirido para a formação de novos conceitos e trocas de conhecimentos sobre o que é vivenciar a fase do amadurecimento e então conviver melhor com determinadas situações e contextos, em nível social e organizacional.

2.3.5 Modelo de Peter Emil Rerup Ingwersen - Recuperação cognitiva da informação

Peter Emil Rerup Ingwersen nasceu em 1947, no município de *Frederiksberg* na Dinamarca. Ele talvez pudesse ter seguido a profissão de seu pai, que era geólogo especializado em técnicas de levantamento de dados e artefatos geológicos, mas em 1973 forma-se em biblioteconomia na *Royal School of Library and Information Science* em Copenhague.

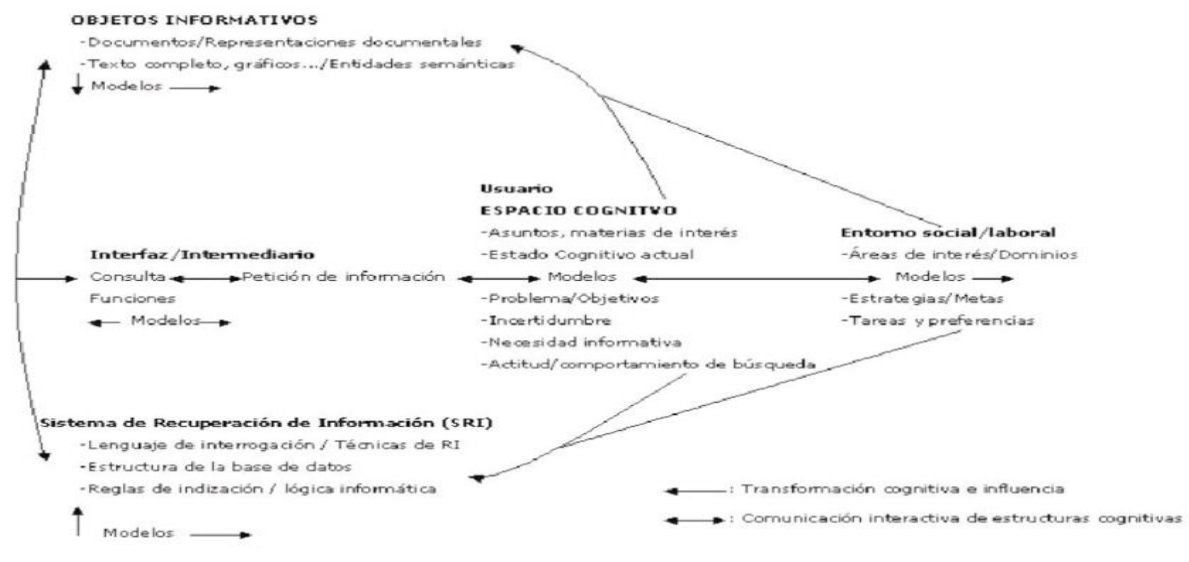
Peter Ingwersen (1996) é um pesquisador reconhecido na área da Ciência da Informação por estudos referentes aos temas: recuperação da informação e informetria, desenvolvendo modelo de processo de recuperação cognitiva da informação. Para o autor, a percepção cognitiva da necessidade e recuperação da informação define que cada ação do processo informacional deve ser baseada por categorias e conceitos que constituem uma visão de mundo para o indivíduo, considerando variáveis imprevisíveis.

Para Ingwersen, o ponto de vista cognitivo em Ciência da Informação implica que cada ação do processo de procura informacional deve ser permeada por um

sistema de conjuntos e definições que constituem um modelo de mundo para o dispositivo de processamento de informação. O modelo proposto pelo autor concentra-se em destacar o dinamismo da cognição que pode acontecer nos elementos envolvidos no encadeamento da informação. O modelo mostra o processo de recuperação da informação que vai desde a definição e construção dos aparatos tecnológicos até o cognitivo do usuário, que possui uma necessidade de informação a ser respondida. Também reflete as relações cognitivas inerentes à atividade de busca e transferência da informação e a interação entre o sistema de recuperação da informação e o indivíduo, além de enfatizar o contexto, o tempo e o espaço em que os processos de busca informacionais são praticados.

O modelo de Ingwersen (1996), representado na figura 8 abaixo, descreve o processo de recuperação da informação a partir das estruturas cognitivas dos indivíduos, que destaca a interação dos usuários - atores cognitivos - com os objetos informativos, sistemas de recuperação da informação, aparatos computacionais, interfaces, considerando os ambientes e contextos organizacionais e culturais nos quais o usuário está envolvido e as suas necessidades de informação.

Figura 7 - Modelo de Peter Ingwersen



Fonte: Ingwersen (1996).

Percebe-se que há vários processos de interação. A interação informacional ocorre entre os usuários, considerando o assunto, o estado cognitivo, os problemas e objetivos, a necessidade e o comportamento, e os objetos de informação por meio das interfaces e dos sistemas de recuperação da informação, todo o processo de

interação, destaca Ingwersen (1996) o entorno social que estão diretamente relacionados com os atores cognitivos levando em consideração, especialmente, o contexto social e laboral.

Dias (2011) destaca que o modelo de Ingwersen ressalta cada atividade de indivíduos, chamados de atores humanos, que são relacionados por Ingwersen (1996): a) atores que criam os tipos de objetos de informação; b) atores responsáveis por analisar índices dos objetos de informação; c) atores que desenvolvem as funcionalidades da interface e de recuperação; d) atores responsáveis por estruturar uma base de dados, programar uma máquina de busca e algoritmos de indexação; e) atores seletores, que decidem a disponibilidade pública ou comercial dos objetos de informação; f) atores que são, na verdade, os usuários que identificaram uma necessidade e buscam por informação; e e) atores que formam comunidades de indivíduos organizados num contexto social, cultural e organizacional.

Em 2005, Peter Ingwersen e Järvelin relacionaram a interação da informação com o processo de poli-representação, que sugere e define um modelo cognitivo holístico da recuperação de informação interativa, sendo um avanço teórico do autor e representando um estudo contemporâneo de ações relacionadas à necessidade, busca e recuperação da informação (LARSEN; SCHNEIDER; ÅSTRÖM, 2010). Além disso, conforme Gomes (2018), a contribuição desse teórico da CI vai além da recuperação da informação interativa, pois com seu espírito holístico Peter Ingwersen tem pesquisas no âmbito de informetria com integrações voltadas para a área da recuperação da informação e desenvolveu trabalhos com estudos voltados para a webometria e cientometria.

Percebe-se que modelos possibilitam representar realidades relativas ao comportamento informacional de usuários, permitindo, muitas vezes, retratar determinadas situações dos usuários em ambiente organizacional, por exemplo, refletindo o comportamento do indivíduo relacionado à informação, considerando os aspectos cognitivo, social, cultural, fisiológico, em determinado espaço temporal, contexto e ambiente.

Nesse sentido, um estudo feito por Santana, Lima e Dias (2016) avaliou o comportamento informacional dos usuários em site de relacionamento social sobre gênero musical. Eles avaliaram as postagens, compartilhamentos e comentários dos usuários e realizaram entrevistas para capturar informações sobre as necessidades

de informação. Os resultados apontaram que os usuários buscam informações para satisfazerem necessidades cognitivas e psicológicas, são influenciadas pelos gêneros musicais e potencializadas por grupos de participantes de redes sociais envolvidos com determinado ambiente e ciclo social.

Ingwersen e Järvelin (2005) entendem o comportamento informacional como a produção, aquisição, uso e a divulgação de conteúdos informacionais, podendo ser abastecido de fontes de informação formal e informal. Os atores da informação operam em espaços históricos contextualizados, que interferem em estruturas cognitivas, na percepção e no comportamento de usuários. Assim, o processo de busca retrata aspectos cognitivo-emocional e físico dos usuários que necessitam de informação (SANTOS, 2016).

Nesse sentido, a recuperação cognitiva da informação realizada por mulheres na maturidade relativa a esse período envolve vários processos que interagem entre si na dinâmica do encadeamento informacional. Essa interação pode acontecer entre mulheres de um mesmo grupo social e organizacional, considerando o estado cognitivo de cada uma, os problemas particulares, as experiências, os objetivos, a necessidade informacional e o comportamento adquirido por elas no sentido de buscar a informação.

As pessoas carregam estoques informacionais diversos, divergentes e complementares, que têm influência no desempenho pessoal, profissional e organizacional e, principalmente, na qualidade de vida. Não por acaso há várias ações de instituições públicas e privadas voltadas para essa finalidade. A qualidade de vida do ser humano está relacionada ao conhecimento adquirido e efetivado. E, no caso específico das mulheres, o comportamento implementado na procura por satisfazer as lacunas informacionais sobre a maturidade durante a vivência das mudanças que esta fase promove pode influenciar na forma como elas percebem as transformações que vivenciam, na maneira como se adaptam e se comportam de forma a promover o conhecimento informacional para a melhoria das condições de saúde e de vida.

3 INFORMAÇÃO E MATURIDADE

A informação tem relação com o conhecimento e estes sempre estiveram e estão ligados ao processo de desenvolvimento intelectual, social e econômico do ser humano. Aspectos cognitivos são parte do delineamento no relacionamento com a informação sobre determinada lacuna informacional ao longo da vida. A informação, conforme Araújo (2010), é o estado de conhecimento e não, apenas, a manifestação física e material do conhecimento.

Conhecer sobre o processo da maturidade a partir de informações adquiridas sobre a sequência de eventos que a envolvem, permite compreender as mudanças que esta fase da vida promove, além de entender as alterações que são vivenciadas neste período. A maturidade é uma fase da vida que envolve um processo de mudanças, sendo influenciada pelo comportamento informacional manifestado e pela construção de significados ao longo da vida. Os indivíduos são construtores do seu próprio processo de amadurecer sendo influenciados e, de certa forma, determinado por aspectos biológicos, fisiológicos, cognitivos, sociais, culturais e informacionais.

A mulher, na vivência do climatério e com o advento da menopausa está inserida no período de tempo cronologicamente e biologicamente caracterizado como maturidade. É um período de transição entre a idade adulta e a velhice, em que a mulher vive um processo de mudanças e transformações sob vários aspectos. Segundo Carvalho e Coelho (2006), com o término de sua capacidade reprodutiva, configurada pela menopausa, ela tende a se perceber entre dois momentos antagônicos: a juventude e a velhice.

O envelhecer, segundo Néri (2001), é uma sequência de mudanças, tanto de natureza biológica, que ocorrem ao longo das idades, como cognitivas, sociais e culturais determinadas pelos processos de socialização a que as pessoas estão sujeitas - influências socioculturais graduadas pela história. Conforme afirma Mendes *et al.* (2005), envelhecer é parte integrante e fundamental no curso de vida de cada indivíduo. É regido pelo determinismo biológico e sendo assim, envolve processos que implicam na diminuição gradativa das possibilidades adaptativas, acompanhada de alterações no comportamento, nas experiências e nos papéis sociais.

Nesse sentido, as mulheres que vivenciam a fase da maturidade passam por mudanças que, de modo geral, são marcas que ao longo da vida a sociedade contemporânea apresenta como parte das trajetórias vividas. De acordo com esta pesquisa, identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres que vivenciam a meia idade, pode evidenciar o processo de operacionalização da busca por conteúdos orientados às suas demandas de informação desenvolvido por elas. Além disso, permite conhecer o conhecimento que elas detêm sobre o tema atrelado às experiências vivenciadas nas fases antecedentes. Esta seção procura discorrer, sem esgotar o assunto, sobre alguns tópicos a respeito da Informação e a maturidade feminina, a sua relação e reflexos do comportamento informacional na saúde e qualidade de vida das mulheres na maturidade.

3.1 INFORMAÇÃO E O PROCESSO DA MATURIDADE FEMININA

Desde o começo da civilização, o ser humano tem desenvolvido conhecimento e inteligência pelo sucessivo processamento da informação que recebe do exterior e pela subsequente adaptação ao novo conhecimento gerado. Informação tem sido, portanto, um elemento significativo no desenvolvimento da humanidade.

A informação tem relação com o conhecimento e estes sempre estiveram e estão ligados ao processo de desenvolvimento humano. O acesso à informação juntamente com outras garantias fundamentais é um direito reconhecido pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Informação, segundo Souza (2007), é a quantidade de estímulo recebido do mundo exterior que modifica nosso estágio de conhecimento. Ou seja, a informação é recebida e assimilada pela mente, processada e transformada em conhecimento. O conhecimento é construído a partir da informação adquirida e da reflexão que emerge do pensamento individual e coletivo.

Capurro (2003) identifica a existência de três grandes formas de se compreender a informação: como algo físico - uma dimensão material da informação; cognitiva - um estado de conhecimento e, social - como a construção da informação.

No final da década de 70, sob a influência da teoria do conhecimento objetivo de Karl Popper e da perspectiva cognitivista, surge uma nova definição de informação (CAPURRO, 2003) na produção textual intitulada “O conceito de informação – perspectiva em ciência da informação”, onde ele afirma que para definir informação é preciso considerar o estado de conhecimento (o que se conhece, o que se sabe): a informação não é apenas a sua manifestação física, o registro material do conhecimento – é preciso ver, também, o que está na mente dos usuários (ARAÚJO, 2010).

Do ponto de vista do paradigma social, um terceiro modelo surge na década de 90, definindo a informação como sendo a matéria prima do conhecimento construído pelo sujeito não mais isolado do mundo, mas, inserindo num contexto de vida e atuação. Assim, a informação é o encontro dos pressupostos e perspectivas partilhadas por um determinado coletivo e num determinado contexto (ARAÚJO, 2010).

O modelo de informação social trata a informação como uma construção (algo é informativo num momento, em outro já não é mais; tem relevância para um grupo, mas não para outro; e assim sucessivamente). E mais, é uma construção conjunta, coletiva – ou melhor, intersubjetiva. O que é informação não é produto de uma mente única, isolada, mas construído pela intervenção dos vários sujeitos e pelo campo de interações resultante de suas diversas práticas.

O processo do conhecimento requer a existência de uma informação externa que chega até o sujeito de alguma forma, entrelaçado a um saber mínimo sobre determinado item, associado aos valores cognitivos informacionais, resulta na produção de um novo conhecimento, que foi processado sob o julgamento de critérios coletivos e intersubjetivos da realidade e da própria informação.

Para Rendón Rojas (1996) *apud* Araújo (2014), o processo de conhecimento não é um fenômeno em que um sujeito com um vazio na mente busca algo para preencher esse vazio. O sujeito nunca é vazio, ele possui conhecimentos e também estruturas nas quais a cada novo conhecimento se acomodam, não numa lógica cumulativa, mas num processo interativo, de alterar-se e ser alterado. O aspecto cognitivo do sujeito é parte do delineamento no relacionamento com a informação, pois,

[...] para agir, precisa de conhecimentos, e que tem sua ação interrompida, num determinado momento, pela ausência de conhecimento. Essa ausência de conhecimento é o que vai determinar a necessidade de informação e provocar a ação de busca de informação. Algo é informativo na medida em que preenche essa lacuna. Um sistema ou serviço de informação é mais eficiente na medida em que opera, ou se adequa, às estratégias utilizadas pelos usuários para buscar informação. Existe, pois, uma relação direta entre informação e conhecimento. (ARAÚJO, 2010, p. 98).

A informação acompanha todos os processos envolvidos nas fases de desenvolvimento e envelhecimento inerente a todo ser humano. As fases que antecedem a velhice são caracterizadas como etapas da vida que acontecem como resultado de mudanças biológicas, fisiológicas, comportamentais, culturais e sociais. E, a velhice é uma fase na qual, segundo Mendes *et al.* (2005), por meio da informação e do conhecimento, o indivíduo entende que atingiu muitos objetivos, teve muitas conquistas, mas entende também que este processo acarretou perdas sob muitos aspectos.

O envelhecimento da população é um acontecimento recente na história da humanidade. No Brasil, segundo IBGE (2019), a expectativa de vida ao nascer é de 80 anos para mulheres e de 73 anos para homens. A atual mudança na pirâmide demográfica brasileira, anunciando o envelhecimento da população, é significativa à medida que evidencia uma quantidade superior de mulheres idosas na composição total da população idosa caracterizando, assim, a feminilização da velhice. E, para Néri (2001), ao considerarmos os grupos mais idosos, com 80 anos ou mais, o percentual de mulheres aumenta para 65%, uma vez que estas têm uma expectativa de vida ao nascer superior ao homem, elas tendem a chegar ao estágio mais avançado da velhice.

Além disso, segundo Berzins, Burquez e Paschoal (2004), é sabido que o processo de envelhecer tem diferenças significativas entre homens e mulheres que envolvem mudanças de aspectos biológicos, sociais, econômicos, subjetivos, que exprimem essas diferenças e que influenciam na determinação da qualidade do envelhecer.

De modo geral, segundo Py *et al.* (2004), as mudanças são marcas que a sociedade contemporânea apresenta como momento-chave das trajetórias de vida dos indivíduos. Portanto, as diferenças de qualquer natureza contribuem para construção dos significados de vida, elaboram periodizações, desenvolvem sentidos

e práticas próprias para cada etapa e cada passagem. As passagens de um momento para outro são percebidas como dramas individuais vividos e como experiências únicas.

Durante a transição da fase adulta para a velhice, as mulheres vivem a meia-idade, também conhecida como maturidade. É um período delimitado a partir das mudanças no corpo biológico e físico que, associadas à idade cronológica, compõem essa etapa (BASSIT, 2002). A compreensão de que há uma delimitação cronológica da maturidade refletida na pesquisa encontra respaldo na afirmação de Py *et al.* (2004) de que a maturidade é uma fase compreendida entre os 35 a 65 anos. Além disso, é um período marcado pelo climatério - período sindrômico tido também como parâmetro demarcador da maturidade no curso de vida da mulher, pois, sinaliza a fase de mudanças entre a sua vida reprodutiva e a velhice.

Ademais, ainda conforme a autora acima referenciada, o climatério e a menopausa desempenham importante papel enquanto sinalizadores e demarcadores da transição entre a idade adulta e a terceira idade. São, também, definidores que por si próprio podem fornecer informações e compreensão sobre a maturidade e o envelhecer na condição de ser mulher.

Os parâmetros sociais (CAPURRO, 2003) sob os quais a mulher está inserida, influenciam diretamente na construção das informações e percepções e no entendimento acerca da velhice. Além disso, para Glissant (2005), a complexidade e a heterogeneidade de cada cultura exercem influência sobre a forma como cada fase da vida é percebida e vivenciada. O climatério não é encarado somente como um processo ao qual a mulher se submete passivamente, mas como um fenômeno biológico ao qual ela reage, com base em suas referências pessoais e interpretações socioculturais (CORIN, 1982; MARSHALL, 1986 apud MINAYO *et al.*, 2002).

3.2 REFLEXOS DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL NA SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

Importante ressaltar que o ritmo e a forma de vivenciar o processo da maturidade variam de uma mulher para outra mesmo entre mulheres da mesma idade, pois envolvem diferentes aspectos, inclusive os de natureza subjetiva. Para Freitas (2002) os sinais e sintomas que delimitam a maturidade na mulher produzem efeitos e reações diferentes entre elas, visto que cada organismo possui sua constituição particular, e por isto cada uma vive e reage de forma diferente a essa fase.

Freitas *et al.* (2002) apontam para a necessidade de desenvolver alternativas socioculturais de assistência e gerar conhecimentos que sejam inovadores e tragam novas informações e respostas à demanda de mulheres na maturidade, que estão envelhecendo e para as que já são idosas. Complementarmente, é preciso dispor de políticas públicas adequadas que possam garantir subsídios a fim de que essas mulheres tenham qualidade de vida nas fases subsequentes à meia-idade.

No trabalho realizado por Furtado e Issberner (2014) as autoras procuraram estudar as dimensões psicológicas, sociais e políticas que são importantes fatores para a qualidade de vida do ser humano, proporcionando subsídios para a melhoria de indicadores, especificamente aqueles direcionados para idosos. O objetivo seria de possibilitar o aperfeiçoamento da qualidade de vida de idosos, colaborando, assim, com políticas mais adequadas para essa parcela da população. Os resultados apontam que apesar de importantes estudos, há carência naqueles que estão direcionados ao ambiente de trabalho, especificamente em relação às políticas para qualidade de vida de idosos.

A meia-idade envolve um processo que contém elementos e atividades informacionais e de construção de significados que merecem estudos mais aprofundados. As mulheres são construtoras das suas próprias fases de vida, sendo influenciadas pelo ambiente sociocultural em que estão inseridas. Assim, a adoção de práticas saudáveis de vida e o ambiente social propício, durante as fases do desenvolvimento, poderão amenizar as manifestações da maturidade, permitindo que se chegue a esta nova etapa da vida com qualidade. Aliás, a forma como a maturidade é entendida pelas mulheres e as práticas de saúde adotadas por elas ao

logo da vida permitem compreender melhor as mudanças promovidas pela meia-idade.

Fialho, Mafra e Silva (2017) nos seus estudos procuraram investigar a percepção dos servidores idosos de uma Instituição Federal de Ensino em Minas Gerais relativa às mudanças comportamentais e sociais no ambiente organizacional em virtude do processo de envelhecimento e quais são as interferências na qualidade de vida no trabalho. Os autores destacam que os estudos sobre o envelhecimento e sua relação com a saúde e qualidade de vida nas organizações ainda são pouco explorados.

Nesse contexto, muito embora existam discussões e publicações nos diversos meios de divulgação da informação e do conhecimento sobre a maturidade das mulheres, é relevante destacar que a temática merece atenção especial, uma vez que é importante desmistificar as mudanças naturais vivenciadas nessa fase da vida de um processo com perdas e limitações sobre vários aspectos necessitando, ainda, de estudos específicos por parte da Ciência da Informação.

Especificamente, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) têm mulheres servidoras que desempenham diferentes atividades em diversas áreas de atuação no Hospital Universitário e que necessitam ser acolhidas dentro do seu processo de maturidade com ações visando o disseminação de informações que atendam às suas necessidades de informação relacionadas com o tema aqui tratado, que possam desenvolver ações que promovam o bem estar dessas servidoras e elevar os indicadores de saúde e qualidade de vida no trabalho. Há, portanto, uma preocupação com a temática. A pesquisa em questão pode contribuir com as políticas adotadas pela UFBA, e por outras organizações, especificamente para a criação de um grupo de qualidade de vida englobando as mulheres na maturidade enquanto força de trabalho em atividade. Nesse sentido, é importante aprimorar os conhecimentos relativos aos aspectos, características, conceitos e entendimentos acerca da competência em informação e comportamento informacional, que poderão contribuir para uma melhor compreensão sobre a necessidade de informação relativa à maturidade feminina com todos os seus processos inerentes.

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo trata sobre a construção do conhecimento na pesquisa. Essa construção envolveu processos metodológico delineados por estratégias que têm como propósito o alcance dos objetivos traçados e a propagação das informações para a produção de outros conhecimentos. Para tanto, foram definidos previamente o público-alvo da pesquisa, instrumento para coleta de dados e a organização dos dados coletados para sua análise, a fim de identificar e interpretar as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres que vivenciam este período da vida. Concordando com esse pensamento, Gil (2010) retrata o delineamento metodológico desde o planejamento e as concepções teórica, um conjunto de técnicas e ferramentas e um planejamento em sua dimensão mais ampla, envolvendo todos os elementos que deu andamento e suporte à essa pesquisa.

O desenvolvimento da pesquisa acontece a partir de conhecimentos existentes somados à utilização e aplicabilidade de técnicas e métodos científicos. A construção da pesquisa envolve um processo sistemático caracterizado por estágios, níveis de conhecimento e propósitos, além da coleta, análise e interpretação dos achados a fim de adquirir o entendimento sobre o tema, problema ou fenômeno.

Ademais, a pesquisa requer dedicação e inferências criativas por parte do pesquisador, pois segundo Minayo (2007, p. 26), diferentemente da arte e da poesia que se baseiam na inspiração, a pesquisa é um trabalho artesanal que não prescinde da criatividade, realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos ciclo de pesquisa, ou seja, um peculiar processo de trabalho em espiral que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto que, por sua vez, dá origem a novas interrogações.

Nesse sentido, a presente pesquisa iniciou-se com as buscas das referências bibliográficas, a fim de levantar e selecionar o material que atendesse ao tema e aos objetivos do estudo. Assim, foram utilizadas produções científicas com abordagens referentes a temáticas de interesse para a pesquisa, como: livros, artigos, revistas, dissertações e teses. Esse referencial bibliográfico embasou as fundamentações

teóricas sobre: informação, necessidade informacional, busca e recuperação da informação, fontes de informação, maturidade na mulher, menopausa e climatério.

Nas próximas sessões, serão apresentados os métodos e os procedimentos metodológicos usados na pesquisa, juntamente com as contextualizações, considerações e inferências que contribuíram para a conclusão do estudo.

4.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

Segundo Gil (1999), o método de abordagem é um conjunto de procedimentos que proporciona as bases lógicas da investigação. Para Marconi e Lakatos (2010) a adoção do método de abordagem está relacionada com a inspiração filosófica do pesquisador. Assim, infere-se que o método de abordagem é uma perspectiva filosófica do estudo científico. Marconi e Lakatos (2010) e Gil (1999) entendem que podem ser incluídos no grupo do método de abordagem, resumidamente: o dedutivo, o indutivo, o hipotético-dedutivo e o dialético. Cada um deles vincula-se a uma das correntes filosóficas que se propõem a explicar como se processa o conhecimento da realidade.

O modelo dedutivo é formal e lógico, pois está relacionado à racionalidade e à generalização. Ele trabalha com a generalização dos acontecimentos para afirmar a particularidade dos fatos, pois tem o propósito de explicar um fenômeno antecedente. A dedução é um método apresentado por autores clássicos como Spinoza, Descartes e Leibniz. Sua utilização é maior nas áreas das ciências exatas, tais como: a Física e a Matemática. (FREIRE-MAIA, 2007).

O método indutivo parte das observações particulares para chegar a conclusões generalistas ou universais e que não apenas estão contidas nas partes estudadas. (FREIRE-MAIA, 2007). De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve estar fundamentada nas premissas, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmados pela realidade. (GIL, 1999). Portanto, a constância e a regularidade dos fenômenos produzem uma generalização e induzir é chegar a uma conclusão a partir de dados particulares.

O método hipotético-dedutivo foi definido por Karl Popper a partir de críticas à indução, expressas em *A lógica da investigação científica*, obra publicada pela primeira vez em 1935. O modelo Poperiano consiste em: quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um

assunto, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tentar tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo procura-se a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la. (GIL, 1999, p.30).

Segundo FREIRE-MAIA (2007, p.43) esse método surgiu do entendimento de que não necessariamente é preciso partir de um fenômeno, da sua observação para, então, produzir uma hipótese a partir de indução. Além disso, o autor afirma ser possível que já exista a hipótese a partir da imaginação, do senso comum ou da intuição. E, para exemplificar, ele cita como exemplo a ideia de Charles Darwin que criou a teoria da evolução lendo um livro sobre sociologia e economia. Ele usava tanto o método indutivo (coletar muitos dados para formular uma hipótese) quando hipotético-dedutivo (partia de uma hipótese e buscava deduzi-la na verificação dos fatos e fenômenos).

Nesse sentido, com base nos estudos dos métodos de abordagem filosóficas empregados nas pesquisas científicas, este estudo traz um perfil e nuances de abordagem no âmbito hipotético-dedutivo, pois as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres que vivenciam esta fase da vida podem não ser constatadas tão somente pela indução e/ou dedução, mas por algo que remete a uma investigação intermediária. Porém, presume-se que elas têm demandas informacionais relacionadas ao período da meia idade.

Tem-se um problema que, a partir da hipótese, é possível ao pesquisador formular uma solução dedutiva através de experimento, testes e/ou análises para verificar se ela realmente se comprova ou não. A hipótese gera a dedução que, por sua vez, confirma ou refuta o fenômeno. Segundo Marconi e Lakatos (2010), a hipótese é uma proposta que se faz na tentativa de verificar a legitimidade do resultado existente para um problema. Ela antecede a constatação e se caracteriza pela formulação provisória, conduzindo a uma investigação empírica.

Buscando distanciar um pouco das possíveis convicções intelectuais a respeito da existência de conhecimentos predeterminantes, princípios e ideias, este estudo trata de identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade como uma expressão do comportamento informacional adquirido na procura pela

informação. Esses elementos-base são temas tratados pela Ciência da Informação, enquanto ciência interdisciplinar que tangencia as demais ciências.

4.2 MÉTODO DE PROCEDIMENTO

O caminho percorrido para identificação e monitoramento das necessidades informacionais sobre maturidade para mulheres que vivenciam esta fase da vida, é retratado por uma pesquisa do tipo estudo de caso e, segundo Gil (2010), pesquisas desse tipo, ao contrário do que é praticado nos demais delineamentos, envolvem etapas que não ocorrem de forma sequenciada e rígida. O conjunto de etapas tem um planejamento flexível e o que se desenvolve em uma fase determina as mudanças que podem vir sequencialmente.

Nesse sentido, esta pesquisa tratou-se de um estudo de caso e, a inclusão nesse método de procedimento, considerou o desejo da autora em aprofundar o conhecimento e as experiências sobre o tema, buscando descrever as mulheres de meia idade, seus perfis pessoais e profissionais, seus valores, suas crenças, o saber que elas detêm, como reagem à vivência dos eventos da maturidade, suas condições de saúde/doença e suas expectativas, possibilitando identificar as necessidades informacionais que possuem.

Assim, o método de procedimento na modalidade de estudo de caso adotado nessa investigação é resultante da aplicabilidade dos métodos defendidos por Gil (2010), Marconi e Lakatos (2010), sob a perspectiva filosófica do estudo científico. Eles corroboram de que a categorização metodológica em método proporciona bases lógicas e meios técnicos para investigação, pois, para Gil (2010), o método de abordagem é um conjunto de procedimentos que proporcionam as bases lógicas da investigação, e para Marconi e Lakatos (2010), a adoção do método de abordagem está relacionada com a inspiração filosófica do pesquisador.

4.3 NÍVEL, OBJETIVOS E PROBLEMA DA PESQUISA

Para Gil (2010) a produção textual do estudo científico deve informar, inicialmente, acerca da natureza da pesquisa ou o que ele denomina de níveis de pesquisa, se distinguindo em: estudos descritivos, explicativos e exploratórios.

A abordagem para sustentação do presente estudo tem características do tipo descritiva, pois buscou descrever, classificar, analisar e coletar dados sobre o fenômeno ou objeto-problema, no sentido de identificar como as mulheres na maturidade operacionalizam a busca e recuperação de conteúdos orientados às suas necessidades informacionais.

As pesquisas descritivas excedem a identificação e notificação existentes nas variáveis, pois envolvem a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados para posterior descrição e análise dos dados restaurados. Ademais, considera também a pergunta direcionadora do estudo e os objetivos da investigação, que são os elementos essenciais na composição do tema a ser investigado. Além disso, elas têm como objetivo fundamental, segundo Gil (2010), estudar as características de um grupo, descrever características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, estabelecer relações entre variáveis. No caso do presente estudo, é possível perceber esse objetivo a partir do próprio tema: identificação das necessidades informacionais sobre maturidade para mulheres que vivenciam esta fase da vida.

O tema supracitado pode ser colocado como a própria pergunta de partida da pesquisa: quais são as necessidades informacionais sobre maturidade para mulheres que vivenciam este período da vida? Assim sendo, é possível conduzir o presente estudo com mais precisão, pois o objetivo da pesquisa passa a ser a procura pela resposta a essa indagação.

Nessa conjuntura, a pesquisa procurou identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres, servidoras UFBA lotadas em um hospital universitário, que vivenciam este período da vida. E, a fim de atender a esse objetivo geral, foram constituídos os objetivos específicos, a saber: a) caracterizar as mulheres, entre 35 a 59 anos, servidoras da UFBA lotadas no hospital universitário; b) apresentar os conteúdos informacionais sobre a maturidade informados por elas, e c) descrever informação, a busca informacional e as fontes utilizadas pelas mulheres.

Diante do exposto, no que tangencia aos objetivos, a pesquisa descritiva coaduna com o fenômeno estudado, pois busca observar, conhecer, descrever, classificar, analisar e coletar dados sobre o problema, a fim de identificar as necessidades informacionais das mulheres na maturidade sobre este período da vida.

4.4 UNIVERSO E AMOSTRA

O universo é composto por elementos que possuem características comuns e que serão estudadas conforme a condução do estudo proposto, segundo Marconi e Lakatos (2010). Entretanto, nem sempre é possível estudar o universo, tendo em vista que o processo de busca da informação sobre uma ou muitas características de uma população pode ter muitas proporções e neste caso, pois de acordo Oliveira (2003), é praticamente impossível a investigação do todo, pois depende de recursos indispensáveis ao levantamento dos dados.

No que se refere à amostra, Marconi e Lakatos (2010) tratam essa abordagem da pesquisa científica como sendo uma parcela da população que foi, acertadamente, selecionada; é um subconjunto do universo. Portanto, a amostra é uma parte que foi retirada da população a partir da aplicabilidade de técnicas adequadas, a fim de garantir a representatividade do universo a ser investigado.

Diante do exposto, a fim de se constituir o universo da pesquisa e extrair deste a amostra a ser estudada, fez-se necessário buscar informações básicas das servidoras junto à Divisão de Gestão de Pessoas (DIVGP) do Hospital Universitário. Foi disponibilizada uma relação contendo 450 cadastros de servidoras em atividade na instituição com informações, como: nome, data de nascimento e e-mail. À princípio percebeu-se que seriam necessárias algumas análises para triar as informações cadastrais a fim de selecionar as mulheres que atendessem aos critérios pré-estabelecidos na sessão metodológica da pesquisa. Assim, estabeleceu-se algumas fases nesse processo: na primeira fase, a idade foi o parâmetro utilizado para incluir ou não as mulheres servidoras UFBA neste estudo. Foram selecionadas 302 mulheres com idade entre 35 e 59 anos, pois do total de servidoras em atividade no hospital 146 tinham idade igual ou superior a 60 anos e 2 apresentavam idade inferior a 35 anos. Numa segunda fase da triagem, notou-se que do total de mulheres elegíveis, 46 não tinham endereço eletrônico para contato

nos registros, o que inviabilizou a participação deste quantitativo. Ademais, uma das mulheres havia participado da aplicação do instrumento para coleta de dados na modalidade de pré-teste, o que a excluiu automaticamente. Ao final, 255 servidoras foram consideradas aptas a participarem do estudo pelos critérios etários estabelecidos e por possuírem endereço eletrônico para contato.

Nesse meio tempo, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, que tem um recorte espacial para sua aplicabilidade e ser do tipo descritiva, após aprovação na defesa de qualificação iniciou-se o protocolo de submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP do Hospital Universitário/UFBA em 24/07/2023, a fim de conhecer, apreciar e autorizar a aplicação do instrumento requerido no espaço físico do Hospital e coletar as informações necessárias ao desenvolvimento do estudo. A deliberação do Comitê deferiu o projeto com aprovação unânime em reunião ordinária no dia 04/11/2023, sob o Protocolo de nº 6.500.721, CAAE: 73016723.9.0000.0049 após várias fases de ajustes no cronograma, em decorrência de contratempos internos no comitê, o que impactou no prolongado intervalo de tempo entre a apreciação e aprovação do projeto. Enfim, os pesquisadores tiveram o projeto aprovado e foram autorizados a implementarem a pesquisa.

Ao concluir as etapas de submissão e obter a aprovação do CEP, foi estabelecido contato através dos endereços eletrônicos com as 255 mulheres selecionadas na segunda fase da triagem, a fim de apresentar sucintamente o estudo e enviar o link do questionário online (Microsoft Forms) juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo.

Os e-mails foram enviados de forma individualizada do e-mail pessoal da pesquisadora para cada uma das mulheres, garantindo o sigilo dos endereços eletrônicos das participantes e das informações consequentes, e a não divulgação entre as participantes. Dos contatos estabelecidos, 36 e-mails foram devolvidos automaticamente à pesquisadora constando como “endereço eletrônico inválido”. Dessa forma, constatou-se que acontecia, mais vez, outra forma de seleção das participantes estabelecendo, assim, uma terceira fase da triagem. Diante do exposto, 219 contatos foram efetivamente estabelecidos e, com isto, constituiu-se o universo da pesquisa.

Considerando o tempo planejado para o processo de coleta, análise dos dados e defesa desta dissertação delimitou-se, portanto, um prazo de resposta ao

questionário, ficando disponível online por dois meses a partir da data do envio. Após o tempo transcorrido, a pesquisa obteve a participação de 08 mulheres, visto que as respostas ao questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram devidamente remetidos à pesquisadora.

Não sendo considerada uma amostra representativa para inferências e considerações acerca do tema pesquisado, fez-se necessário reaplicar o questionário enviando-o, novamente, aos endereços eletrônicos válidos. Porém, desta vez, foi realizada uma busca ativa das servidoras estabelecendo um contato presencial com o máximo de mulheres possível, a fim de reforçar o convite em participar da pesquisa respondendo ao questionário enviado em seus e-mails. E, ao final dessa segunda reaplicação, foram contabilizadas a participação adicional de 13 mulheres, totalizando uma amostra de 21 participantes no estudo.

4.5 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Ao delinear a pesquisa, outro elemento relevante é o procedimento adotado para a coleta dos dados. Em um estudo científica a fase de coleta dos dados é uma etapa essencial do processo investigatório e para o seu desenvolvimento, pois é através dela que as informações necessárias para contemplar a pergunta de partida são coletadas. Marconi e Lakatos (2010) argumentam que a coleta dos dados é a etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas a fim de se efetuar a coleta prevista.

Nesse sentido, o instrumento utilizado a fim de efetivar a coleta dos dados necessários ao desenvolvimento do estudo foi um questionário online, via Microsoft Teams. O questionário na modalidade Microsoft Forms é uma ferramenta que permite criar, compartilhar e coletar respostas online. As respostas dos participantes são coletadas automaticamente e podem ser vistas em tempo real pelo pesquisador, preservando o anonimato e o sigilo das informações emitidas.

O questionário é uma ferramenta versátil utilizada como instrumento para coletar informações de forma sistemática e eficiente em uma determinada amostra ou público. É composto por perguntas padronizadas que podem ser abertas, fechadas, de múltipla escolha, entre outras formas, a depender do tema ou assunto que se pretende tratar no procedimento do estudo. Segundo Minayo (2005), os

questionários são dispositivos normatizados e padronizados, que captam a presença ou ausência de determinada característica do indivíduo, permitindo mensurar a incidência com que esta característica se distribui no grupo estudado.

O instrumento utilizado percorreu as seguintes etapas: elaboração, pré-teste, qualificação, submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário/UFBA, a aplicação propriamente dita e, finalmente, a obtenção das respostas. Para superar essas fases foram necessários, aproximadamente, onze meses. Ressalta-se que, num primeiro momento, o questionário online ficou disponível para as mulheres entre os meses de janeiro e março de 2024, somando dois meses. Após transcorrido esse período, não foi possível obter uma participação representativa de mulheres na pesquisa, sendo necessário reaplicar o instrumento na mesma modalidade por mais um período de quinze dias, no mês de abril do corrente ano.

O questionário foi dividido em três blocos de perguntas, sendo o primeiro composto de treze questionamentos, divididos entre perguntas abertas e objetivas, direcionados a conhecer o perfil das mulheres; o segundo bloco constituiu-se de perguntas abertas com o objetivo de apresentar os conteúdos informacionais sobre a maturidade informados por elas, o terceiro e último bloco foi composto também de perguntas abertas, a fim de descrever informação, a busca informacional e as fontes utilizadas pelas mulheres.

O questionário foi enviado para os e-mails das mulheres, de forma individual, através do endereço eletrônico particular da pesquisadora, a fim de preservar o sigilo e o anonimato das participantes e de suas respectivas respostas. Juntamente com o instrumento foi enviado, em anexo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que pudesse ser lido e, concordando em participar da pesquisa, fosse assinado e remetido à pesquisadora.

4.6 TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados, conforme Gil (2010), é o processo de análise e interpretação dos elementos coletados, é uma atividade que se dá simultaneamente à sua coleta e fica difícil definir a sequência de etapas a serem seguidas, pois não há como definir onde termina a análise e começa a interpretação.

A análise e a interpretação dos dados da pesquisa constituem processos estritamente relacionados. Entretanto, Gil salienta que na análise o pesquisador se prende aos dados, enquanto na interpretação existe a procura por significados, considerando a interligação entre o conhecimento prévio e as inferências relacionadas. Dessa forma, a análise da pesquisa se dá através do cumprimento de regras e a interpretação não perpassa por qualquer preceito ou padronização. Em vista disso, a análise e a apresentação de dados têm como objetivo organizar e sintetizar os dados de forma a possibilitarem a provisão de respostas ao problema proposto na pesquisa.

Nesse sentido, para o tratamento dos dados foi aplicada a Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Essa técnica, segundo essa autora, é composta por um conjunto de procedimentos de análise das comunicações, que utiliza ferramentas sistemáticas e objetivas de descrição do conteúdo das mensagens e tem a intenção de fazer inferência de conhecimentos relativos às condições de produção [...], que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 1977, p. 38). Ademais, a autora afirma ainda que a análise de conteúdo é organizada de forma a permitir ao autor fazer uma pré-análise do material coletado, uma exploração do conteúdo e o tratamento dos resultados com inferências e interpretações que visam responder aos objetivos propostos.

Ainda segundo o autor acima, a análise de conteúdo é organizada em três fases importantes para o processo: a) pré-análise – fase em que é feita uma ou várias leituras flutuantes, a escolha do documento, a formulação de hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores e a preparação do material; b) exploração do material coletado – fase em que é feita a formulação das categorias a serem estudadas; e terceira e última fase c) tratamentos dos resultados encontrados – fase em que acontece inferências e interpretação a fim de chegar aos objetivos propostos.

Os dados coletados passaram pelos procedimentos necessários na intenção de identificar os elementos convergentes com os objetivos da pesquisa, amparados pelos embasamentos teóricos e metodológicos apresentados no estudo. Esse procedimento permitiu uma exploração sistemática do conteúdo coletado o que significa, segundo Gil (2010), o tempo de interpretação dos elementos adquiridos.

Desse modo, contrariando a ordem da aplicabilidade da Técnica de Análise de Conteúdo, inicialmente estabeleceu-se a transcrição minuciosa das respostas ao

questionário aplicado, de forma a permitir a organização e a manutenção da integridade das informações. Em seguida foram realizadas sucessivas leituras do material transcrito com o propósito de identificar semelhanças ou não a partir do conteúdo obtido e formular as características comuns a serem estudadas, afim de promover a cisão do texto em unidades de significados e, por fim, o agrupamento dos fragmentos e temas em categorias e subcategorias, pois, segundo Bardin (2016), categoria é a organização dos elementos com características comuns que refletem uma forma de pensamento e conhecimento, e a realidade dos estoques mentais de informações.

A criação e o desenvolvimento das categorias compõem uma etapa fundamental na análise de conteúdo. E, para melhor explanar e tratar os resultados apresentados, optou-se por agrupar os elementos com características comuns em três categorias, a partir dos blocos de perguntas do questionário e em consonância com os objetivos do estudo. A primeira categoria faz referência ao primeiro bloco das perguntas do questionário – PERFIL DAS MULHERES – onde há a descrição do perfil etário, familiar, educacional, profissional, racial, religioso, condições de saúde/doença e perfil econômico.

A segunda e terceira categorias estão relacionadas às perguntas do segundo e terceiro bloco, que fazem referência aos CONTEÚDOS INFORMACIONAIS SOBRE A MATURIDADE, INFORMAÇÃO, BUSCA INFORMACIONAL e FONTES ACESSADAS, revelando o conceito que elas têm sobre informação, os conteúdos informacionais buscados e informados sobre o processo da maturidade, e as fontes utilizadas podendo, assim, revelar as possíveis lacunas informacionais existentes sobre a meia idade. E, para preservar as suas identidades, mantendo-as no anonimato, optou-se por representa-las simbolicamente pelo código “M”, enumerando-as de 1 a 21, conforme a sequência correspondente ao enquadramento no tempo de resposta ao questionário.

Diante do exposto, o tratamento dos dados teve como objetivo organizar e resumir as informações, permitindo a apresentação e discussão dos resultados a fim de obter as respostas para a pergunta de partida proposta na investigação.

Nas sessões seguintes as categorias serão apresentadas detalhadamente, analisadas e discutidas conforme o arcabouço metodológico proposto, com as considerações e inferências da pesquisadora embasado pelos autores referenciados na sessão das referências literárias.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo trata da apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, embasados pelo referencial teórico desta dissertação e através das informações colhidas das respostas ao questionário aplicado. E, para uma melhor organização e entendimento foi dividido em sessões. A primeira trata da apresentação e discussão dos resultados referentes ao perfil das respondentes do questionário - mulheres, entre 35 e 59 anos, servidoras UFBA lotadas no Hospital Universitário. A segunda sessão trata dos resultados relativos aos conteúdos informados por elas sobre a maturidade. A terceira e última sessão trata dos resultados relacionados à informação, busca informacional e fontes acessadas pelas mulheres a fim de atender às suas demandas informacionais.

5.1 PERFIL DAS MULHERES

Nesta sessão serão descritas as características que representam o perfil das mulheres de meia idade, servidoras da Universidade Federal da Bahia lotadas no Hospital Universitário que participaram do estudo, e serão apresentadas da seguinte forma: idade, estado civil, escolaridade, ocupação, raça, religião, composição familiar, condição de saúde/doença e perfil econômico das servidoras pesquisadas. O foco dessa análise emergiu a partir do objetivo específico a): caracterizar as mulheres, entre 35 a 59 anos, servidoras da UFBA, lotadas no hospital universitário.

Ressalta-se que nos parágrafos a seguir, considerando os aspectos apresentados no quadro 2 abaixo, serão abordadas e descritas as características das participantes do estudo, a fim de permitir uma análise minuciosa das informações e a consequente construção da representação do perfil das mulheres dessa pesquisa.

Quadro 2 – Perfil das mulheres

	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Cor de pele	Religião	Filho	Atividade física	Doença crônica	Qual	Tratamento	Usa medicação contínua	Renda familiar
M1	48	Divorciada	Pós-graduação	Enfermeira	Branca	Sem	Sim	Não	Sim	Hipotireoidismo	Sim	Sim	25.000
M2	55	Casada	Mestrado	Chefia	Negra	Católica	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	6.500
M3	54	Casada	Pós-graduação	Técnica em laboratório	Parda	Católica	Sim	Sim	Sim	Hipertensão	Sim	Sim	8.000
M4	53	Casada	Graduada	Auxiliar de Enfermagem	Negra	Crente	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	2 salários mínimos
M5	51	Solteira	Pós-graduação	Técnica de Enfermagem	Negra	Católica	Não	Não	Sim	Paraparesia Espástica.	Sim	Sim	5.000
M6	48	Casada	Pós-graduação	Enfermeira	Branca	Católica	Sim	Sim	Não	Não possui doença crônica.	Não	Não	15.000
M7	49	Casada	Pós-graduação	Nutricionista	Parda	Espírita	Sim	Sim	Não	Não se aplica	Não	Não	16.000
M8	50	Divorciada	Pós-graduação	Técnica de Enfermagem	Negra	Católica	Sim	Não	Sim	Ansiedade	Não	Não	7000
M9	46	Casada	Graduada	Assistente Administrativo	Parda	Católica	Não	Sim	Sim	Cervicalgia	Sim	Não	salários mínimos
M10	49	Casada	Mestrado	Servidora pública	Negra	Católica	Sim	Não	Sim	Disfunção da tireóide	Sim	Sim	30.000
M11	39	Solteira	Doutorado	Servidora pública	Branca	Sem	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	10.000
M12	46	Casada	Doutorado	Enfermeira	Parda	Evangélica	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	6.000
M13	49	Casada	Pós-graduação	Técnica de Enfermagem	Branca	Espírita	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	5mil
M14	54	Casada	Graduada	Assistente Administrativo	Parda	Católica	Sim	Não	Sim	Hipertensão	Sim	Sim	8.500
M15	56	Viúva	Técnico	Técnica em Radiologia	Negra	Católica	Sim	Sim	Sim	Várias	Sim	Sim	6.500
M16	43	Solteira	Graduação	Téc. de laboratório	Branca	Evangélica	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	30mil
M17	57	Casada	Mestrado	Servidora pública	Branca	Católica	Sim	Sim	Sim	Lombalgia	Sim	Sim	12.000
M18	46	Divorciada	Pós-graduada	Enfermeira	Parda	Católica	Não	Sim	Sim	Dor crônica	Sim	Sim	6 salários
M19	52	Casada	Graduação	Téc. de Enfermagem	Parda	Evangélica	Sim	Sim	Não	Não se aplica	Não	Não	5.500
M20	44	Casada	Graduação	Aux. de Enfermagem	Negra	Católica	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	12 salários mínimos
M21	50	Casada	Mestrado	Enfermeira	Parda	Católica	Sim	Sim	Sim	Rinite alérgica	Sim	Sim	Não respondeu

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Inicialmente, na abordagem do quesito IDADE nota-se que há uma distribuição etária homogênea entre as participantes, descritas da seguinte forma: 39 anos (1), 43 anos (1), 44 anos (1), 46 anos (3), 48 anos (2), 49 anos (3), 50 anos (2), 51 anos (1), 52 anos (1), 53 anos (1), 54 anos (2), 55 anos (1), 56 anos (1) e 57 anos (1). Do exposto, ressalta-se que o demarcador cronológico pode ser um indicador de inclusão dessas mulheres no período da meia idade, pois há uma delimitação cronológica da maturidade que, segundo Py *et al.* (2004), é uma fase compreendida entre os 35 a 65 anos. Ademais, Bassit (2002) afirma que a meia idade é um período de transição delimitado a partir de mudanças biológicas, psicológicas e sociais que associadas à idade cronológica definem esta etapa da vida e funcionam como o único critério de inclusão das mulheres nessa fase.

O climatério e a menopausa são considerados como marcadores do período entre a vida adulta e a velhice vivenciado pelas mulheres. Concordando com as afirmações das autoras acima citadas, esses eventos desempenham importante papel enquanto sinalizadores e/ou indicadores dessa transição. Eles são instrumentos de análise do processo de envelhecer feminino e são também definidores que podem fornecer a compreensão sobre como é o processo da maturidade na condição de ser mulher.

O tempo cronológico – idade - indica o estágio da vida de uma pessoa desde o seu nascimento. É considerado um sinalizador relevante nos diferentes contextos e utilizado como um marcador, entre outros, do desenvolvimento na vida humana. Ademais, a idade associa-se também com o tempo biológico, uma vez que é importante considerar a condição de saúde/doença, o envelhecimento físico e mental, a maturidade emocional e cognitiva, as responsabilidades e experiências relacionadas às diferentes fases da vida, e às necessidades adaptativas ao meio social, cultural e institucional.

Tratando-se da maturidade na vida da mulher, percebe-se que o fator idade está intimamente relacionado à delimitação desta fase. É um indicador do tempo limítrofe entre a sua fase reprodutiva e não reprodutiva, implicando na vivência dos eventos característicos deste período com efeitos relacionados aos aspectos da natureza física e biológica, adaptativos e reativos à condição de intensidade desses acontecimentos. Complementarmente, vale ressaltar que o indicador cronológico isolado não é determinante para afirmar com exatidão e segurança que as mulheres vivenciam o período da maturidade, pois existem outros aspectos que devem ser

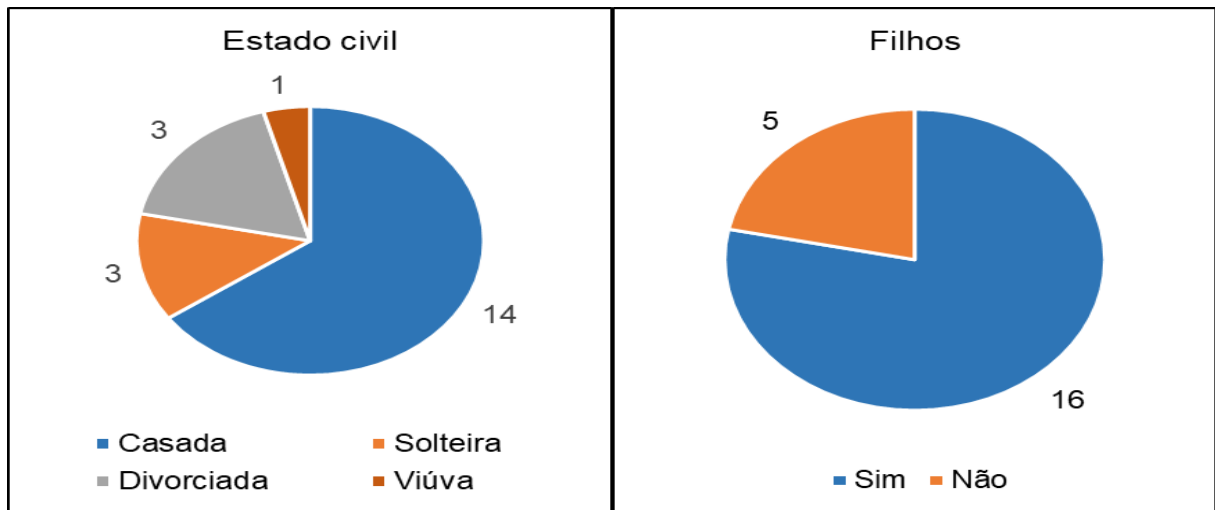
correlacionados ao tempo tais como, por exemplo, os eventos intrínsecos à natureza fisiológica da mulher.

Além disso, o tempo biológico difere de um organismo para outro podendo cada mulher, mesmo que tenham tempo cronológico de vida igual ou próximo, vivenciar as mudanças da meia idade em estágios e intensidade diferentes. O ritmo das mudanças vividas durante o processo da transição entre a fase adulta e a velhice varia de uma mulher para outra, mesmo entre mulheres de mesma idade, pois conforme Freitas (2002), a intensidade dos efeitos secundários das manifestações do processo de envelhecer produzem reações diferentes de uma mulher a outra, pois cada uma possui especificidades biológicas que direcionam a forma de viver e reagir aos eventos da maturidade.

Ademais, Py *et al.* (2004) afirmam que as mudanças são marcas que, ao longo da vida, a sociedade contemporânea apresenta como momento-chave das trajetórias de vida. Portanto, as diferenças socioculturais constroem significados, elaboram periodizações e desenvolvem sentidos e práticas próprias para cada etapa e cada passagem. As passagens de um momento para outro são percebidas como dramas individuais vividos e como experiências únicas.

Nesse sentido, considerando as convergências entre as manifestações de Bassit (2002) e Py *et al.* (2004), infere-se que as mulheres do estudo vivem o tempo cronológico que as incluem na fase da maturidade. Entretanto, ressalta-se que cada mulher tem experiências e associações individuais e coletivas, que contribuem para o modo de viver, reagir e direcionar essa fase. Ademais, é possível que elas estejam vivenciando esse período, também, do ponto de vista da idade biológica, pois muitas sinalizaram a presença de sinais e sintomas considerados pelos autores supracitados como marcadores desse período.

Seguindo com a análise dos dados, a sessão seguinte tratará dos resultados referentes ao perfil das servidoras. O gráfico abaixo traz a representação das evidências sobre estado civil e o perfil familiar das mulheres estudadas.

Gráfico 1 – Estado civil e perfil familiar

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Com relação ao ESTADO CIVIL, os dados apontam que 67% das mulheres são casadas, seguida de divorciadas e solteiras com o mesmo percentual de 14%, e 5% viúva. Concomitantemente, apresentam-se os dados sobre o questionamento TÊM FILHOS e as evidências apontam que 17 mulheres responderam “Sim” e 04 responderam “Não”. Assim, conforme apresentado no gráfico acima, 76% das mulheres têm filhos independentemente do estado civil, e 24% informaram não ter filhos.

A família, conforme afirma Minuchin (1982) citado por Osório (2002), é o produto das mudanças históricas e sociais da sociedade e das adaptações em relação às exigências das diferentes fases de seu ciclo vital. É considerada um sistema complexo e em constante transformação. Ela é como um complexo pluridimensional que, inserida em contextos socioculturais e econômicos, sofre constantes mudanças na sua formação basilar, tanto do ponto de vista da sua composição como na função que cada componente desempenha dentro da configuração familiar.

Nesse contexto, os dados apontam que a estrutura familiar das servidoras é representada pela familiar tradicional composta pela figura do pai, mãe e filhos. Ademais, é possível inferir que as mulheres mantem uma relação de compromisso matrimonial com um cônjuge e tem uma base familiar nos moldes tradicionais.

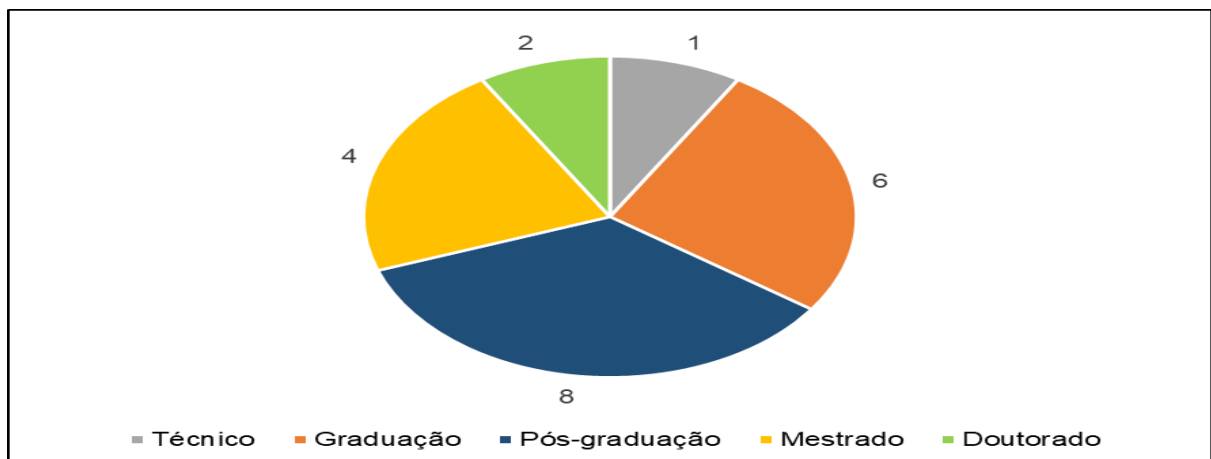
Entretanto, o formato de família tem sofrido mudanças nos últimos tempos e, apesar dos números evidenciados, vale ressaltar que há evidências de uma

configuração familiar constituída por mulheres solteiras (M5, M11 e M16), divorciadas (M1, M8 e M18) e viúva (M15) com filhos demonstrando, assim, uma estrutura familiar monoparental, o que representa um perfil de família rotineiramente encontrado na atual conjuntura social.

Entretanto, essa conclusão não influencia o entendimento de que, apesar das constatações, os perfis de relacionamento e de família mudaram com o passar dos anos. Hoje em dia, é democrático a existência das diversidades nos relacionamentos e na construção familiar.

Na sequência, dando continuidade a apresentação e discussão dos resultados, segue abaixo o gráfico que traz a exposição numérica e representativa sobre os dados da pesquisa referentes ao grau de escolaridade apresentado pelas mulheres.

Gráfico 2 - Grau de escolaridade



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

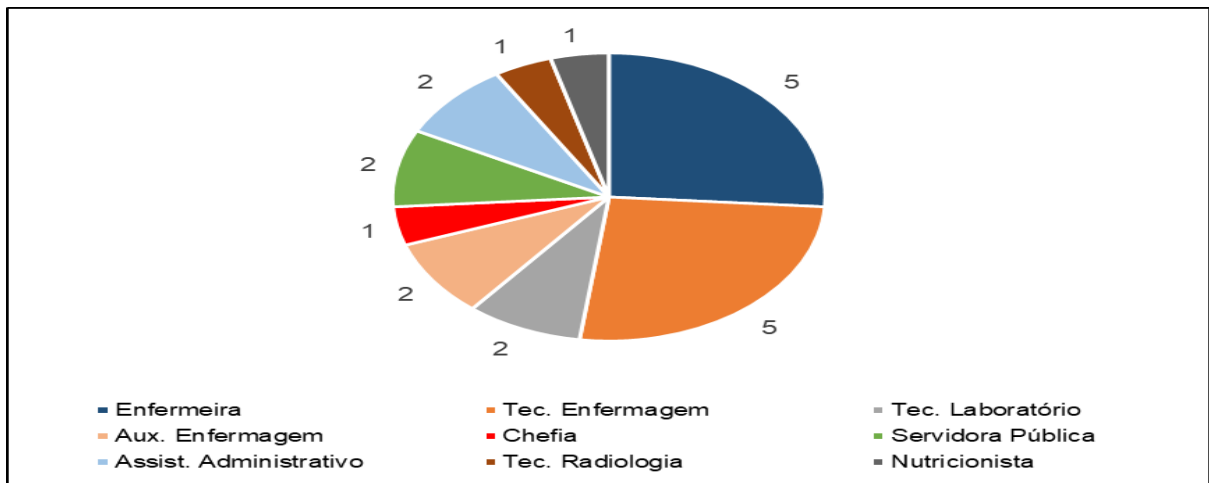
Os dados das respostas demonstram que o GRAU DE ESCOLARIDADE das participantes está distribuído da seguinte forma: 8 possuem pós-graduação em nível de especialização, 6 possuem graduação, 4 possuem mestrado, 2 mulheres possuem doutorado, e 1 possui nível técnico, conforme descrito no gráfico acima. Esse resultado evidencia que 95% das servidoras possuem formação superior e apenas 5% tem nível técnico completo. Esse nível de formação pode revelar o estágio de realização pessoal, profissional, financeiro e organizacional. O que não significa dizer que a mulher que informou ter nível técnico (M15), também não se sinta contemplada e realizada nesses aspectos.

Percebe-se que a conformação revelada pelo grau de escolaridade pode demonstrar a capacidade intelectual que elas têm no que diz respeito à identificação do estoque mental de conteúdos e as lacunas relacionadas, em buscar e assimilar a informação, produzir o conhecimento e propaga-lo. Araújo (2010) acrescenta que é preciso ver o que está na mente dos usuários, pois a informação é o estado de conhecimento não é apenas a sua manifestação física ou o seu registro material.

Ademais, o grau de escolaridade e as experiências adquiridas ao longo da vida podem revelar a existência de reservas informacionais e podem, também, ser um fator que contribuirá para a sua capacidade de identificar as demandas informacionais advindas de suas inquietações provendo, assim, um movimento favorável no sentido de buscar por respostas. Nesse sentido, pode-se inferir que existe uma correlação entre os processos vividos nas diferentes fases da vida com os aspectos cognitivos, subjetivos e a construção do saber a partir da informação buscada e transformada em conhecimento, pois segundo Souza (2007) a informação é a quantidade de estímulo recebido do mundo exterior que modifica nosso estágio de conhecimento.

Passando para a próxima questão avaliada no questionário e relacionada ao perfil das servidoras, verifica-se no gráfico 3 abaixo os dados referentes à ocupação das mulheres do estudo.

Antes de iniciar a sessão, vale ressaltar que a atividade desempenhada é um fator relevante para se qualificar o padrão de inserção profissional no mercado de trabalho. Entretanto, é importante sinalizar que, conforme será abordado na sequência, o nível de escolaridade revelado na sessão anterior pode não ter relação direta com a ocupação profissional desenvolvida pelas mulheres na instituição estudada, verifica-se que algumas informaram ter nível superior, porém desempenham atividades laborais de nível auxiliar e técnico (M3, M4, M5, M8, M9, M13, M14, M16, M19 e M20).

Gráfico 3 – Ocupação

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Verifica-se que as servidoras informaram ter OCUPAÇÃO que, possivelmente, está vinculada às atividades e funções do exercício profissional, sendo assim descritas: 5 enfermeiras, 5 técnicas em enfermagem, 2 auxiliares de enfermagem, 2 assistentes administrativos, 2 técnicas em laboratório, 2 servidoras públicas, 1 nutricionista, 1 técnica em radiologia e 1 informou ser chefe. Esses dados revelam que aproximadamente 76% das mulheres são profissionais de saúde e 24% delas se distribuem nas áreas administrativas.

Essa prevalência de atuação na área da saúde é notória não apenas na realidade pesquisada como, também, em muitas outras instituições. A presença da mulher no mercado de trabalho se deve a muitos acontecimentos ocorridos ao longo dos anos, entre eles é possível citar o avanço dos processos de industrialização, o aumento da demanda por mão de obra no mercado e a abertura de espaço para que a mulher trabalhasse na indústria e no setor de serviços e comércio. Essa participação delas no mercado de trabalho brasileiro aumentou consideravelmente nas últimas décadas. Pode-se constatar essa informação através de uma reportagem escrita por Mendes e publicada no Portal Escola Brasil onde, de acordo com estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1990 a participação feminina na força de trabalho foi de 47,60% e em 2013 foi de 65,07% das mulheres entre 16 e 64 anos ativas no mercado de trabalho. E, cada vez mais, aquelas que encontraram emprego são as mais qualificadas, ou seja, que fizeram faculdade e continuam a estudar enquanto trabalham.

Então, não é de hoje que a participação das mulheres no mercado de trabalho é relevante. E, quando essa atuação se dá na área da saúde, percebe-se que sempre houve uma atuação significativa delas nessa realidade e, cada vez mais, é abrangente, levando a participação feminina a postos cada vez mais altos. Essa atuação marcante no campo da saúde pode ser atribuída às mudanças na estrutura familiar, social, econômica e profissional e a consequente ampliação da participação delas no mercado de trabalho evidenciando, assim, oportunidades de desenvolvimento pessoal, profissional e econômico, além da sua inserção atuante na produção socioeconômico e organizacional.

Infere-se que essa realidade prevalente de mulheres atuando em profissões ligadas à área da saúde pode estar atrelada ao fato da pesquisa ter sido realizada em um hospital, local onde a força de trabalho, normalmente, tem as mulheres como maioria. O Portal Saúde Business publicou uma reportagem em seis de março de 2020, onde mostra que estudos realizados pela Fundação Osvaldo Cruz apontavam que, ainda nos anos 90, a prevalência de mulheres na participação da força feminina no setor de saúde no Brasil já era de 70% e destas 62% eram de categorias profissionais com nível superior. E, ainda em 2020, outro estudo mais recente realizado pelo Ministério da Saúde e divulgado na Biblioteca Virtual em Saúde apontou que as mulheres eram a principal força de trabalho na saúde neste período, representando 65% dos mais de seis milhões de profissionais no setor público e privado, tanto em atividades diretas de assistência nos hospitais quanto na Atenção Básica.

Na sequência, segue a sessão em que serão apresentados os dados referentes à renda familiar enquanto dado complementar que permitirá conhecer o perfil das mulheres. Na figura 8 evidenciam-se os resultados com o demonstrativo dos proventos familiares informados pelas pesquisadas.

Figura 8 - Renda familiar

ID ↑	Nome	Respostas
1	anonymous	25000
2	anonymous	6.500,00
3	anonymous	R\$8.000,00
4	anonymous	2 salários mínimos
5	anonymous	R\$ 5.000
6	anonymous	15.000,00
7	anonymous	R\$ 16.000,00
8	anonymous	+ -7000
9	anonymous	aproximadamente 4 salários
10	anonymous	R\$ 30.000,00
11	anonymous	10.000,00
12	anonymous	(+/-) 6 mil
13	anonymous	(+/-) 5mil
14	anonymous	8.500
15	anonymous	6.500
16	anonymous	+/-30mil
17	anonymous	12.000
18	anonymous	6 salários
19	anonymous	(+/-) 5.500
20	anonymous	12 salários mínimos

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Conforme a figura acima, ressalta-se que apenas M21 não respondeu a este questionamento. Nota-se, verificando os dados, que 71% das mulheres possuem RENDA FAMILIAR superior a 4 salários mínimos, 24% têm rendimento familiar até quatro salários mínimos, e 5% não informou. Infere-se que essa realidade financeira pode ser o resultado das conquistas pessoais e profissionais adquiridas ao longo da vida e do desenvolvimento profissional e financeiro, impulsionado pela implementação de políticas favoráveis à equiparação profissional e salarial no mercado de trabalho. Além disso, pode ser uma resultante dos seus proventos somados às complementações familiares, representando esse patamar financeiro.

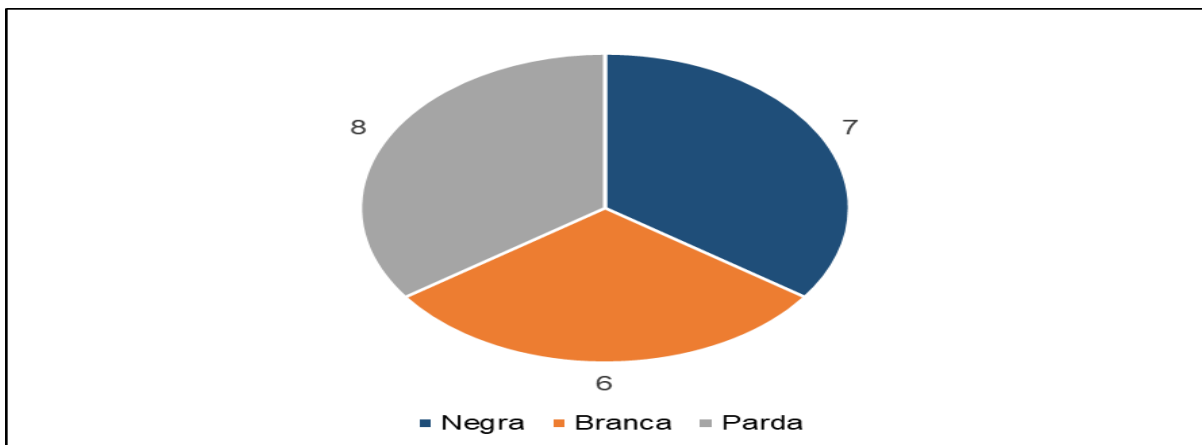
Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2023 a renda média por morador nos lares brasileiros foi de R\$ 1.893. Em 2022 a média per capita era de R\$ 1.625. Um dos fatores que contribuiu para isso foi a geração de emprego e benefícios sociais causando impactos na renda das famílias.

Nesse sentido, ressalta-se que a renda familiar é calculada através da soma de todos os salários, benefícios e outras fontes de renda que a família recebe durante o mês e, depois, divide-se o valor total pelo número de moradores da casa.

Ressalta-se que, conforme não consta na figura acima, apenas M21 não respondeu a este questionamento.

A seguir, o gráfico 4 apresenta as informações relativas à cor de pele informada pelas servidoras e, posteriormente, seguem as argumentações a partir das interpretações.

Gráfico 4 – Cor de pele



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Com relação à COR DE PELE, a maioria das mulheres se autodeclararam parda, seguidas de negra e branca, conforme evidenciados pelos dados do gráfico representado. Com base nessas informações, constata-se que 38% delas são pardas, 33% negra e 29% têm cor de pele branca.

A prevalência de mulheres que se auto declaram com cor de pele parda e negra pode estar relacionada ao fato delas serem de uma região e cidade marcadas pela herança afro-brasileira, com um perfil cultural e identidade marcados por características africanas herdadas dos antepassados no período da colonização e escravidão. Reforçando essa informação, o censo do IBGE (2022) revelou, ao analisar a representação étnico-racial no cenário regional, que a cor de pele preta se destaca na região Nordeste, com uma representação populacional de 13%, seguido pelo Sudeste (10,6%), Centro-Oeste (9,1%), Norte (8,8%) e Sul (5,0%).

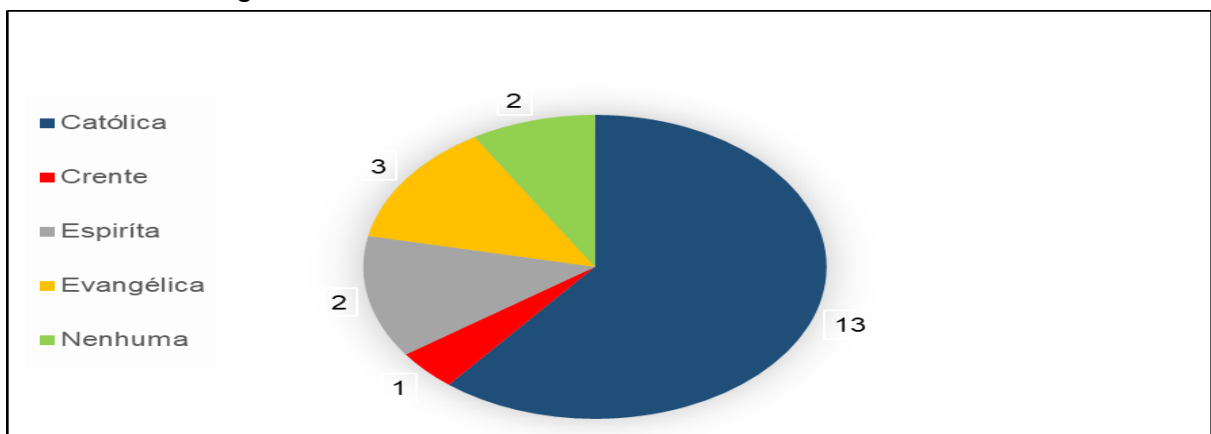
Entretanto, apesar dessa constatação *in loco*, no panorama nacional, a cor de pele negra não representa a maioria na composição étnico-racial brasileira, pois segundo os resultados do último censo (IBGE, 2022), pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população cerca de 45,3% se declarou parda, seguida de 43,5% branca, 10,2% preta, 0,6% indígena e 0,4% amarela.

A composição étnico-racial permite entender que as diversidades na cor de pele têm uma relação direta com o contexto e a construção social e pode mudar conforme as diferenças populacionais e demográficas. Ademais, a percepção de pertencimento étnico-racial dessas mulheres revela um aspecto importante no processo de auto identificação, conhecimento e reconhecimento no meio social no qual está inserida.

Ressalta-se que as experiências vivenciadas por essas mulheres nas diferentes fases da vida, independentemente da cor de pele, são únicas, pois cada uma possui uma história com seus desafios e oportunidades. Essa constatação revela uma realidade que converge com as ideias de PY *et al.* (2004) ao afirmarem que a passagem de um momento para outro é percebida como dramas individuais vividos e como experiências únicas.

Sobre o quesito RELIGIÃO, o estudo procurou conhecer o perfil religioso das mulheres de meia idade que servem profissionalmente no Hospital Universitário da UFBA e foi observado que há uma predominância da religião católica em relação às demais religiões. Nesse sentido, apresentam-se no gráfico 5 abaixo os dados referentes à religião informada pelas mulheres pesquisadas.

Gráfico 5 – Religião



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

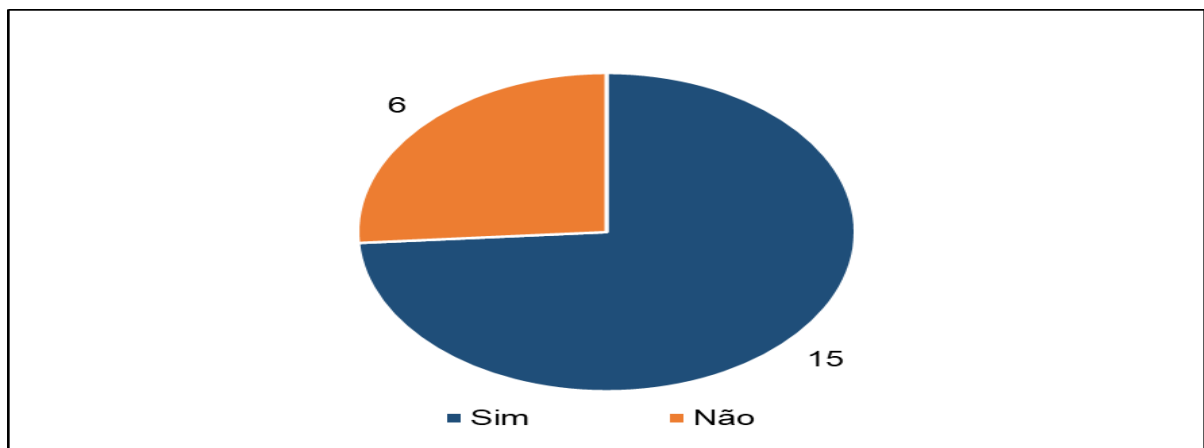
Conforme os dados acima, 13 mulheres declararam ser católicas, 3 são evangélicas, 2 são espíritas, 2 disseram não ter religião e 1 informou ser crente. Infere-se, de acordo esses dados, que a religião católica se destaca com 62%, seguida da religião evangélica com 14% e aquelas que declararam ser espíritas e não ter religião aparecem empatadas igualmente com 9,5%. Além disso, 5% declarou ser crente. Nota-se que a maioria das servidoras são católicas, conforme constatado nas informações apresentados.

Em conformidade com esses dados, uma Pesquisa do Datafolha (2019) publicada pelo jornal Folha de São Paulo (2020) apontou que 50% dos brasileiros são católicos, 31%, são evangélicos, e 10% não têm religião. Esses resultados convergem para a prevalência de uma realidade que é histórica, onde a religião católica continua sendo a força religiosa soberana nas sociedades e a maioria das populações se identificava com as práticas religiosas do catolicismo.

Apesar disso, as mudanças e as diversas influências sociais, econômicas, culturais e políticas, houve uma mudança no cenário religioso, de forma que vem ocorrendo um aumento no número de pessoas que se declaram simpatizantes e praticantes de outras pregações religiosas e cristãs, e, ainda, aquelas que declaram não ter religião nenhuma.

No que se refere à ATIVIDADE FÍSICA, quando questionado às mulheres sobre esta prática, as respostas obtidas foram: 15 responderam “Sim” e 6 responderam “Não”. Esses dados podem ser constatados no gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6 – Atividade física



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

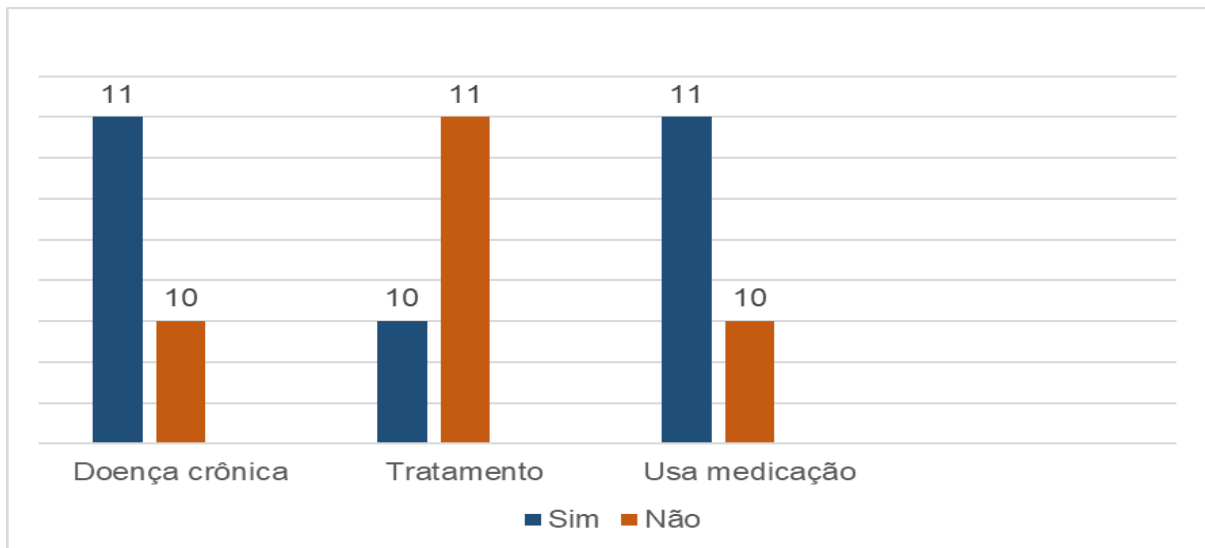
Em análise, esses resultados revelam que 71% das mulheres de meia idade, servidoras da UFBA, praticam atividade física, enquanto que 29% delas não fazem nenhum tipo de exercício físico. É possível que esse demonstrativo esteja atrelado ao fato de que quase a totalidade das mulheres pertencem à profissão de saúde e trabalham em um ambiente hospitalar, o que pode contribuir para a sensibilização da maioria delas em praticar atividade física e, assim, cuidarem da saúde. Por outro lado, a parcela que não faz atividades físicas pode atribuir este fato às muitas demandas desenvolvidas e a escassez de tempo para se dedicarem a esse autocuidado.

Uma pesquisa realizada por Silva *et al.* (2020) buscou descrever a prática de atividade física em meio a pandemia do COVID-19, em uma cidade do Rio Grande do Sul. Na amostra de 377 adultos, 24,4% relataram prática de atividade física durante a pandemia. E, quando a prática de atividade estava relacionada ao grau de escolaridade, a taxa foi de 64,4% para o grupo de maior escolaridade.

Essas constatações permitem inferências sobre a associação entre a realização de atividade física e os elementos que influenciam a sua prática, como: a consciência dos seus benefícios para a saúde, a idade, o grau de instrução, a posição social e econômica, e os fatores ambientais e culturais nos quais elas estão inseridas, e as atribuições de cada uma podendo, no entanto, impactar diretamente nas práticas de cuidado com a saúde, incluído a atividade física.

Com relação aos questionamentos: TEM DOENÇA CRÔNICA - 11 mulheres responderam que “Sim” e 10, “Não”, e as que possuem especificaram da seguinte forma: hipotireoidismo, hipertensão, paraparesia espástica progressiva, cervicalgia, lombalgia, dor crônica, disfunção da tireoide, rinite alérgica e ansiedade; FAZ ALGUM TRATAMENTO MÉDICO - 10 responderam que “Sim” e 11, “Não” fazem, e no tocante ao USO DE MEDICAÇÃO CONTÍNUA - 11 mulheres responderam “Sim”, fazem uso de medicação continuamente, e 10 “Não” fazem.

Cabe analisar esses tópicos conjuntamente, pois é visível a relação intrínseca existente entre eles. Nesse sentido, o gráfico 7 abaixo descreve os dados do perfil das mulheres sobre a sua condição de saúde e doença, abordando os aspectos representados pelas respostas aos questionamentos acima referidos e que estão intrinsecamente relacionados nessa condição.

Gráfico 7 – Doença crônica, tratamento e uso de medicação contínua

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Nesse sentido, os resultados apontam que 52% das mulheres possuem algum tipo de doença crônica, 48% fazem tratamento médico e 52% usam medicação continuamente. Percebe-se que a quantidade de mulheres que possuem algum tipo de patologia crônica é igual ao valor de servidoras que usam remédio continuamente. Porém, a maioria não faz tratamento, o que corresponde a 52% delas.

Inferese, portanto, que a condição de saúde/doença das mulheres é revelada por uma maioria que apresenta algum tipo de doença crônica e que faz uso de medicação. Ou seja, mais da metade da amostra estudada tem uma patologia de base, mas, possivelmente, nem todas fazem o tratamento adequado. Constata-se, no entanto, que elas não possuem condição de saúde que as condicionem, necessariamente, ao tratamento médico continuado, embora as evidências apontam que a maioria delas faz uso de medicações ininterruptamente apesar de não fazerem o acompanhamento necessário.

As doenças crônicas são as principais causas de adoecimento e morte atualmente. Para confirmar essa constatação, uma pesquisa realizada por Simões *et al.* (2021) sobre a prevalência das doenças crônicas no Brasil, revelou que elas são as principais causas de morte no mundo, impactando fortemente sobre populações mais vulneráveis. O estudo analisou também as mudanças nas incidências dessas afecções, nas condições de saúde, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil entre 2008 e 2019 e revelou que houve um aumento as prevalências de

depressão, câncer, diabetes, distúrbios neuropsiquiátricos, problemas pulmonares crônicos e problemas osteomusculares.

Esses achados na atual conjuntura são atribuídos ao envelhecimento da população, às mudanças nos hábitos e estilo de vida, às desigualdades socioeconômicas e de falta de acesso aos serviços e tratamentos de saúde. As doenças crônicas abrangem várias condições de saúde e se apresentam em contextos multifatoriais, associados à exposição prolongada a diferentes fatores de risco, na maioria das vezes são modificáveis, que promovem lesões e incapacidades, podendo levar ao óbito.

Diante do exposto, percebe-se que não é possível relacionar a provável fase da maturidade vivida pelas mulheres com a presença de patologia crônica referenciada por elas, pois a fase da vida não é, por si só, um determinante para o surgimento de doenças crônicas no organismo feminino. Além disso, as doenças crônicas descritas por elas podem estar relacionadas a fatores hereditários, as condições desenvolvidas em consequência da predisposição genética e de agravos externos, e a reação às experiências dos processos de vida. Entretanto, pode-se inferir, também, que as implicações do processo de mudanças vivido ao longo da vida podem promover o surgimento e/ou agravar as patologias levando-as a um estágio de cronicidade da doença necessitando, assim, de cuidados médicos e o uso de remédios para o controle e tratamento da afecção apresentada.

Na sessão a seguir, serão apresentados e analisados os dados relacionados aos argumentos informacionais sobre a maturidade informados pelas mulheres.

5.2 CONTEÚDOS INFORMACIONAIS SOBRE A MATURIDADE

A presente sessão descreve os conteúdos informacionais sobre o processo da maturidade informados pelas mulheres investigadas considerando que, certamente, elas detêm uma gama de informações sobre essa temática, adquiridas ao longo da vida. Entretanto, pode, também, evidenciar as suas perspectivas sobre as possíveis lacunas informacionais existentes acerca do tema. Ademais, o dinamismo da maturidade pode englobar uma diversidade de aspectos vivenciados e relacionados ao desenvolvimento pessoal, emocional e profissional e até organizacional. Nesse sentido, a fim de conhecer melhor sobre esse assunto na

perspectiva dessas mulheres, torna-se imprescindível descrever os argumentos que elas têm acerca desse período da vida.

Desse modo, os dados apresentados no quadro 3 são referentes aos conteúdos informacionais sobre o processo da maturidade informados pelas mulheres investigadas, revelando o entendimento que elas têm acerca desta fase da vida, o conhecimento que detêm sobre o tema, e o comportamento que elas manifestam a fim de responder às suas indagações.

Quadro 3 – Conteúdos informacionais sobre a maturidade

C Ó D I G O	PERGUNTAS				
	O que você entende sobre a fase de transição da vida adulta para a velhice (35 a 59 anos)?	Identifica algumas mudanças durante esse período? Quais?	O que você entende por climatério e menopausa? Tem necessidade de informação sobre esses temas? Porquê?	Você procura informação sobre a maturidade (35 a 59 anos)? Porquê?	Como você entende que a informação pode interferir nessa fase de vida da mulher?
M 1	É rápida e gera/exige muitas mudanças.	Saúde, principalmente.	Fases de transição em que a mulher passa da fase reprodutiva para a menopausa e pós-menopausa (ciclo completo é o climatério). Menopausa é quando ocorre a última menstruação. Sempre bom obter novos conhecimentos.	Porque procuro entender, sem estresse, cada etapa de minha vida.	Para melhor entendimento e busca por qualidade de vida.
M 2	O corpo e a mente sofrem modificações bruscas.	Esquecimento, aumento de peso, calores e suores, diminuição do ritmo, cansaço	É nessa fase que o corpo da mulher vai sofrendo alterações devido a diminuição dos hormônios. Tenho necessidade de estar bem informada para facilitar o entendimento e aceitação e procurar assistência médica.	Sim. Para saber dicas sobre saúde e formas de viver bem essa fase.	A mulher informada tem a possibilidade de entender as modificações do próprio corpo e atuar para amenizar os desconfortos, investindo numa melhor alimentação, atividade física e despertar um olhar para o autocuidado.
M 3	Considero um período que requer a aceitação e adaptação a várias mudanças.	O envelhecimento em si, as mudanças de um corpo jovem para um corpo maduro; a menopausa e seus impactos; são as rugas, diminuição de elasticidade, mas também valorizo muito a serenidade no pensar, a capacidade de aprender a dar aquela respirada para pensar nas atitudes, ao invés da impulsividade jovem.	No climatério temos a transição do processo declínio da fase reprodutiva, para enfim iniciar o período de menopausa, onde já se encerrou a possibilidade de reprodução feminina, com o fim da ovulação.	Acho que poderia procurar mais. Porque é um processo no qual estou inserida.	Informação é tudo, em todas as áreas
M 4	Fase bonita da vida, mas muito dolorida fisicamente. Sudorese insuportável.	Sim. Sudorese intensa, mialgia generalizada, fragilidade emocional...	Climatério período que antecede a menopausa. Menopausa período que se inicia após a interrupção do período fértil. Tenho necessidade de informação. Porque são temas novos na minha vida.	Sim. Porque preciso de qualidade de vida.	A falta de informação pode interferir na minha tão desejada qualidade de vida.

M 5	Período que ocorre algumas mudanças.	Cabelos Brancos, perda de colágeno,	Fim da fase fértil da mulher. Sim. Porque sempre surgem novidades.	Não. Nunca achei necessário.	Ajuda a encontrar soluções mais seguras para os problemas que surgem nessa fase
M 6	Mudanças orgânicas e metabólicas.	Sim. Flacidez tecidual, desgaste articular, metabolismo lento	Alterações hormonais e orgânicas que interferem na ovulação e ciclo menstrual.	Sim. Para cuidar melhor da saúde.	Ajuda na compreensão e no autocuidado.
M 7	Entendo que ocorrem muitas transformações com o corpo e com a mente, o que faz com que passemos a nos cuidar ainda mais. Ocorre também um amadurecimento e entendimento de algumas questões com mudanças de prioridades. Há uma necessidade ainda maior de manter e/ou adquirir hábitos saudáveis para quem almeja uma velhice mais tranquila e salutar.	Sim. A redução do vigor e disposição para algumas atividades, a queda de alguns hormônios sexuais, a menopausa, falta de interesse para alguns programas com interesse para novas atividades de lazer e entretenimento.	O climatério é o período de transição da mulher entre a fase reprodutiva e a não reprodutiva. A menopausa é a última menstruação apresentada pela mulher. Percebo que há uma confusão entre o que seria o climatério e a menopausa para a maioria das pessoas e até mesmo pra mim, profissional de saúde. Por este motivo, acho importante mais informações sobre o tema.	Sim, para entender e me preparar melhor para viver essa fase da melhor forma. Além disso, almejo uma velhice saudável e ativa.	As pessoas têm envelhecido mais tarde a cada dia. É comum vermos pessoas com 70, 80 anos ativas, desenvolvendo várias atividades, tendo autonomia. Há alguns anos pessoas nesta faixa etária eram as vovós que faziam guloseimas para os netos. A busca por informação pode melhorar muito a qualidade de vida das mulheres maduras. Ajuda a manter o corpo e a mente saudáveis, com interesses e possibilidades diversas, sem a sensação de ter perdido a utilidade.
M 8	Ainda me encontrando nessa fase, em busca de autoconhecimento.	Sim	Ainda me adaptando	Sim	De forma definitiva.
M9	fase de mudanças, principalmente no corpo.	Sim. queda de cabelo, diminuição da libido, indisposição, fluxo menstrual irregular, etc.	Climatério é a fase de mudanças, essa que estou agora, que acontece antes da menopausa. a menopausa é o fim da menstruação.	Sim. sobre essa fase que estou passando	Em tudo. vai me trazer informação para buscar me adaptar a essa fase e me preparar para a outra fase que vem.
M10	Fase de preocupação com a saúde, para envelhecer com saúde e harmonia	Sim, hormonais e físicas.	Climatério é o período em que as mudanças hormonais ocorrem, com a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva (antecede e se confunde com a menopausa, que é quando, de fato, interrompe a menstruação). Não. Tenho acompanhamento médico.	Sim. Para me autoconhecer, para viver e conviver melhor com as mudanças e os sintomas e para me preparar para a velhice.	Informação é tudo nesta fase. Para nos conhecermos e melhor lidarmos com as mudanças físicas, hormonais, interferindo nas rotinas pessoais, familiares, profissionais e sociais.
M11	Envelhecer	Sim, menos disposição, piora da visão e da mobilidade	Por enquanto não tenho necessidade de informação. Esperando chegar os sintomas	Não	Entender e melhorar as mudanças que irão ocorrer no corpo.
M12	É uma fase bem diferente, com muitas perdas em todas as áreas: social, física, psicológica, cognitiva, sendo necessário uma série de adaptações para que possa ser vivida mais tranquila. Tem que ter disposição para resiliência e bom ânimo.	As mudanças acontecem em todas as áreas da vida do indivíduo e comprometem a autonomia e a independência.	climatério é uma fase de transição que a mulher passa, que está ligada às alterações hormonais, comportamentais que vem durante a menopausa e causam mudanças e podem acarretar problemas físicos e emocionais	No momento procuro me informar sobre maturidade emocional e espiritual. Física procurarei logo mais.	Para ajudar a entender e perceber o que pode ser feito para que a adaptação seja tranquila e sem prejuízos para a saúde da mulher em todas as áreas.
M13	Um momento de crise.	Sim, várias. Maturidade, mudanças de hábitos, limitações físicas, alterações fisiológicas, seletividade, dentre outros.	Menopausa é determinada pela última menstruação, já o climatério corresponde ao período de transição, ou seja, que antecede a menopausa (quando começa as alterações hormonais e demais sintomas) até a pós menopausa.	Sim. Porque faz parte de meu processo de autoconhecimento, entender meu corpo e a sua relação/interferência com o meu mental.	Na verdade a informação vai ajudar a mulher a entender os processos pelos quais terá que passar e se reconhecendo neles poderá vivenciá-los de

					forma mais leve e equilibrada.
M14	Mudança em tudo.	Muitas. A saúde já não é a mesma. Um dia está bem, no outro mal.	Muitos sintomas, fogachos, mal-estar, indisposição, alteração nos hormônios. Informação sempre é bom porque ajuda a gente a esclarecer muitas dúvidas.	Sim. Porque preciso esclarecer dúvidas.	Ajuda a gente a passar por essa fase mais informada.
M15	Envelhecimento chegando.	Sim. A saúde frágil, insônia, doença.	É uma fase de mudanças no nosso corpo. A informação é importante.	Busco. Por que é bom conhecer sobre as coisas que a gente passa.	Preparar para envelhecer.
M16	É uma fase de mudanças, muitas coisas novas acontecem em nosso corpo, na mente. Enfim, é uma nova fase.	Sim. Alteração no ciclo menstrual.	É uma fase em que deixamos de menstruar e nos preparamos para envelhecer. Sim. Sempre tenho vontade de buscar informação sobre esses temas por que é bom saber sempre mais.	Sobre tudo. É importante estar informada.	Ela ajuda a enfrentar e viver as mudanças.
M17	Fase de transição, em que acontecem mudanças sob vários aspectos.	Fim do ciclo menstrual, alteração nos hormônios, insônia e os problemas de saúde se intensificam.	Fim da menstruação e surgem muitos sintomas. A informação é relevante de modo geral por que nos respalda na tomada de decisão.	Sim. Respalda na tomada de decisão.	Permite conhecer e ajuda a conduzir os processos.
M18	Mudanças. Fechamento de ciclos e perspectiva de viver a velhice.	Muitas. As principais estão relacionadas a saúde física, osteomuscular e mental.	Climatério é um momento em que vivemos muitos sintomas pelo final da fase reprodutiva, que culmina com a menopausa, que é a última menstruação.	Busco informação sobre muitos assuntos e sobre saúde, pois entendo ser importante sempre.	A informação nos dá conhecimento e este, por sua vez, nos ajuda a enfrentar as alterações do momento.
M19	Fase de mudanças no corpo e na saúde.	Sim. Estou descobrindo aos poucos como é essa idade. Muita mudança no corpo, cabelo fica branco, menstruação para de descer como antes, muita coisa nova.	Fim da menstruação e da fertilidade. Sim. Por que informação é tudo.	Sim. Sempre temos necessidade de saber sobre algum assunto e por isso busco informação sempre e sobre diferentes assuntos, desde saúde até lazer.	Para lidar com as mudanças e cuidar da saúde. Preparar para a velhice.
M20	Há uma transformação no corpo e na mente.	Sim, alteração no fluxo menstrual, rugas, cabelos brancos.	É o fim de uma fase em que paramos de menstruar. Tenho, por que é um momento cheio de sintomas.	Sobre muitos assuntos, principalmente sobre a saúde da mulher e o envelhecimento.	Com orientações que ajuda a viver esse momento novo.
M21	É uma fase muito boa da mulher, mas ao mesmo tempo tenho altos e baixos em relação ao humor. Tem dias que me sinto ótima, motivada, cheia de vida e em outros durmo mal, passo o dia sem disposição. Esta fase é marcada pela instabilidade, entretanto apesar de tudo sinto-me mais plena agora.	Alterações na pele, mais ressecamento, diminuição da libido, entretanto o sexo agora tem mais qualidade.	É muito importante diferenciar, a menopausa é a última menstruação; já o climatério é o fim do período fértil da mulher e diminuição progressiva da produção dos hormônios femininos.	Para ter mais qualidade de vida.	Interfere muito, pois pode proporcionar à mulher uma vida com mais qualidade.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O desenvolvimento desta segunda categoria se deu a partir do segundo objetivo específico do estudo, onde buscou apresentar os conteúdos informacionais sobre a maturidade informados pelas mulheres, a partir do conhecimento que elas têm acerca desse período e dos seus eventos intrinsecamente relacionados.

A partir das informações apresentadas no quadro 3, é possível constatar a percepção que elas têm acerca da fase de vida compreendida entre a fase adulta e a velhice, delimitado e conhecido como maturidade ou meia idade, e como elas informam esse processo de mudanças a partir das próprias experiências

vivenciadas, pois conforme Bassit (2002) a meia-idade, também conhecida como maturidade, é delimitada a partir das mudanças no corpo físico que associadas à idade cronológica compõem essa etapa e funcionam como critério de inclusão das mulheres nesse período de vida.

Nesse sentido, 62% das mulheres reconhecem essa transição como um período de “mudanças” e “transformações” em diferentes aspectos da vida e 38% delas tem opinião dividida entre outras definições, como: “um momento de crises”, “perdas”, “envelhecimento”, “autoconhecimento”, “uma fase boa” e “fase bonita da mulher”.

Os ciclos que antecedem a velhice são representados como etapas da vida que acontecem em decorrência dos resultados de mudanças biológicas, fisiológicas, comportamentais, culturais e sociais, afinal, de um modo geral, essas transformações são marcas que, ao longo da vida, são apresentadas como momento-chave das trajetórias vividas. Mendes et al. (2005) afirmam que envelhecer compõe o gradativo desenvolvimento natural e ele é parte integrante e fundamental no curso de vida de cada pessoa. Ademais, é sabido que o processo de envelhecer causa modificações sendo elas regidas, principalmente, pelo determinismo biológico e mental que direcionam a forma como cada organismo percebe, reage e informa esse momento.

Os argumentos informacionais descritos convergem para as definições que muitos autores fazem acerca da meia idade e dos eventos que acometem a natureza feminina durante esta fase. Bassit (2002) afirma que durante a passagem da fase adulta para a velhice as mulheres vivem a meia-idade, sendo um período delimitado a partir das mudanças no corpo físico e biológico. Ademais, Freitas et al. (2002) afirmam que o processo de envelhecer em mulheres é manifestado de acordo com um conjunto de mudanças relacionadas às condições biológicas, fisiológicas, psicológicas e socioculturais, evidenciando esse processo contínuo com características e peculiaridades específicas da natureza feminina.

É pertinente ressaltar que o ritmo e a forma de viver os eventos que acometem as diferentes fases da vida variam de uma mulher para outra, mesmo entre mulheres da mesma idade. Cada mulher possui sua constituição biológica e fisiológica que condiciona e direciona o surgimento e a manifestação dos efeitos naturais durante a passagem dos diferentes períodos da vida e cada uma reagirá de

modo individual às experiências intrínsecas influenciadas pelas condições externas a que estão expostas.

Infere-se, portanto, que, apesar do saber genérico acerca da meia idade e seus eventos, os conteúdos informacionais aqui apresentados evidenciam um unânime processo de mudanças e transformações, especificamente, relacionadas ao corpo e a mente da mulher, pois os eventos típicos desse período da vida fornecem a informação e a compreensão da maturidade e do conseqüente envelhecer feminino.

Naturalmente, as fases da vida se manifestam conforme as suas peculiaridades em cada organismo e, ao mesmo tempo, elas desencadeiam repercussões do ponto de vista físico, mental (psicológico e o cognitivo), social, cultural, econômico e organizacional. Esse entendimento corrobora com os dados apresentados nessa categoria, sendo possível identificar que a grande maioria das mulheres entende a meia idade como um período causador de impactos na saúde.

Conforme os dados apresentados, nessa fase relativa à maturidade as mulheres percebem que estão vivendo um momento da vida em que o corpo apresenta sinais e sintomas de desgaste, perdas e muitos impactos, principalmente na saúde física e mental. É possível constatar essa questão na descrição feita por M12 quando diz que é “uma fase bem diferente, com muitas perdas em todas as áreas: social, física, psicológica, cognitiva, sendo necessário uma série de adaptações”. Ademais, apesar dos sinais e efeitos físicos, M4 descreve como sendo uma “fase bonita da vida, mas muito dolorida fisicamente”. É possível inferir que o processo da maturidade é percebido e informado como um período de mudanças físicas e mentais, com implicações na saúde do corpo e da mente. Paralelamente, é possível perceber também que essa fase é entendida como algo bom e bonito na vida da mulher, apesar de todos os impactos que ela promove, necessitando de conhecimento para se adaptar a ela e promover a qualidade de vida durante sua vivência.

Além disso, percebe-se que as implicações sintomáticas dos eventos naturais da meia idade são entendidas como definidoras desse momento vivenciado, como é possível constatar nas falas de algumas delas, como: M3 “ [...] são as rugas, diminuição de elasticidade [...]”; M4 “ [...], sudorese intensa, [...], alterações hormonais e orgânicas que interferem na ovulação e ciclo menstrual”; M5 “cabelos brancos, perda de colágeno”; M7 “[...], a queda de alguns hormônios sexuais”; M9 “

[...], fluxo menstrual irregular, etc.”; M13 “[...], alterações fisiológicas, [...]”; M16 “alteração no ciclo menstrual”; M17 “fim do ciclo menstrual, alteração nos hormônios”; M20 “[...], alteração no fluxo menstrual, rugas, cabelos brancos”; M21 “alterações na pele, mais ressecamento, diminuição da libido, [...]”. Ademais, percebe-se que as consequências referenciadas afetam não somente a saúde física, mas, também, a saúde mental das mulheres, e isto é perceptível na fala de M4 “[...] fragilidade emocional...”

PY *et al.* (2004) afirmam que o climatério é um marcador biofisiológico da transição entre a vida reprodutiva da mulher e a velhice, algumas mulheres pesquisadas associam a maturidade aos seus eventos/marcadores que sinalizam a transição entre essas fases da vida: M3 “no climatério temos a transição do processo declínio da fase reprodutiva, para enfim iniciar o período de menopausa, onde já se encerrou a possibilidade de reprodução feminina, com o fim da ovulação”; M1 “[...] transição em que a mulher passa da fase reprodutiva para a menopausa e pós-menopausa [...] menopausa é quando ocorre a última menstruação”; M4 “climatério período que antecede a menopausa. Menopausa período que se inicia após a interrupção do período fértil”; M5 “fim da fase fértil da mulher...”; M21 “[...] a menopausa é a última menstruação, já o climatério é o fim do período fértil da mulher...”

O climatério e a menopausa surgem enquanto o entendimento que as mulheres têm acerca do período da meia idade, e como elas vivenciam, percebem e informam a passagem da vida reprodutiva para a velhice. Ademais, esses eventos são marcadores desta fase de transição, inclusive M7 entende e informa claramente que “o climatério é o período de transição da mulher entre a fase reprodutiva e a não reprodutiva. A menopausa é a última menstruação apresentada pela mulher”.

Carvalho e Coelho (2006) afirmam que com o término de sua capacidade de procriar, configurada pela menopausa, a mulher tende a se perceber entre dois momentos antagônicos: a juventude e a velhice. Enquanto o climatério, é um período sindrômico em que sinais e sintomas de natureza física, fisiológica, psicológica e estética são percebidos e vivenciados pelas mulheres, conforme informado através das falas de M2 “esquecimento, aumento de peso, calores e suores, diminuição do ritmo, cansaço...” e M4 “sudorese intensa...”

Conforme lembrado por M6, as “alterações hormonais e orgânicas que interferem na ovulação e ciclo menstrual. ”, são eventos que acometem as mulheres

durante o período que antecede a menopausa e funcionam como um parâmetro para demarcar o climatério no curso de vida da mulher, pois segundo M2, “é nessa fase que o corpo da mulher vai sofrendo alterações devido a diminuição dos hormônios”. Bassit (2002) afirma que o climatério vem sendo utilizado como um critério que sinaliza a maturidade na vida das mulheres. Ainda, Py *et al.* (2004) afirmam que o climatério e a menopausa desempenham importante papel enquanto sinalizadores da meia idade.

Nesse contexto, embora as mulheres do estudo vivenciam, entendem e informam a meia idade enquanto uma fase de transição com eventos inerentes e definidores deste período M8 demonstra, ao mesmo tempo, entender que existe um processo adaptativo em curso a respeito deste período da vida e indica, nas entrelinhas, evidências de que busca conhecer e se autoconhecer nesta fase, quando diz: “Ainda me encontrando nessa fase, em busca de autoconhecimento, ainda me adaptando”. Pode-se inferir que existe uma demanda por conhecimento e autoconhecimento acerca desse momento vivenciado e isto pode estar relacionado às lacunas informacionais e ao processo de busca informacional. Esses pensamentos são ratificados por Gasque e Costa (2010) quando afirmam que a ação de buscar informação conforme a necessidade existente é para satisfazer um desejo ou um objetivo.

As constatações permitem inferir que o climatério e a menopausa, enquanto argumentos apresentados para definir e informar o processo da maturidade, são eventos considerados naturais que são manifestados durante a fase da meia idade. Mas, apesar disso, os resultados demonstram que cada mulher entende e manifesta um comportamento único frente às implicações desse período. Além disso, percebe-se que cada uma delas vive de forma particular os eventos naturais e inerentes a esse momento, considerando os seus aspectos intrínsecos, as influências dos meios sociais, culturais, profissionais e institucionais. Ademais, nota-se que elas informam as mudanças experimentadas com base nas suas experiências vividas e nas convicções construídas no percurso anterior das fases de vida.

Diante do exposto, percebe-se que as mulheres detêm uma bagagem informacional a respeito do processo da maturidade, pois há evidências de que existe uma correlação entre o conhecimento que elas têm acerca desse momento e as mudanças físicas e biológicas já sendo experimentadas, dos sinais e sintomas já sendo percebidos, sentidos e apresentados e dos sentimentos de já estarem

vivendo, de certa forma, os eventos que sinalizam o final de um período e o início de outro.

Infere-se, portanto, que as mulheres do estudo entendem a maturidade como uma fase de mudanças e transformações, um momento de transição, sendo o climatério e a menopausa como definidores e marcadores de destaque deste período, corroborando com os autores aqui referenciados. Informam, também, como um período destacado por mudanças que acometem o corpo e a mente, gerando impactos na saúde física, mental e na estética corporal. Além de ser uma fase, segundo elas, em que há o fechamento do ciclo reprodutivo na vida das mulheres. Ou seja, no entendimento delas, é um período de mudanças e transformações, marcado pelo climatério e a menopausa e com impactos na saúde de modo geral.

Ao final deste capítulo, é possível afirmar que os resultados contemplaram o objetivo desta categoria, que foi apresentar os conteúdos que são informados pelas mulheres acerca da maturidade ao evidenciar o conhecimento que elas têm sobre a meia idade e como elas informam esta fase da vida. Além disso, percebeu-se a existência de lacunas informacionais acerca da maturidade.

Na sequência serão apresentados os dados sobre informação, busca informacional e as fontes acessadas pelas mulheres a fim de atender às suas lacunas informacionais.

5.3 INFORMAÇÃO, BUSCA INFORMACIONAL E FONTES ACESSADAS.

Atendendo à terceira e última categoria da análise de dados, é fundamental descrever a definição de informação sob a percepção das mulheres, os assuntos sobre os quais elas buscam informações para atender às suas demandas informacionais nessa fase da vida, e quais são as fontes acessadas por elas para obterem as respostas de que precisam, partindo-se do pressuposto de que elas detêm informações e experiências adquiridas ao longo da vida, mas, podem ter inquietações informacionais para as quais buscam as devidas respostas.

Nesse sentido, a fim de explicar e aprofundar a discussão nesta sessão, apresentam-se no quadro 4 abaixo os temas: informação, busca informacional e fontes acessadas, direcionados pelas perguntas e respostas ao questionário. Tais temas apresentam-se enquanto categoria única, que trazem suas especificidades de

abordagem e se complementam no entrelace do estudo. E, no intuito de permitir uma organização estrutural das ideias e promover um melhor entendimento lógico, elas serão tratadas e discutidas individualmente nos parágrafos que se seguem.

Quadro 4 – Informação, busca informacional e fontes acessadas

C O D I G O	PERGUNTAS				
	O que você entende por informação?	Você busca informação? Por qual o motivo?	Sobre quais assuntos você busca informações?	Quais fontes você utiliza para obter informação?	Essas fontes usadas correspondem às suas necessidades de informação?
M 1	Dados que comunicam algo, dados que geram conhecimento	Crescimento pessoal e profissional	Diversos	Internet, mídias diversas	Sim
M 2	Meio pelo qual obtemos conhecimentos e respostas aos nossos questionamentos.	Para estar atualizada e entender as dificuldades cotidianas.	Saúde e bem estar, política, moda, viagem	Rede social e ferramentas de busca na Internet.	Na maioria das vezes, sim.
M 3	Meio pelo qual se obtém dados relevantes sobre determinado assunto.	Agregar informação é enriquecer o olhar sobre a vida como um todo.	Principalmente assuntos técnicos, mas não me privo de acessar assuntos diversos.	Livros, sites de sociedades de classe, artigos científicos, cursos, rádio, tv, podcasts.	Sim
M 4	Dados sobre fatos que norteiam caminhos.	Sim. Por necessidade de melhorar minha situação.	Menopausa, nutrição, saúde...	Sites, jornais, palestras.	Sim
M 5	Esclarecer, conhecer	Para ter conhecimento sobre determinado assunto	Política, saúde, esporte, educação, viagens	Televisão, internet, rádio, revistas, jornais, bate papo com amigos	Sim
M 6	Dados que chegam por qualquer fonte (escrita, televisiva, por redes sociais, por banco de dados, por pesquisas)	Sim. Para me atualizar sobre qualquer conhecimento ou acontecimentos da atualidade.	Acontecimentos da atualidade; Questões de saúde; Pesquisas na minha área de interesse - Saúde Pública	Internet, Jornais, Revistas científicas	Sim
M 7	Informação é a elucidação ou esclarecimento de alguma questão que se tem dúvida. A informação pode ser dada a alguém ou recebida de alguém.	Sim. Para me manter informada, para entender melhor diversos assuntos e para poder me comunicar melhor com as pessoas.	Tenho interesses bem diversificados, mas busco em geral informações sobre saúde e nutrição, bem-estar, viagens, gestão e fiscalização de contratos administrativos, licitações e contratos administrativos, temas relacionados ao direito administrativo e legislação trabalhista.	Diversos sites de busca e plataformas na Internet, de acordo com o tema de interesse, blogs, páginas no Instagram.	Sim, na grande maioria das vezes.
M 8	Conjunto de fatos, conteúdo, objetos que nos dão ferramentas para sua vida	Para crescimento pessoal e para melhoria na qualidade de vida	Todos	Redes sociais, livros etc	Sim
M9	um dado que se transformará em conhecimento	Sim. porque precisamos a todo momento estar informados	Neste momento sobre a fase que estou vivendo. Muitas mudanças na minha vida. a maturidade realmente é um momento em que temos muitas perdas. realmente é uma transformação.	internet, jornal, artigos	Sim
M10	Dados que geram conhecimento	Sim. aprendizado, crescimento pessoal e profissional, socialização.	Assuntos relacionados ao trabalho, alimentação saudável, saúde e bem estar, lazer, infância/maternidade	Internet, livros e revistas	Sim
M11	Elucidação de dúvidas, questões	Sim, melhorar a qualidade de vida	Maternidade, trabalho, bem estar	Internet, instagram	Nem sempre
M12	Dado ou conteúdo que traduz algo que se queira conhecer ou passar para outros.	Quando desejo conhecer algo ou quando desejo realizar algo	Diversas áreas - saúde, área que atuo (profissionalmente), espiritual, acadêmica.	internet (google, vídeos, base de dados), livros, diálogos com pessoas mais esclarecidas no assunto, aulas remotas	geralmente sim

				e presenciais, congressos, seminários...	
M13	Semelhante ao conhecimento, porém num sentido coletivo sobre algo ou determinado assunto.	Sim. Porque gosto de ampliar meus horizontes, aumentar meu conhecimento.	Os mais variados, desde os significados dos 'memes' mais recentes (pois com filho jovem é preciso vivenciar o mundo deles também) ao cenário político e científico, perpassando pela espiritualidade (que é o que mais gosto de obter informações)	Documentários, jornalismo, livros e uma boa conversa informal	Na maioria das vezes sim
M14	É um dado sobre determinado assunto.	Busco, porque preciso me informar sobre muitos assuntos.	Muitos. Saúde, política, educação, dietas, envelhecimento.	Internet e jornais.	Sim
M15	Informação é meio de se ter conhecimento.	Sim. Para obter conhecimento.	Diversos. Busco informação sobre saúde da mulher, menopausa, doença, envelhecer com saúde, sobre minha profissão, sobre política, educação, cursos, treinamentos, palestras, e muito mais.	Sites na internet, tv, rádio, revista e jornal.	Corresponde sim.
M16	São dados sobre assuntos.	Claro. Para saber e conhecer, para tirar dúvidas, etc.	Educação, saúde, lazer, viagens, cursos, doenças, etc.	Internet.	Sim.
M17	Conhecimento.	Sim. Para obter conhecimentos.	Variados. Em geral sobre assuntos relacionados à minha profissão e saúde.	Fontes seguras.	Sim.
M18	É a fonte do saber.	Sim, pois é preciso estar munida de conhecimento.	Muitos.	Publicações científicas, jornais, internet, etc.	Quase sempre.
M19	É um dado sobre um assunto determinado que se transforma em conhecimento.	Sempre. Para melhor me informar, para conhecer, para saber sobre alguma coisa, principalmente se for um assunto novo.	Saúde, alimentação, qualidade de vida, meio artístico, política, outros.	Internet, jornal e tv, sites, rede social, revistas.	SIM
M20	Informação é um dado adquirido que se transforma em conhecimento.	Sim, pois é importante está atendida com as coisas.	Muitos: educação, esportes, lazer, viagens, saúde e alimentação saudável.	Tv, internet, jornal, livros.	Sim
M21	É uma forma de conhecer as coisas do mundo.	Sim. Para ter conhecimento e poder melhorar minha vida e daqueles ao meu redor.	Saúde, alimentação, música, psicologia, relacionamento...	livros, jornal, internet, Instagram.	Sim

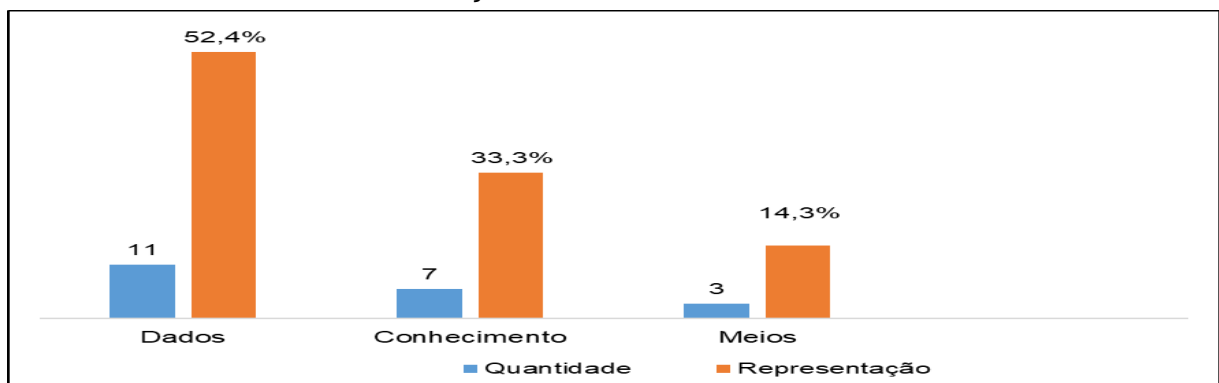
Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Estão apresentados no quadro 4 acima o conceito de informação que as mulheres têm, o motivo que as impulsionam na busca informacional acerca de temas específicos e as fontes que permitem a elas obterem o conteúdo que precisam para responder às suas indagações. Assim, com o intuito de descrever o conceito que elas têm sobre informação, os conteúdos de busca informacional e as fontes usadas por elas para obterem a resolução das demandas informacionais é que se configura o bloco de perguntas do questionário, onde a ênfase é atender ao último objetivo específico: c) descrever informação, os conteúdos de busca informacional e as fontes acessadas pelas mulheres do estudo. Ademais, as respostas a esse objetivo irão revelar, possivelmente, as necessidades informacionais existentes sobre o processo da maturidade para essas mulheres.

A análise inicial dessa tematização foi direcionada para descrever o conceito que as mulheres têm sobre **INFORMAÇÃO**. A abordagem desse tema faz parte da arquitetura desta pesquisa. É um assunto intrínseco à Ciência da Informação (CI) e em todas as demais ciências que ela tangencia. Freire (2006) afirma que a informação sempre foi relevante para o desenvolvimento social e humano, mas atualmente ganhou um novo destaque, não somente pelo seu alto grau de importância e penetrabilidade em todos os setores da sociedade, especialmente no campo científico, mas como uma necessidade presente em todos os aspectos da vida e da atividade humana. Ademais, Araújo (2010) define informação como sendo a matéria prima do conhecimento construído pelo sujeito não mais isolado do mundo, mas inserido numa conjuntura de vida e atuação. Assim, a informação é o encontro dos pressupostos e perspectivas partilhadas por um determinado coletivo e em determinado contexto.

Seguindo com a interpretação dos dados apresentados no quadro 4, é possível constatar que 52,4% das mulheres definem informação como sendo **dados**: “que comunicam algo”, “que geram conhecimento”, “que norteiam caminhos” e que “são adquiridos através de fontes”. Em seguida, 33,3% delas conceituam a informação como **conhecimento**: “conhecer para esclarecer dúvida”, “conhecimento”, “semelhante ao conhecimento, porém num sentido coletivo sobre algo ou determinado assunto”, “É a fonte do saber. As demais 14,3% restantes definem informação enquanto **meios**: “através dos quais se obtém respostas e conhecimento”. Tal constatação está representada a seguir:

Gráfico 8 – Conceito de informação



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Essas revelações indicam a descrição de três subcategorias pertinentes à definição de informação: dados, meios e conhecimento. Essas concepções sugerem a existência de uma relação direta entre o conceito de informação e as suas diferentes formas de apresentação e associação. Assim, é possível inferir que, segundo as mulheres entrevistadas, informação é sinônimo: da sua representação materializada, da fonte de onde ela é extraída e do resultado da sua assimilação acrescida das experiências e o saber pré-existente.

Existe uma complexidade em torno do conceito de informação devido às várias formas de defini-la e o contexto ao qual está vinculada. Conforme os dados analisados, evidencia-se a informação enquanto sua forma bruta, não processada, a sua materialização, conforme defendida por Capurro (2003), como uma de suas dimensões definidoras. Ademais, os dados podem ser considerados como a base que alicerça a informação, é a pré-informação, a sua forma não lapidada e não interpretada, e essa compreensão retrata o dado como *insights* para uma organização que gera o conhecimento e, neste sentido, Araújo (2010) defende que existe uma relação direta entre informação e conhecimento. Assim, os pensamentos convergem para um mesmo entendimento, conforme algumas afirmações, como: M1 “dados que comunicam algo, dados que geram conhecimento”, M4 “dados [...] que norteiam caminhos”, M6 “dados que chegam por qualquer fonte”, M10 “dados que geram conhecimento”, M12 “dado ou conteúdo que traduz algo que se queira conhecer ou passar para outros”, M14 “é um dado sobre determinado assunto”, M16 “são dados sobre assuntos”, M19 “é um dado sobre um assunto determinado que se transforma em conhecimento”, M20 “é um dado adquirido que se transforma em conhecimento”. Ademais, entre as definições, M8 percebe a informação como um “conjunto de fatos, conteúdo, objetos”. Verifica-se, mais uma vez, a presença da forma bruta, não processada, a dimensão material da informação defendida por Capurro (2003).

Capurro (*op.cit.*) defende a informação sob o ponto de vista do paradigma social, como um terceiro modelo de definição, conceituando a informação como sendo a matéria prima do conhecimento construído pelo sujeito não mais isolado do mundo, mas inserido no contexto de vida e atuação. Logo, infere-se que o conceito de informação para as servidoras é representado pela sua forma material, sob o

reflexo e influência das concepções adjacentes ao meio social, profissional e organizacional no qual estão envolvidas.

Além disso, elas percebem a informação enquanto “meio”. Logo, é possível entender que elas representam esse conceito no sentido de ferramenta que se utiliza para obter a informação. Assim, é notório que há uma correlação entre as fontes que fornecem informação e a forma como ela (informação) é percebida, interpretada e transmitida, conforme pode ser constatado nas respostas de: M2 “meio pelo qual obtemos conhecimentos e respostas aos nossos questionamentos”, M3 “meio pelo qual se obtém dados relevantes sobre determinado assunto”, M15 é meio de se ter conhecimento”.

Ademais, na última resposta acima, há uma evidente confusão entre a representação da informação, meio e dados. Esse acontecimento chama a atenção para um entendimento baseado no pensamento comum do que é informação, pois nota-se que o seu conceito está atrelado à fonte que a fornece e ao substrato da sua configuração final. Evidencia-se, mais uma vez, a aproximação das dimensões identificadas por Capurro (2003), enquanto formas de se compreender a informação: como algo físico - uma dimensão material da informação; cognitivo - um estado de conhecimento e, social - como a construção coletiva da informação.

Considerando essas abordagens, é possível referenciar o modelo de Brenda Dervin (1983): “Sense-making theory”, que foi desenvolvido sob um tripé: a situação – circunstâncias na qual o usuário se encontra, a lacuna - necessidade informacional existente, e a ponte – meio utilizado para resolver as necessidades informacionais. Essa referência pode ser utilizada no sentido de esclarecer o conceito de informação na percepção das servidoras, uma vez que cada componente do tripé representa claramente a sua definição, de forma que não há interpretação diferente do contexto apresentado.

Ainda referenciando o modelo de Dervin (1983), ao descrever o conceito de informação para as mulheres, nota-se que existe uma sustentação feita, também, por um tripé: situação, lacuna e ponte. Nesse caso, a situação – são as circunstâncias na qual a mulher se encontra, o contexto temporal em que ela está inserida, considerando a sua história e as suas experiências de vida e profissional; a lacuna - é a falta de informação e conhecimento sobre determinado tema ou assunto, e ponte - é a fonte utilizado por elas para resolver as suas necessidades de

informação. Além disso, ela reforça que a construção do conhecimento, sobre a maturidade, feita por mulheres que vivenciam este momento, advém da necessidade informacional identificada por elas, resultando na busca por informação associada às suas experiências, à profissão que exercem, às mudanças biológicas, psíquicas, culturais e sociais pelas quais elas passam durante esse processo.

Segundo os autores Araújo e Paula (2017), esse modelo defendido por Dervin pressupõe a busca informacional orientada por um gap - uma falta ou falha na estrutura de conhecimento das mulheres - e que, para se compreender a ação de procura por informação é necessário inserir na análise das suas lacunas os contextos físicos, sociais e psicológicos. Além disso, essas questões devem ser analisadas numa perspectiva temporal, pois considera que a realidade muda, o que implica estar atento para as mudanças que elas fazem na construção de sentido.

Dando continuidade às análises, o “conhecimento”, enquanto definição de informação, emergiu das falas de M5 “esclarecer, conhecer”, M7 “[...] esclarecimento de alguma questão que se tem dúvida”, M13 “semelhante ao conhecimento”, M17 “conhecimento”, M18 “é a fonte do saber” e M21 “é uma forma de conhecer [...]”. Essas evidências apontam para um conceito atual de informação. E, sob a influência desse entendimento, a nova definição desse tema é reforçada por Araújo (2010), quando defende um conceito de informação, na perspectiva da Ciência da Informação, onde é preciso considerar o estado de conhecimento (o que se conhece, o que se sabe), não é apenas a sua manifestação física, o registro material.

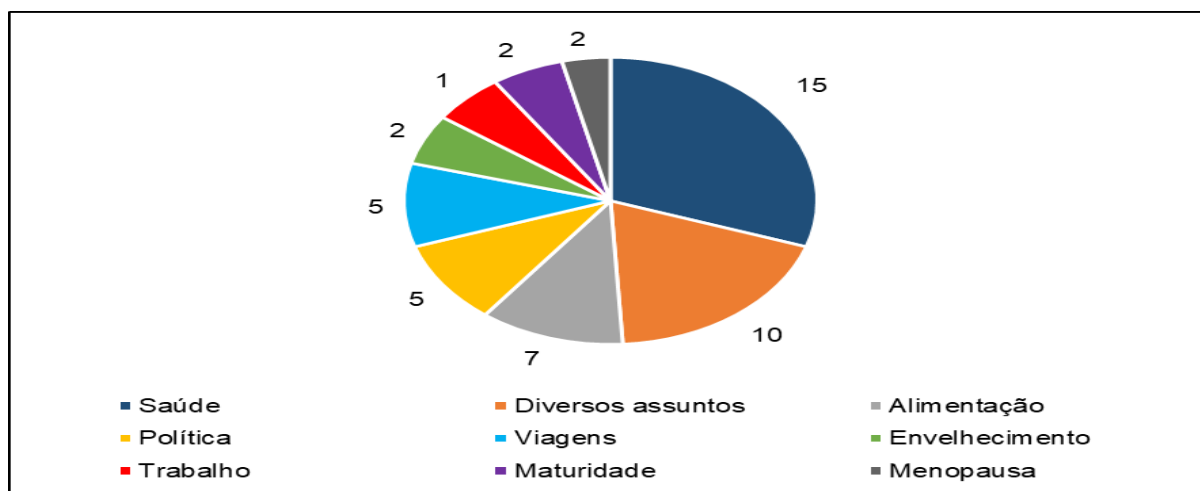
Diante das respostas obtidas, percebe-se que a informação é conceituada sob o ponto de vista de sua manifestação física e do conhecimento. Pode-se inferir, portanto, que o entendimento sobre informação está atrelado à sua representação física, material e ao estado de conhecimento acerca de determinado assunto. Esta conclusão, amparada por Capurro (2003), converge com o pensamento de Araújo (2010) quando afirma que a informação é a matéria prima do conhecimento construído pelo sujeito não mais isolado do mundo, mas, inserindo num contexto de vida. Portanto, é possível concluir que as mulheres definem informação convergente com os modelos que tratam desse tema sob a visão dos autores referendados neste estudo.

Logo, infere-se que o conceito de informação de acordo com as mulheres entrevistadas se aproxima da sua materialização nos moldes físicos. Essa definição descreve o assunto do ponto de vista material – o estado físico da informação descrito na sua materialidade. No entanto, pode-se perceber elementos subjetivos, cognitivos e sociais que tangenciam o conceito de informação na concepção das servidoras.

No que diz respeito à BUSCA INFORMACIONAL, enquanto outro subtema dentro do tópico estudado, os resultados indicam que 100% das mulheres buscam informação e descreveram os motivos dessa procura sinteticamente, como: “para obter conhecimento e estar atualizada”, “para promover o crescimento pessoal e profissional”, “para agregar informação” e “para melhorar a qualidade de vida”. Essa convergência das respostas pode expor um processo que se desenvolve a fim de atender lacunas informacionais existentes. Cunha, Amaral e Dantas (2015) afirmam que as necessidades informacionais quando identificadas não disparam de modo instantâneo o comportamento de procurar por informação como solução, pois são muitas as variáveis existentes no processo que se inter-relacionam e que interferem na busca.

Necessidade de informação tem relação com o meio sociocultural ao qual a amostra da pesquisa se insere, com o ambiente organizacional em que desempenha suas atividades laborais, com o nível de instrução cognitiva, com os impactos que a falta do conhecimento pode gerar na vida do ponto de vista fisiológico, social, econômico e organizacional, entre outros. Ademais, a busca informacional é fundamental para o processo de aprendizado, tomada de decisões e resolução de problemas em muitos aspectos da vida pessoal e profissional. Nesse sentido, Cunha, Amaral e Dantas afirmam, ainda, que as necessidades de informação são afetadas e influenciadas por uma variedade de fatores.

No caso das servidoras, os motivos que as impulsionam a procurar por informações podem ter relação direta com as atividades profissionais e institucionais que desempenham, e com o momento da vida que estejam passando, sob influências das demandas pessoais, sociais e culturais. Tais constatações estão representadas no gráfico 9, a seguir:

Gráfico 9 – Busca informacional

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

As respostas obtidas nesse bloco de questões fizeram emergir os argumentos que justificam a procura por informação pelas mulheres e transparecem as lacunas informacionais envolvidas nesse processo. Assim, constatou-se que saúde, diversos assuntos, alimentação, política, viagens, maturidade, envelhecimento, menopausa e trabalho foram as temáticas mais citadas por elas enquanto assuntos sobre os quais elas buscam se informar. Essas evidências podem justificar a existência de lacunas informacionais que geram inquietações e as instigam a desenvolver o comportamento informacional, a fim de obter respostas. Faibisoff e Ely (1976) *apud* Bettiol (1990) afirmam que a “necessidade pode ser sentida, [...]”. Ela pode, também, não ser especificada claramente [...]”. E, ainda segundo essa autora, agora citando Brittain (1975), “a necessidade se define como algo abstrato, ‘uma’ ou ‘alguma’ combinação das necessidades expressas pelo indivíduo, [...], aquelas necessidades presentes, expressas ou não e, necessidades futuras e potenciais”.

Segundo os dados analisados, as mulheres buscam informação por vários motivos e sobre diferentes assuntos. Nesse sentido, pode-se inferir que elas possuem demandas informacionais diversificadas, conforme apresentadas, pois há indícios de que elas possuem a percepção da existência dessas lacunas e sentem a necessidade de respondê-las. Percebe-se, também, além das necessidades informacionais externadas nos dados, que elas trazem consigo um conhecimento prévio sobre diversos temas, influenciados pelos contextos sociais e organizacionais no qual estão inseridas, para ter significado prático e ser, de certa forma, expressada por elas, pois ter a consciência da necessidade e expressá-la é o

desfecho de que houve a compreensão do ponto de vista intelectual das servidoras, das suas relações com pessoas, organizações e contextos. Concordando com esse pensamento, Bettiol (1990) afirma que a necessidade de informação, normalmente, é tratada como algo subjetivo que pode ocorrer de forma individual e sob circunstâncias específicas.

Nota-se que o tema saúde aparece citado em 71,4% das respostas acerca dos assuntos sobre os quais as mulheres buscam informação. Isso pode ser constatado através de algumas falas, como: M2 “saúde [...]”, M4 “ [...] saúde...”, M5 “saúde”, M6 “questões de saúde” e M7 “busco em geral informações sobre saúde”. É salutar que elas tenham demandas informacionais relacionadas à saúde e que queiram ampliar e/ou adquirir o conhecimento e/ou aperfeiçoar em suas diferentes ramificações, agregar novas informações ao saber existente sobre este tema, e promover atualizações conceituais, a fim de construir novos saberes e de promoverem os esclarecimentos à essas questões, no sentido de se adaptarem aos contextos vivenciados.

Seguindo em posição de destaque na busca informacional, verificou-se que diversos assuntos têm frequência de 47,6% enquanto tema da procura por informação pelas mulheres, apontados por M1, M3 e M8, correspondendo uma representação significativa entre o total de assuntos sobre os quais elas procuraram se informar.

Ainda conforme os dados, foi possível constatar que, além da procura por informações relacionadas à saúde e diversos assuntos não especificados, algumas mulheres buscam informação sobre alimentação: M4 “[...], nutrição” e M7 “busco em geral informações sobre [...], nutrição, [...]”. Essa demanda evidencia, assim como sobre os demais temas apresentados, uma lacuna informacional que aparece em 33,3% das respostas. As servidoras percebem a necessidade de conhecer sobre esse tema e, desta forma, procuram obter as respostas desejadas, pois existe uma preocupação evidente com as dúvidas sobre alimentação saudável nessa fase, a fim de preservar a saúde e promover a qualidade de vida.

Constatou-se, também, que política e viagens foram temas citados pelas mulheres enquanto assuntos sobre os quais elas procuram informações correspondendo, portanto, a 24% de incidência sobre o total de temas relacionados por elas, conforme é possível verificar nas transcrições correspondentes: M2 “ [...], política, [...], viagem” e M5 “política, [...], viagens”.

Entre as mulheres que responderam buscar por informação, duas delas responderam que procuram informações sobre o tema bem-estar, a exemplo de M2 “[...], bem-estar” e M7 “[...], bem-estar”. Saúde e bem-estar são complementos para uma única resultante, conforme abordado na definição de saúde defendida pela Organização Mundial da Saúde. Entende-se, portanto, que não existe saúde sem o “completo bem-estar”, e não se tem o bem-estar sem a saúde. Este é um tema complexo em sua essencialidade, mas, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 1946) o define como sendo não somente a ausência de doença, mas, também, como um completo estado de bem-estar físico, mental e social

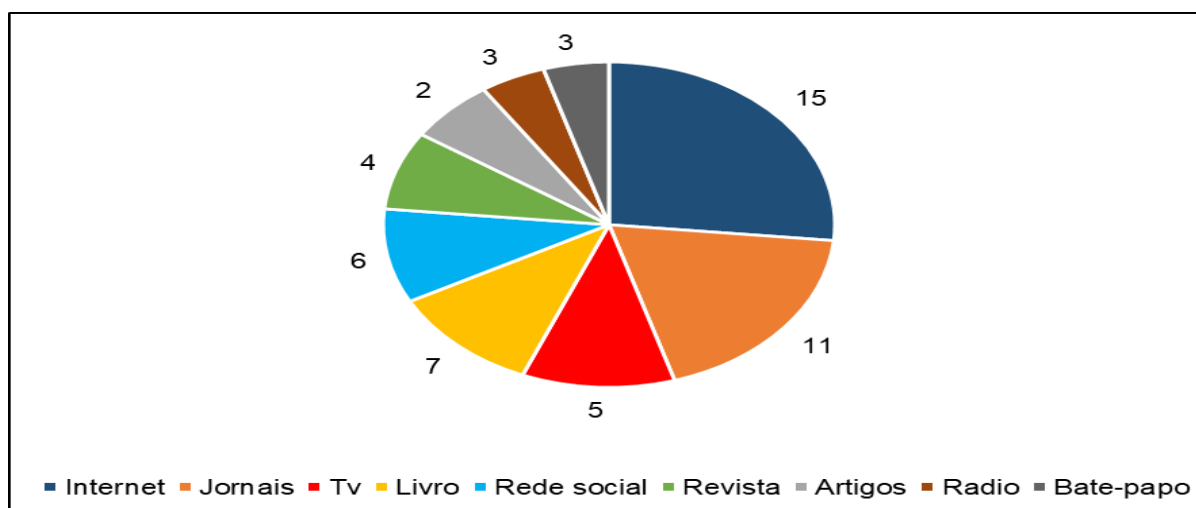
Quase finalizando a análise da busca informacional, os temas maturidade menopausa e envelhecimento aparecem enquanto motivadores da procura por respostas para as inquietações correspondendo, portanto, a uma representação de 9,5% entre o total de assuntos sobre os quais elas também procuram se informar, como é possível constatar nas falas de M4 “menopausa”, M9 “[...], a maturidade, [...]”, M14 “[...], envelhecimento, [...]” e M15 “[...], menopausa, [...], envelhecer, [...]”.

As mulheres na fase da meia idade vivenciam experiências marcadas por eventos que trazem mudanças e que deixam marcas sobre diversos aspectos. O fim do período reprodutivo, por exemplo, é um marcador significativo na vida da mulher que desperta dúvidas, desde as fases antecedentes, até o transcorrer do evento propriamente dito. Carvalho e Coelho (2006) afirmam que com o término de sua capacidade reprodutiva, configurada pela menopausa, a mulher tende a se perceber entre dois momentos antagônicos: a juventude e a velhice. Nesse sentido, é provável que elas tenham inquietações que as impulsionam a procurar por respostas que as ajudem a conviver com as manifestações inerentes a esse período da vida.

Nesse sentido, infere-se que no processo de busca por informação, as mulheres podem vivenciar etapas que perpassam pelo reconhecimento da existência da necessidade informacional, pelo caminho que elas percorrem até conseguir as respostas, e por estratégias de busca podendo selecionar, ao final, os conteúdos que irão satisfazer às suas lacunas informacionais sobre esses temas, possibilitando a construção de significados e, conseqüentemente, de conhecimentos. Costa e Pires (2014) afirmam que esse processo influencia diretamente nas estratégias de obter informação, pois promove aspectos cognitivos que são explorados com o objetivo de construir o conhecimento e, conseqüentemente, é grande a probabilidade de produzir conteúdo de qualidade.

Revelou-se, como último indicador da categoria em estudo, as FONTES ACESSADAS utilizadas pelas mulheres para buscarem as respostas de que precisam a fim de satisfazerem às suas necessidades, que todas essas fontes atendem às suas necessidades informacionais em 100%. Conforme é possível observar no gráfico 10 abaixo, tem-se em posição de destaque a *internet* com 71,4%, seguida de *jornal* com 52,4%, *livros* com 33,3%, *rede social* com 28,6%, *tv* com 23,8%, *revista científica* com 19%, *rádio e bate-papo com amigos* 14,3%, e *artigo científico* com 9,5%.

Gráfico 10 – Fontes acessadas



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Analisando essas respostas, inicia-se esta sessão com a fonte mais citada, a *internet* com 71,4%. Este apontamento pode se dá em consequência da facilidade de acesso, pela rápida divulgação e pela grande abrangência das informações obtidas e compartilhadas. De forma autônoma e com facilidade, as mulheres podem acessar a internet através dos seus próprios celulares, dos notebooks e tablets. Ademais, a rede móvel e o *wi-fi* disponível permitem o acesso à internet e às informações de forma rápida e de onde estiverem.

Esses achados convergem para concordar com a pesquisa realizada por Abe e Cunha (2011) ao constatarem que a Internet não só tem se constituído como a principal fonte de informação, como também tem sido a única fonte para uma minoria (13,82%) de estudantes do ensino médio de escolas particulares de

Florianópolis/SC, o que indica que os estudantes têm interesse por fontes variadas. Entretanto, insistem no uso da internet e nunca desistem (48,52%) de buscar informações neste ambiente.

Seguindo com as análises, percebeu-se que *jornal* foi a segunda fonte mais citada pelas mulheres, com 52,4% de frequência. A utilização dessa fonte informacional pode estar relacionada ao fato dela ter sido o meio mais comum de se obter informações antes do surgimento da internet. Entretanto, os avanços no cenário digital fizeram os jornais deixarem de ser o meio mais procurado para obter informação. A facilidade de acesso às redes e às mídias, a rapidez do contato com o informativo que elas proporcionam e a praticidade no uso e na reprodução da informação fizeram dos meios tradicionais da busca por informação uma opção secundária e, quiçá, terciária no ranque das fontes utilizadas. Concordando com essas afirmações, Santos e Filho (2002) constataram na pesquisa em que, entre as fontes de informação sobre nutrição e saúde utilizadas por estudantes de uma universidade privada de São Paulo, destacavam-se as revistas como a mais mencionada (33,0%), seguidas pelos médicos (18,4%), em terceiro lugar apareceram os jornais (13,4%), seguidos pelos programas de televisão (9,9%) e pelos familiares (7,2%).

Por outro lado, é possível que as mulheres se atentem ao fato da aquisição informacional acontecer através de fontes que sejam confiáveis e que sejam verídicos os conteúdos buscados, pois estudos apontam que as fontes tradicionais de informação têm um público que lida com a preocupação da confiabilidade nas informações adquiridas e da credibilidade do meio em que elas são publicadas. Concordando com essa afirmação, uma pesquisa realizada pelo Instituto Máquina de Pesquisa-Impacto das Mídias (2014) avaliou a fonte de informação utilizada pelos líderes e tomadores de decisão do meio empresarial brasileiro e constatou que os jornais diários estão no dia a dia de 70% dos entrevistados e que o jornal é a mídia com mais credibilidade entre os executivos. Ademais, 81% deles apontaram o jornal como fonte mais confiável de informação.

Dando seguimento à análise, os *livros* aparecem com 33,3% de frequência enquanto fonte de informação acessada, seguido das *redes sociais* com 28,6%, *tv* com referência de 23,8%, *revista científica* com 19% e *rádio* com 14,3% enquanto a sétima opção de fonte informacional na preferência das servidoras. Isso demonstra o uso da comunicação audiovisual como meios de se informar sobre assuntos

diversos. Embora não sejam as fontes mais usadas por elas, isto não as impedem, evidentemente, que obtenham informações a partir desses meios. Conforme já constatado em estudo citados anteriormente, as fontes consideradas como tradicionais ocupam espaço inferior no posto da procura informacional atualmente, em detrimento da prevalência dos meios digitais que aparecem no topo das buscas. Entretanto, o mesmo estudo do Instituto Máquina de Pesquisa-Impacto das Mídias (2014) apontou que o rádio (71%) e as revistas (68%) são as segundas e terceiras fontes mais utilizadas pelos empresários brasileiros, e isto está atrelado ao fato delas serem ferramentas tradicionais de busca em que existe confiança e credibilidade no que é informado, segundo eles. Concomitantemente, na pesquisa realizada pelos autores Ferreira, Lunet e Silva (2017) quando, ao estudar a informação sobre saúde dos portugueses, constataram que a Tv (10%) e o livro (1,1) tem prevalência baixíssima enquanto meios para se buscar informação sobre saúde, sendo que a principal fonte utilizada são os médicos com 65,3%. Isso demonstra que os processos de comunicação interpessoal, a comunicação via audiovisual e escrita foram pontos relevantes na interpretação dos autores ao estudarem as fontes de informação sobre saúde utilizadas pelos portugueses.

Ademais, o *bate papo* foi referenciado como fonte de informação em 14,3% das citações e, em última escolha, ficaram os *artigos científicos* com 9,5% de representatividade nos dados analisados. Essas fontes informacionais utilizadas, não menos importante em relação às demais referenciadas, mostram que o espaço onde as mulheres estão inseridas do ponto de vista organizacional pode estar, certamente, proporcionando o acesso concomitante a outras fontes que contribuem para ampliar seus conhecimentos, mantendo-as atualizadas sobre diferentes temas, especificamente, na área de interesse profissional. Percebe-se que o *bate papo* desenvolvido com colegas e amigos, referenciado enquanto fonte de informação é, possivelmente, a evidência de que a comunicação estabelecida face a face com outras pessoas tem papel relevante na busca informacional.

Além disso, é possível compreender o comportamento adotado por ela a fim de responder aos seus questionamentos, conforme os conhecimentos já existentes, pois, neste sentido, Rendón Rojas (1996) *apud* Araújo (2014) afirma que o processo de conhecimento não é um fenômeno em que um sujeito com uma lacuna informacional busca algo para preencher esse vazio. A mente do sujeito nunca é vazia, ela possui vários conhecimentos e também estruturas nas quais, a cada novo

conhecimento se acomodam, não numa lógica cumulativa, mas num processo interativo de alterar-se e ser alterado.

Dessa forma, é possível compreender que as mulheres são construtoras das suas próprias fases de vida, especificamente da maturidade que, determinada por fatores biológicos e fisiológicos, é influenciada por aspectos cognitivos e subjetivos, além do ambiente sociocultural em que estão inseridas. E, paralelamente, o comportamento informacional adotado para preencher as lacunas informacionais sobre esse período da vida irá fornecer o conhecimento necessário e permitir a adoção de práticas saudáveis que poderão amenizar as manifestações e os efeitos dos eventos da meia idade. Portanto, pode-se inferir que as mulheres na maturidade tendem a iniciar o processo de busca informacional a partir do entendimento de onde e como fazê-lo, considerando o saber pré-existente e estabelecendo, assim, uma conexão direta com o conhecimento adquirido para a formação de novos conceitos sobre o que é vivenciar a fase da meia idade e, então, conviver melhor com determinadas situações e contextos, tanto a nível fisiológico como social e organizacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres, servidoras da UFBA lotadas no Hospital Universitário que vivenciam esta fase da vida, permitiu-nos alcançar relevantes constatações acerca de como elas informam este momento da vida e das possíveis lacunas informacionais existentes sobre esse assunto contribuindo para os estudos relacionados à Ciência da Informação e demais ciências que ela tangencia.

A literatura revisada concedeu-nos a compreensão e a ampliação do conhecimento sobre o objeto pesquisado, abrangendo conceitos relacionados à informação, lacunas informacionais, busca e recuperação da informação, e fontes acessadas. Ademais, permitiu aprofundar estudos sobre o processo da maturidade pelo qual passam as mulheres, a partir de delimitadores cronológicos e determinantes fisiológicos. Nessa investigação, apurou-se que os estudos acerca das lacunas informacionais sobre a meia idade para mulheres que vivenciam a maturidade, ainda são diminutos. Outro quesito de destaque é que há muitas inquietações acerca do processo vivenciado nesse período de transição entre as fases adulta e a velhice.

No que concerne aos objetivos projetados para o êxito deste estudo, avalia-se que foram alcançados, considerando-se que as mulheres servidoras UFBA no Hospital Universitário foram caracterizadas no primeiro objetivo, evidenciado elementos referentes ao perfil etário, racial, religioso, escolaridade, ocupação, familiar, condição de saúde/doença e perfil econômico. Sendo possível afirmar que, em resumo, as mulheres pesquisadas já vivenciam a fase da maturidade, são negras, católicas, casadas e com filhos, formadas na área de saúde e com pós-graduação, e tem renda familiar superior a dois salários mínimos. Além disso, praticam atividade física, não tem doença crônica e nem fazem tratamento, porém, se automedicam.

Com relação ao segundo objetivo, apresentar os conteúdos informacionais sobre a maturidade informados pelas mulheres, constatou-se que a maturidade é percebida e informada como um período de mudanças com impactos na saúde física e mental, como um momento de transição, tendo o climatério e a menopausa como marcadores que se destacam nessa fase. Revelou-se, também, fragilidades nos conteúdos informados, uma vez que vivenciar a meia idade requer informação sobre

diversos assuntos, a fim de promover o conhecimento sobre o processo vivenciado, a aceitação e a adaptação às implicações inerentes a ele.

Há ainda fragilidades sobre os argumentos informados, pois ao se encontrarem inseridas nessa fase da vida, percebe-se que lacunas são identificadas e que implica em ações de busca pelo autoconhecimento e o autocuidado objetivando, assim, implementar práticas que proporcionem qualidade de vida.

Sobre o terceiro objetivo, descrever informação, busca informacional e fontes acessadas, constatou-se que o conceito de informação se limita a sua forma materializada – dados, a busca informacional tem prevalência relacionada à saúde e assuntos diversos. Porém, a busca informacional sobre a maturidade e seus eventos ainda não se constitui uma realidade considerável entre as mulheres. Outro quesito a ser destacado nos resultados alcançados deste objetivo, é que a internet se constitui na fonte mais acessada para obter informação e isto é devido ao acesso rápido e facilitado, o que causa certa preocupação no que se refere a veracidade dos conteúdos acessados e dos impactos desfavoráveis que podem causar na vida dessas mulheres.

Percebe-se, também, que apesar do acesso rápido e cômodo a informação pela internet, o jornal ainda é predominante como fonte informacional. A sua utilização deve-se ao fato da confiabilidade dos conteúdos acessados e de ser o meio antigo e tradicional para se obter informações.

Torna-se importante, por conseguinte, a ampla divulgação informacional sobre a maturidade e seus eventos para toda sociedade e, principalmente, para as mulheres. Além disso, faz-se necessário o acolhimento das demandas informacionais trazidas por elas durante esse período, buscando provê-las de conteúdos informacionais que as ajudem a entender, vivenciar e propagar essa fase da vida.

Ao analisar os objetivos conjuntamente, foi possível identificar lacunas informacionais sobre o processo da maturidade, o próprio conceito de informação, as fontes seguras de informação, as mudanças decorrentes desta fase, os sinais e sintomas vivenciados nesse período, climatério e menopausa, sobre saúde, assuntos diversos, conteúdos relacionados à profissão, qualidade de vida na maturidade e na velhice, envelhecimento, nutrição, hábitos saudáveis, sobre como entender e aceitar a meia idade e os seus eventos, sobre as formas de viver bem a maturidade, como obter soluções seguras para vivenciar essa fase, como ajudar a

compreender esse período e sobre como promover o autocuidado e, por fim, sobre como manter a mente e o corpo saudáveis. Além disso, evidenciaram-se necessidades informacionais sobre lazer, política, esportes, moda, viagens e assuntos relacionados à religião.

Considerando os resultados, conclui-se que a identificação das necessidades informacionais sobre a maturidade para mulheres de meia idade, servidoras no Hospital Universitário/UFBA foi contemplada, pois constatou-se a existência de lacunas informacionais não apenas sobre esta fase da vida como, também, sobre muitos outros assuntos relacionados ao momento vivenciado.

É relevante destacar que, muito embora existam estudos e publicações disponíveis sob diversas abordagens e nas diferentes fontes de informação sobre a maturidade feminina e seus impactos, a temática merece atenção especial da Ciência da Informação, uma vez que informação, comportamento e competência informacional são assuntos que compõe a estrutura da CI. Ademais, faz-se necessário expandir as possibilidades de informar sobre esse processo e suas implicações não somente as mulheres maduras, mas toda sociedade, podendo desmistificar o processo natural de um evento patológico com perdas sobre vários aspectos.

Dentre as maiores limitações, destacam-se: o período de pandemia, conciliando a ocupação profissional na linha de frente com a pesquisa, lapso de tempo prolongado de validação pela Comissão de Ética em Pesquisa do Hospital e dificuldade em obter as respostas ao questionário, sendo necessário prorrogar o tempo de aplicação do instrumento de coleta, e enviá-lo por duas vezes para as participantes. Apesar dessas limitações, este estudo apresenta modelos teóricos de comportamento informacional que mostram, num processo interativo, a possibilidade de compreender, especificamente, a busca e a recuperação da informação voltadas para as necessidades informacionais das mulheres na maturidade. Há, portanto, espaço para novas investigações que aprofundem e ampliem os conhecimentos sobre a temática podendo contribuir para a Ciência da Informação e outras ciências.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A.; PEREIRA, G. A.; FERNANDES, J. R. **A contribuição de B. Dervin para a ciência da informação no Brasil.** The contribution of b. Dervin to the Brazilian information science research. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis, v. 14, n. 28, p.57-72, 2009.
- ARAÚJO. C. A. A. **O Conceito de Informação na Ciência da Informação.** João Pessoa. Informação & Sociedade. Est., v.20, n.3, p. 95-105, set. /dez, 2010.
- ARAÚJO. C. A. A. **Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação.** Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan. /jun. 2014.
- ARAÚJO, E. P. O.; PAULA, C. P. A. **Comportamento informacional: introdução de perspectivas simbólicas e afetivas em investigações sobre usuários de informação.** PRISMA.COM (34), 2017.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que são “práticas informacionais”?** Inf. Pauta. Fortaleza, v. 2, n. especial, out. 2017.
- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES – ACRL. **Information literacy competency standards for higher education.** Chicago, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, A. A. **Uma história da ciência da informação.** In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). Para entender a ciência da informação. Salvador: EDUFBA.
- BASSIT, AZ. **Menopausa; uma passagem ao poder? Ou o início de um combate cultural?** In: FREITAS, E.V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2002.
- BASSIT, AZ. **Histórias de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice.** In: MINAYO, M.C.S.; JR,C.E.A.C. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Ed Fiocruz, 2002.
- BETTIOL, E. M. **Necessidades de informação: uma revisão.** Biblioteconomia: Brasília, v. 18, p. 59-69, jan/jun. 1990.
- BELKIN, Nicholas J. **Anomalous states of knowledge as a basis for informationretrieval.** Canadian Journal of Information Science, n.5, p.133-143,1980.
- BELLUZZO, R.C. B.; KOBAYASHI, M.C.; FERES, G. G. **Information literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na**

sociedade do conhecimento. ETD-Educação Temática Digital, Campinas, v. 6, n. 1, p. 81-99, out. 2009.

BERZINS, M.A. S.; BURQUEZ, R.D; PASCHOAL, S. **A Feminização do Envelhecimento.** In: O Climatério em suas mãos – Manual para Profissionais de Saúde. Área temática da Saúde da Mulher da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), 2004.

BORKO, H. **Information science: what is this?** *American Documentation*, v. 19, 3-5, 1968. Cavalcante e Valentin (2010), 2007. p. 13-34.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e ciência da informação.** In: Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação.** Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148- 207, jan./abr. 2007.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões.** São Paulo: SENAC, 2003.

COELHO, Marlene Morbeck. **Competência informacional no ambiente de trabalho: percepção do bibliotecário de órgão público.** GT 4: Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação. Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010.

COSTA. E. S.; PIRES, E. A. N. **O comportamento no processo de busca da informação por meio das tecnologias da informação e comunicação: um estudo de caso sobre os discentes da Faculdade de Biblioteconomia no Estado do Pará.** *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.19, n.3, p.149-188, jul./set. 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica do; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudos de usuários da informação.** São Paulo: Atlas, 2015.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação.** São Paulo: Futura, 1998.

DERVIN, Brenda. **An overview of sense-making research: concepts, methods and results.** International Communication Association. Dallas, TX, 1983.

DIAS, Fernando Skackauskas. **Migração conceitual entre sistemas de recuperação da informação e ciências cognitivas: uma análise discursiva.**

2011. 178f. Tese (Doutorado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **Information literacy: princípios, filosofia e prática.** Ci. Inf., Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social.** Ponto de Acesso, Salvador, v. 1, n. 1, p. 88-98, jun. 2016. Disponível em:<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396/878>>. Acesso em: 22 set. 2021.

DUDZIAK, E. A. **Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial.** Informação & Informação, [S.l.], v.15, n. 2, p. 1-22, dez. 2010.

DUARTE, E. N. **Tendências Temáticas do GT4 no ENANCIB 2011: Rumo à Gestão da Inovação.** Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa, v. 2, Número Especial, p. 4-11, out. 2012.

FIALHO, A. A. B.; MAFRA, S. C.T.; SILVA, E.P. **Mudanças no ambiente organizacional e qualidade de vida no trabalho: percepção dos servidores técnico-administrativos idosos, o caso da UFV.** Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL, vol. 10, núm. 2, pp. 20-42, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3193/319351653002/html/>. Acesso em: 20 set. 2021.

FREIRE-MAIA, Newton. **A ciência por dentro.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. In.: A ciência e seus métodos. Universidade FUMEC. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://ppg.fumec.br/ecc/wp-content/uploads/2016/12/MetodCientifica_02.pdf Acesso em: 07 jul.2021.

FREIRE, G. H. **Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos.** Perspectiva em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v.11, n.1, p. 6-19, jan. /abr. 2006.

FREITAS, Elizabeth Viana de; PY, Ligia; NERI, Anita Liberalesso; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; GORZONI, Milton Luiz; ROCHA, Sônia Maria da. **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FURTADO, R. L.; BELLUZZO, R. C. B.; PAZIN, M.C. de C. **Competência em informação e arquivologia: uma revisão bibliográfica sistemática no cenário nacional e internacional.** GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB), 2016.

FURTADO, Sandra Regina; ISSBERNER, Sahb Liz-Rejane. **Indicadores de qualidade de vida para os idosos: em direção a uma abordagem multidimensional.** GT 11 – informação & saúde, 2014.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. S. **Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários**. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 39, n.1, p. 21-32, jan./abr., 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLISSANT, Édouard. **Cultura e Identidade**. In: **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GOMES, W. M. **Gestão da informação dos controles internos da administração pública: análise sobre as universidades do nordeste do Brasil**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, 2018.

GONZÁLEZ-TERUEL, Aurora. **Los estudios de necesidades y usos de información: fundamentos y perspectivas acasales**. Gijón: Ediciones Trea, 2005.

HOLLNAGEL, E. **Is Information Science in an anomalous state of Knowledge?** Journal of Information Science, v.2, p.183-187,1980.

HEWINS, E. T. **Information need and use studies**. *Annual Review of information Science and Technology*, v.25, p. 145- 172, 1990.

HORTON, Jr. **Understanding information literacy: a primer**. Paris: UNESCO, 2008 *apud* FURTADO, R. L.; BELLUZZO, R. C. B.; PAZIN, M.C. de C. **Competência em informação e arquivologia: uma revisão bibliográfica sistemática no cenário nacional e internacional**. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB). Salvador, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, 2021**. Brasília, 2021.

INGWERSEN, Peter; JÄRVELIN, Kalervo. **Information retrieval in contexts**. [sem imprensa], 2005.

LARSEN, Birger; SCHNEIDER, Jesper Wiborg; ÅSTRÖM, Fredrik. **The janus faced scholar: a festschrift in honour of Peter Ingwersen**. Special volume of the e-zine of the International Society for Scientometrics and Informetrics, Copenhagen, v. 06-S, 2010.

LE COADIC, Y-F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da pesquisa científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

- MARTINS, S. C. **Gestão da Informação: estudo comparativo de modelos sob a ótica integrativa dos recursos de informação.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, 2014.
- MENDES, R.S.S. GUSMÃO, J. L. FARO. A.C.M., LEITE. R.C.B. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração.** São Paulo. Acta Paul Enferm., 2005;18(4):422-6
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 23ªed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- MINAYO, M. C. S.; JR., C. E. A. C. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- NERI, Anita Liberaless. **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Campinas – São Paulo: Papirus, 2001.
- OLIVEIRA, Antônio Benedito Silva (Coord.). **Métodos e técnicas de pesquisa em contabilidade.** São Paulo: Saraiva, 2003.
- OLIVEIRA, J. P.; ALMEIDA, M. B.; TALIM, M. C.T. **Apontamentos acerca da relevância das fontes de informação em ciências da saúde.** GT 11 – Informação e Saúde. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB). Rio de Janeiro, 2012.
- OSÓRIO, L. C. **O que é a família, afinal?** In L. C. Osório, Casais e famílias: Uma visão contemporânea (pp. 13-23). Artmed, 2002.
- PAIM, I.; NEHMY, R.M.Q. **Questões sobre avaliação da informação: uma abordagem inspirada em Giddens.** Perspectiva em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v.3, n.1, p. 81-95, jul./dez. 1998.
- PELLEGRINIE, Eliane; VITORINO, Elizete Vieira. **Dimensão ética da competência em informação: a experiência narrada dos bibliotecários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).** GT 6 – Informação, Educação e Trabalho. XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB). Salvador, 2016.
- PETTIGREW, Karen E.; FIDEL, Raya; BRUCE, Harry. **Conceptual frameworks in information behavior.** Annual Review of Information Science and Technology, v. 35, p. 43-78, 2001.
- PIRES, E. A. N. **Comportamento informacional e processo de busca da informação: bases fundamentais para pesquisa científica.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.2, p.288-307, jul./dez., 2012.
- PY, Ligia *et al.* **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais/organização.** Rio de Janeiro: Nau editora, 2004.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. 3 ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 2003.

ROLIM, Elizabeth Almeida; CENDÓN, Beatriz Valadares. **Modelos teóricos de estudos de usuários na Ciência da Informação**. Data Grama Zero, v.14, n.2, abr, 2013.

SANTANA, C. A.; LIMA, S. R.; DIAS, T.L. **Avaliação do comportamento informacional de usuários da página com açúcar, com afeto do facebook**. Biblios, núm. 64, 2016, pp. 1-14 Julio Santillán Aldana, ed. Lima, Perú. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/161/16148511001.pdf>. Acesso em: 23 set.2021.

SANTOS, J. C. S. **A informação em instituições políticas: subsídios teóricos e empíricos à proposição do modelo de comportamento informacional em assessorias parlamentares**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciênciada Informação. Salvador, 2016.

SARACEVIC, T. **Ciência da informação: origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SOUZA, I.G.C.O.; DUARTE, E.N. **Dimensões de um modelo de gestão da informação no campo da Ciência da Informação: uma revelação da produção científica do Enancib**. Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 152 – 169.

SOUZA, M. P. N. de; **Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação**. In: TOUTAIN. L. B. B. (Org.). Para entender a Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007. p.75-90.

TABOSA, H. R.; PINTO, V. B. **Caracterização do comportamento de busca e uso de informação na área da saúde: o modelo de Ellis aplicado ao estudo do comportamento informacional de pacientes**. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.26, n.2, p. 225-238, maio/ago. 2016.

WERSIG, Gernot. **Information-Communication-Documentation**. Munich: Verlag Dokumentation,1971.

WILSON, Thomas Daniel. **Human Information Behavior**. Informing Science Research, v.3, n.2, p. 49-55, 2000. Disponível em: <http://inform.nu/Articles/Vol3/v3n2p49-56.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

WILSON, Thomas Daniel. **Models in Information Behaviour Research**. *Journal of Documentation*, 55(3), 249-270, 1999.

WILSON, Thomas Daniel. **On user studies and information needs**. Journal of Documentation, v. 37, n. 1, p. 3-15, 1981.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

KUHLTHAU, C.C. **Inside the search process: information seeking from the users perspective**. Journal of the American Society for Information Science, v. 42, n.5, p. 361-371, 1991.

PORTAL SAÚDE BUSINESS – **Mulheres são maioria e avançam na carreira da saúde**. Disponível em: <https://www.saudebusiness.com/carreiras/mulheres-s%C3%A3o-maioria-e-avan%C3%A7am-na-carreira-de-sa%C3%BAde>. Acesso em: 02 abril.2024.

PORTAL FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ – **O protagonismo feminino na saúde**. Disponível em: [No mês da mulher, IFF/Fiocruz destaca o protagonismo feminino na saúde](#). Acesso em: 03 abril. 2024.

MENDES, Rafael Pereira da Silva. **Mulheres no mercado de trabalho**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm#Mulher+no+mercado+de+trabalho+do+Brasil>. Acessando em: 10 abril. 2024.

PNAD 2023. <https://portalfecomerciarios.org.br/noticia/47199/desemprego-entre-jovens-cai-para-153-em-2023-menor-desde-2014-informa-ibge#:~:text=A%20porcentagem%20de%20desemprego%20entre,nesta%20sexta%2Dfeira%2C%2016>. Acessado em: 15 abril. 2024.

PORTAL G1.com. **Pesquisa Data Folha**, 2020. Disponível em: [percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml](#). Acessado em: 16 abril. 2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Título do Estudo: Necessidades informacionais sobre a maturidade para as mulheres que vivenciam esta fase da vida.

Pesquisador Responsável: Dulcinéia Vieira de Assunção Gomes

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Senhora está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los. A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo desta pesquisa é identificar as necessidades informacionais sobre a maturidade para as mulheres servidoras UFBA, que vivenciam esta fase da vida e, assim, compreender como esta fase é percebida e informada por elas. Tem como justificativa a construção de novos conhecimentos e processos dentro de contextos social e organizacional com reflexos na qualidade de vida, além da possibilidade de criação de fontes específicas de informação voltadas para essa temática.

Caso aceite participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: será enviado um formulário com questões norteadoras via e-mail pessoal da pesquisadora responsável para o seu e-mail pessoal, a fim de que seja respondido e devolvido. Após responder o instrumento, não haverá outro momento de contato.

Toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco. O presente estudo apresenta possíveis riscos e desconfortos mínimos nos aspectos relacionados à segurança dos dados informados e exposição das informações coletadas. No entanto, a fim de minimizar tais situações, não haverá identificação nominal das participantes no formulário, o conteúdo informado será de acesso restrito ao pesquisador responsável via e-mail pessoal e os dados coletados serão de uso exclusivo do pesquisador garantindo, assim, a confidencialidade e o sigilo dos dados informados.

Contudo, esta pesquisa também poderá trazer benefícios. Os possíveis benefícios resultantes da participação na pesquisa são fornecer dados que serão analisados e poderão embasar a ampliação do conhecimento em nível multidisciplinar e promover melhorias para qualidade de vida da mulher na maturidade inclusive, nos aspectos relacionados às atividades organizacionais. Além disso, a identificação das necessidades informacionais sobre a maturidade na perspectiva da mulher poderá direcionar a criação de políticas públicas voltadas para a multiplicação de informação, conhecimento e orientação sobre o processo da maturidade feminina e, também, contribuir para a adoção de medidas alternativas que irão influenciar e favorecer a promoção da saúde tanto no âmbito social, como no profissional.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá nenhum prejuízo ao vínculo institucional ou avaliação curricular, respectivamente.

Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores. E, caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Caso ocorra algum problema ou dano resultante de sua participação na pesquisa, receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal diante de eventuais fatos comprovados, comnexo causal com a pesquisa.

Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Assim, solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados em eventos na área da Ciências da Informação e Saúde e, publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, por não haver identificação nominal da sua participação, o sigilo será mantido em absoluto, bem como em todas fases da pesquisa.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Dulcinéia Vieira de Assunção Gomes, pelo telefone (71)98853-1886, endereço Alameda do Bosque, 836. Reserva das Árvores – Jatobá, 3101. Horto Bela Vista/Salvador –BA e/ou pelo e-mail ducenf78@gmail.com, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/HUPES- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA; HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROF. EDGARD SANTOS- UFBA. Endereço: Rua Dr. Augusto Viana, S/n - Canela, SALVADOR (BA) - CEP: 4011060; FONE: (71) 3646-3450 / E-MAIL: cep.hupes@ebserh.gov.br.

Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma para participante e a outra do pesquisador.

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: **Necessidades informacionais sobre a maturidade para as mulheres que vivenciam esta fase da vida.**

_____ Nome do participante ou responsável _____ Assinatura do participante ou responsável	Data: ____/____/____
--	----------------------

Eu, Dulcinéia Vieira de Assunção Gomes, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

_____ Assinatura e carimbo do investigador	Data: ____/____/____
---	----------------------

APÊNDICE B - Questionário

Apresentação

Este estudo trata da identificação das necessidades informacionais acerca da maturidade para mulheres que vivenciam esta fase. Tem como objetivo identificar as necessidades informacionais sobre a meia idade para mulheres servidoras UFBA lotadas no Hospital Universitário. Durante a passagem da fase adulta para a velhice, a mulher vive um período intensificado de mudanças conhecido como maturidade, sendo demarcado por indicadores cronológicos (dos 35 aos 65 anos) e biofisiológicos (climatério e a menopausa) que, segundo PY *et al.* (2004), desempenham importante papel enquanto sinalizadores dessa fase de transição.

Este questionário é uma etapa integrante da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade Federal da Bahia. As informações obtidas terão sua confidencialidade assegurada e serão utilizadas exclusivamente para fins deste estudo. Agradecemos a sua contribuição!

BLOCO I – IDENTIFICAÇÃO

IDADE: _____

ESTADO CIVIL: _____

GRAU DE ESCOLARIDADE

() Ensino fundamental completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Técnico incompleto

() Técnico completo

() Graduação

() Pós Graduação

() Mestrado

() Doutorado

OCUPAÇÃO: _____

RAÇA: _____

RELIGIÃO: _____

FILHOS: Sim () Quantos? _____ Não ()

PRÁTICA ATIVIDADE FÍSICA

Sim () Qual? _____ Não ()

TEM ALGUMA DOENÇA CRÔNICA

Sim () Qual? _____ Não ()

FAZ TRATAMENTO MÉDICO

Sim () Não () Porquê? _____

USA MEDICAÇÃO CONTÍNUA

Sim () Qual? Não () Porquê? _____

RENDA FAMILIAR: _____

BLOCO II – CONTEÚDOS INFORMACIONAIS SOBRE A MATURIDADE.

O que você entende sobre o período de transição da vida adulta para a velhice, conhecido como maturidade (35 aos 59 anos)?

Identifica algumas mudanças durante a maturidade? Quais?

O que você entende por climatério e menopausa? Tem necessidade de informação sobre o climatério e a menopausa? Porquê?

Você procura informação sobre a maturidade (35 aos 59 anos)? Porquê?

Quais informações gostaria de ter acesso sobre a maturidade?

Como você entende que a informação pode interferir nessa fase de vida da mulher? Porquê?

Quais são as fontes de informação que você utiliza para obter respostas sobre as dúvidas relativas à maturidade? Essas fontes atendem às suas necessidades?

BLOCO III – INFORMAÇÃO, BUSCA INFORMACIONAL E FONTES ACESSADAS.

O que você entende por informação?

Você busca informação? Por qual o motivo?

Quais fontes você utiliza para obter informação? Essas fontes correspondem às suas necessidades?

Sobre quais assuntos você busca informações?

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética de Pesquisa

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROF. EDGARD
SANTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - HUPES/UFBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NECESSIDADES INFORMACIONAIS SOBRE A MATURIDADE PARA MULHERES QUE VIVENCIAM ESTA FASE DA VIDA

Pesquisador: DULCINEIA VIEIRA DE ASSUNCAO GOMES

Área Temática:

CAAE: 73016723.9.0000.0049

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER - Número do Parecer: 6.500.721

Apresentação do Projeto:

VIDE: Informações Básicas do Projeto da Plataforma Brasil (Introdução, Hipótese, Metodologia. Data de Submissão do Projeto: 04/11/2023 Arquivo: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2172372.pdf)

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Todos os termos foram apresentados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Após nova análise, com vistas a Resolução CNS 466/12, tendo sido sanadas todas as pendências relatadas anteriormente, dá-se como **PROJETO APROVADO**.

Considerações Finais a critério do CEP: O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, completamente assinado. O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou, aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata. O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Situação do Parecer: APROVADO

Necessita Apreciação da CONEP: Não

SALVADOR, 10 de Novembro de 2023

Assinado por:
NATANAEL MOURA TEIXEIRA DE JESUS
Coordenador(a)